

Org.: Kinaya Black



TERRITÓRIOS afrofuturistas

Novas narrativas para o sertão

AUTORES:

Agna Tavares • Bruno Trajano • Dayze Vidal
Diego Ribeiro • Ezequiel Quirino • João Aluado
Lucas Matinada • Oziel Herbert
Ramires Ventura • Yan Victor

realização

apoio



Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO



Sobre o projeto

Entendendo a literatura como uma ferramenta de transformação social o projeto pretende fortalecer as identidades afro cearenses por meio da comunhão entre o popular e o cotidiano do povo, com a escrita afrofuturista, que firma o lugar do negro enquanto narrador de suas histórias. Ao fortalecer essa identidade negra cearense, os indivíduos buscam novas formas de ver o mundo e absorver o seu meio, criando assim afeto por seus semelhantes e fortalecendo o vínculo entre a comunidade; desta forma a literatura atua como uma ponte para que mais e mais pessoas possam se abrir para o mundo e transformar suas vidas.

ARRANJA
GATÃO



TERRITÓRIOS
afrofuturistas
Novas narrativas para o sertão

bebê
tá
bem...

17 DIAS NO INFERNO

Oziel Herbert

11 - AUD - WPP 2007219

ARRANJA UM CARRO



realização



apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



Ilustrações: Anabel Lessa

EQUIPE:

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Anabel Lessa

Capa: Jason Felipe

17 DIAS NO INFERNO

Oziel Herbet

Bloco de notas 1

Aê, pega a visão. Lembra da Amanda? Pois é, menina boa, mora umas três ruas atrás da minha e é maior orgulho pra mãezinha dela. A cumade é assim da minha cor, cabelo armado e toda estilosa, estilosa que só vendo. A boca grande, o queixo para cima e um olhar que, mano, só vendo, parece tiro de três oitão no meio do reggae, chama atenção, tá ligado?

Aluna da UNIFOR, tu acredita? Pois é, passou no ENEM e tudo, bolsa de 100%! Acho que ela estuda moda, essas coisas aí de desfile, de modelo, nunca entendi muito bem não, até porque a gente deixou de falar direito depois do ensino médio. Milton Dias juntou geral só para separar depois, tá ligado? Era a única escola de ensino médio lá das área. O que era meio tenso. Porque tipo, Acaracuzinho, Vila da Paz, Santo Sático, Alto Alegre, Novo Oriente, era uma escola só para esses bairro tudo e cada bairro era de uma facção diferente, aí era embaçado, mas mesmo assim, era massa a escola. Os professor e as professora, maior dedicação, tirando uns, né? Sempre tem esses aí que não quer nada com os alunos, chega, dá a lição e vai embora, mas a maioria sempre tentava instigar, fazer geral passar no ENEM, ter futuro, essas coisa.

Aí era aquele rolê, né? Todo mundo tentava, mas nem todo mundo conseguia. Os filhos dos comerciantes sempre conseguia passar, fazer os curso. Aquela coisa, né? Fi de rico, mesmo que fosse burro, sempre conseguia pegar um pré-vestibular, um preparatório, tinha mais tempo para estudar porque não tava no corre para pagar as contas, sustentar a família, essas coisa. Por isso mesmo, desde o Milton Dias, eu ficava na instiga com aquela cumade. Mancho, a mulher

preta, de cara nos livros, tramando pra ajudar a mãe nas confecção dela e ainda passa de primeira no vestibular? Mano? Inspiração.

Tanto é, mano, que depois que os zumbi começaram a caminhar pela rua, primeira pessoa que pensei foi nela. Mano, todo dia, todo dia mesmo, a gente saía de casa bem cedinho e pegava a estrada junto. Saindo ali do Alto Alegre, descendo pela rua oito até o Novo Oriente, passando vuado pela escola do Gondim até a avenida central, pra finalmente fechar aqueles últimos quinze minuto de caminhada até a estação da Rachel de Queiroz. Ela na instiga do estudo e eu na instiga da carteira assinada, sempre num papo bem massa. Uma camaradagem de metrô lotado, tá ligado? Amanda era cabeça, mano, lia muito, sabia das coisa. Inclusive, maior putaria esse lance de zumbi, mano, três dias sem trabalhar por causa desses monstro andando na rua, maior medo de quando passar essa porra, patrão chegar com história de demissão. O Miguel me falou que era loucura se preocupar com isso, mas sei lá, mano, patrão não tem coração não, se aproveita de tudo. Parece que eu tô é veno, o exército, a ONU, sei lá, chega aí para acabar com esses bicho e aí patrão abre um pedido de falência, demite todo mundo e ainda ganha uma nota milionária paga com imposto da gente.

Mas ao menos tô tendo tempo para escrever uns RAP, botar uns texto atrasado para frente. A missão é fazer um EP sobre o apocalipse zumbi antes que alguém faça primeiro, que aí já garante uma arruma de visualização pra ver se o *youtube* paga uns almoço no final do mês, se duvidar até um aluguel dá pra bancar. Meu último som, bicho, 70% feito no celular, deu 50 mil visualização. Mãezinha ficou orgulhosa. Os amigo do trabalho, até o corno do chefe elogiou o trampo. Mas o auge mermo foi o cana me dando um baca, aí um deles falo assim "ei, esse aí é hip-hop, deixa ele ir."

O foda, ma é que não dá para fazer música direito preocupado com os amigo. Mano, a Amanda saiu no sábado, dia do aniversário dela inclusive, e ainda

não tinha voltado pra casa. Ma, a gata saiu no dia dezessete e já é dia vinte, mano! Dia vinte! Quiçá eu podia até escrever sobre ela? Amanda e os Zumbis! Ou sei lá, acho que dá um puta nome pro EP. Na real, dá uma raiva. Não bastasse porra de polícia, porra de facção, agora tem esses zumbi andando aí pela rua, parando tudo, comendo a gente. E o pior é que nem bala resolve, tu acredita? O Dono aqui das área teve a boca invadida por uma horda, bala comeu solta, uns cinco minuto de trocação e resolveu nada. Zumbi todo cravado de bala continuou caminhando pra cima dele e ontem mesmo eu vi a galera da

boca todinha andando pela rua de boca aberta, babando, arrastando o chinelo, a carne podre e as arma pendurada no ombro, no calção, tudo transformando nessas aberração aí.

Mano, puta merda, nem acredito, eu aqui pensando na Amanda aqui no bloco de notas do meu *android* e ela me passa um zap. Parece que ficou presa no prédio duma branquela na Aldeota e tá tentando sair de lá. Mandei ela se cuidar que parece que essa onda de aberração começou lá naquelas banda de Aldeota, Meireles. Veio do Sul e se instalou por ali, vou lá avisar a mãezinha dela que ela tá viva, tu acredita que a véia dela não tem celular? Pedindo a Deus para dar tudo certo.

Transcrição de AUD-WPP2007201903...

E aí, Junin, como é que a mamãe tá? Avisa para ela que assim que acabar essa treta de morto-vivo eu vou comprar um celular para ela e que ela vai ter que usar um. Essa coisa de viver sem celular é uma merda ainda faz os vizinhos ficar dando recado meu pra ela. Chegou zumbi aí na quebrada? Alguém da rua foi mordido? Tô lendo aqui tuas pergunta, mas se acalma, vou tentar te contar tudo que aconteceu até agora nesse áudio. E sem essa de "não manda áudio", otário. Tô sem paciência para escrever. Pensa que vai render uns *remix* irados pro teu EP e escuta.

Quando tu tocar esse áudio tu vai ouvir um som de gemido no fundo. Parece um gato, um gato gigante, com uns três metros de altura, ronronando. Infelizmente, não é uma coisa fofa dessas não. É tudo zumbi gemendo aqui no edifício. Junin, ma, aqui tá lotado desses monstro. Agora eu tô numa sala, num outro apartamento. A casa da Lara tava ficando sem comida, incrível como esse pessoal rico não estoca nada para cozinhar, parece que vive de *ifood*, aí eu tive que sair para procurar mais comida. Rolou que eu tava tentando achar uma saída e acabei achando esse apê aberto, sem zumbi e cheio de comida. Tô coletando suprimento aqui enquanto falo contigo.

Mas, deixa eu te contar a história do começo. Seguinte, dia dezessete era

meu aniversário, né? Aí tu sabe como é aquela galera da UNIFOR, né? Se acha melhor que os outro, acha que a gente é burra, mas infelizmente, os filha da puta são dono das agência de moda dessa cidade quase tudo. Aí eu tenho que fingir que sou amiguinha, né? Fingindo a maior docilidade para não perder toda possibilidade financeira. Pelo menos até eu ter minha própria marca, minha própria agência. Aí eu toda feliz, um dia antes do *meu dia* e a desgraçada da Lara me chama pra essa festa na casa dela, com a nata da nata, só os monstro da moda aqui no estado. Macho, eu já tinha até marcado de passar o dia lá na casa da Sarah, tomando umas Pitú e ouvindo MC Loma! Descendo até o chão com o Ed e a Bebê. Inclusive, me diz como tá todo mundo. Tô muito preocupada se a galera tá viva. Especialmente a Bebê.

Pois é, aí aquele naipe, né? Pegar um metrô, dois ônibus, quase quatro horas de viagem até chegar na casa daquela baitinga, crente de que ia ser apresentada para uma galera foda pra fazer uns dinheiros, e aí a desgraçada tava era organizando uma festa surpresa! Tu acredita? Bicho, eu fiquei muito puta, muito puta! Acho que deve ter dado pra perceber, não tem como, eu devo ter levantado os olhos da cara até o infinito de tédio quando vi aquela arruma de balão, bolo confeitado e álcool barato até o talo. Incrível como essa galera da Aldeota é mão de vaca. Tenho é certeza que se eu catar o celular do corpo de um deles vai ter um grupão de zap onde geral tá combinando o que levar pra gerar a festinha e a maioria só traz vodca de cinco conto. Mas o que eu não engoli mesmo, Junin, foi o que fizeram com a pobre da Maria. Tu acredita que aqueles moleque branco botaram a empregada para sair do Jangurussu até ali no domingo pra limpar a sujeira deles? Tu num tem noção, Junin, tu não tem noção do ódio!

Aí foi aquela coisa, eu completamente decepcionada, sorrindo amarelo pra todo mundo, tomando uma dose aqui, uma dose ali, a Lara tentando me animar enquanto os filhote de leite ninho fumava maconha e cheirava pó sem parar fingindo que se importavam com a minha presença ali. Tal hora eu sei que eu tava tão bêba, mas tão bêba, que comecei a chorar e pedir desculpa pra Dona Maria e aí, aquela coisa, né? Lara não sabia o que fazer comigo, os amigo branco dela tudo morto de vergonha por perceber a merda que tinham feito, eu lá falando de Grada

Kilomba, de Achile Mbembe e a pobre da Dona Maria sem entender nada, só passando a mão na minha cabeça e dizendo "é assim mesmo, minha filha, é assim mesmo." E eu toda doida gritando "mas não devia ser! Mas o racismo isso, o Brasil aquilo." e ela continuava me acalentando, toda fofa.

Tal hora, Lara liberou a Dona Maria mais cedo, o que me deixou bem mais tranquila. E aí me ajudou a tomar banho, me deu uns remédios pra dor de cabeça e pra dormir, me trancou no quarto dela, com a chave dentro, bem fácil de achar em cima da cabeceira, pra eu ir embora tranquila amanhã, e foi cheirar pó e comer bolo com os amigos dela.

Junin, ma, eu acordei numa ressaca que tu não tem noção nenhuma. A cabeça doía, eu tava toda me tremendo, já acordei correndo pro banheiro vomitar. Sim, acredite, a baroa tem banheiro no quarto. Acho que fiquei uma meia hora só tomando força para sair do quarto, tomando aspirina. A Lara parece que é especialista em ressaca. Nem tinha percebido, mas ela tinha deixado água e umas barras de cereal do lado da minha cama. Foi uma sorte da porra, por que se eu tivesse saído logo cedo do quarto, do jeito que eu tava, certeza tinha sido mordida logo de cara e agora ia ficar zanzando junto que esses zumbis aqui, toda torta e toda burra.

Eu acho que tentei abrir o *instagram*, ouvir um *podcast* de notícias, mas como tava sem internet, e eu tava com pouco crédito, aí eu só vomitei mais, bebi mais água, comi mais cereal e peguei num sono de novo. Não lembro direito, não. Aí eu acordei de novo, já passava de duas da tarde. Bebi mais, dei a última xiringada de vômito, comi o resto do cereal e abri a porta. Tu num tem noção do susto, Junin. Assim que eu abri, o corpo da Lara tombou na minha frente. A roupa dela tava toda rasgada, não tinha nenhuma carne nas perna, só o osso, completamente devorada. E aí, a burra aqui que vos fala, gritou. Mano, Junin, mano, a Lara levantou numa velocidade parecia que tinha ligado um motor na morta! Tentou me morder, começou a bater nas minhas pernas, não lembro direito. Eu fui chutando a cara dela, pensando bem foi muito doido isso, nunca tinha chutado a cara de ninguém daquele jeito, mas parece que liga um instinto na gente, quando a gente tá em perigo, coisa de bicho mesmo, sabe? Acho que

quebrei o pescoço dela e ela parou.

Aí eu virei o corpo dela, olhei direito, achando impossível ela se mexer daquele jeito, naquela ferocidade com as perna quengada do jeito que tava. Tava ajoelhada, observando o corpo dela, tentando entender que merda é que tava acontecendo, quando ouvi pela primeira vez o barulho das aberrações. O pior, Junin, é que o barulho deles é tão fofinho. Eu te juro virei a cabeça esperando ver um gatinho ronronando na maior tranquilidade. Mas aí, *plow*. Uma ruma de zumbi branquelo com a cara cheia de pó e sangue da noite anterior, roupa rasgada, corpo mordido, mermim aquele filme coreano lá que cê me mostrou, aquele do trem? Lembra? Felizmente, eles não era apelão que nem naquele filme. Quando me viram ali, começaram a andar bem devagarinho, quase caindo. Eu levantei bem pianinho, afastei a Lara da porta, entrei no quarto e tranquei a porta.

Ei, Junin, achei um Sucrilhos aqui com uma caixa de leite Ninho. Vô merendar, já te conto o resto.

Transcrição de AUD-WPP2007201904...

Então, Junin, pouco depois de eu entrar no quarto, o ronronar dos zumbis ficou bem mais alto. Aí eu botei o olho na fechadura pra ver como é que tava. Mano, tava cheio, cheio. Acho que todos os amigos da Lara estavam ali. No mínimo uns cinco, no máximo uns dez. Acho que eu demorei uma meia hora para aceitar o que é que tava acontecendo. Aí eu fui pro celular de novo, liguei o 3G e fui logo ver o *instagram*. Geral postando *stories* sobre os zumbis, vídeo de ataque, de gente morrendo. Acho que fiquei ali quase uma hora, vendo a galera morrer, tentando me ligar de como é que esse bicho funcionava.

Descobri que tudo começou lá em Curitiba. Parece que a doença veio de lá e foi se espalhando. Coisa de dois dias já tava no país inteiro. Bateu no Sul, Sudeste e veio de avião aqui pro Nordeste, mas aqui não tinha chegado com muita força, pelo menos aqui ainda tava sob controle. Lá no Sul era coisa de setenta, às vezes oitenta por cento da população infectada dependendo do estado. Aqui pelo

Nordeste não chegava a quarenta. Ceará então era um privilégio só, parece que a gente é mais forte, não sei, o lance é que quando o surto chegou só vinte por cento da população foi afetada e a maioria que virou zumbi mermo tava concentrada nos bairros ricos.

Aldeota, Meireles, Dionísio Torres, esses bairros de Beira Mar. Na área nobre parece que os infectados tavam chegando a setenta por cento, cagado e cuspidos o Sul do país.

Mas aí, a burrice foi grande, tava com o quê? Um e Cinquenta de crédito? Quando eu percebi chega a mensagem da operadora. "Você atingiu 100% do seu uso de dados." Aí eu tentei comprar crédito, mas não tinha mais internet para comprar créditos. Joguei o celular na cama, fui de novo lá dar uma olhada na fechadura. As aberrações continuavam ali, Junin. Bem paradinha. Só me esperando. Eu quase me desesperei, mas aí lembrei de mainha. Não. Não dava pra ficar ali não. Tinha que sair. Tinha que sobreviver, tá ligado? Chegar em casa nem que fosse a pé! Sentei. Fui pensando, sabe? Tentando conectar o que eu tinha descoberto no *instagram* pra bolar um jeito de sair dali. Aí, mano, sentei na cama, comendo mais cereal, bebendo água e matutando.

Tal hora fui olhar as gavetas da Lara, uma por uma, procurando qualquer coisa que pudesse me ajudar sabe? Achei um fundo falso de uma gaveta, mano, te juro que dei risada na hora. A Lara tem toda aquela carinha de fofa, típica princesinha branquela, tu adivinha aí que foi que eu achei nas coisas dela? Junin, ma, a Lara tinha uma *Taurus* bem guardadinha na gaveta das calcinhas dela. Fiquei olhando pra aquele troço, sem a mínima ideia de como usar. Aí eu destravei e a bicha disparou sem querer. Me tremi todinha de susto e os zumbis lá fora começaram a bater na porta. Parece que o som tinha instigado eles. Aí foi que eu tive uma ideia foda. Arrastei o criado-mudo da Lara pra detrás da porta, fui lá no banheiro dela, liguei a torneira e o chuveiro. Travei a arma, botei no bolso e pá! Subi no criado-mudo, me estiquei pra destrancar a porta e deixei ela abrir.

Tava me tremendo da cabeça aos pés, mas graças a Deus e os Orixás deu tudo certo. Os abestados seguiram em fila, parecia uns robozinhos, tudo se imitando na burrice, tu tinha que ver. A Lara demorou um pouco mais para entrar no

banheiro, tava sem as pernas, né? Pensei que ela tinha morrido de vez, mas nem quebrando o pescoço ela ficou morta muito tempo. Mas assim que ela entrou lá, desci devagarinho do criado-mudo, saí do quarto e tranquei a porta. Suave. Suave.

Aí foi isso, felizmente, não tinha mais zumbi na casa da Lara, não. Mas também não tinha mais comida. E aí eu só consegui ficar aqui mais um dia, sobrevivendo na base de miojo e lasanha de forno. Agora tô nessa outra casa aqui, que por sorte tava sem zumbi e com modem de wi-fi perfeitinhos. Acho que a família deve ter saído correndo, tinha até televisão ligada quando eu cheguei, mas sem marca de sangue, nem de luta. Acho que vou ficar por aqui por um tempo, até pensar num jeito de sair. Puta que pariu, priquito!

[E aí, meu povo, Junin falando. Nesse momento aqui acho que a Amanda derrubou uma tigela, no susto, algo assim. Fiquei preocupado quando tava ouvindo pela primeira vez, sei lá, mano, vai que a menina morre? Já pensou? A pessoa morre do seu lado ali no *whatsapp*, mas cê não pode fazer nada por ela? Maior vibe torta. Inda bem que, uns trinta segundos e uns dois sons de tiro depois eu ouvi a voz dela de novo. Mermão, se ela não morrer esse EP vai ficar irado. Só material bom, bom demais. Acho que vou *samplear* aquele trecho dela falando: "*o pior, Junin, é que o barulho deles é tão fofinho.*" A Amanda voltou a falar, mas tava ofegante, assustada.]

Aê, Junin, vou ter que mudar de casa. Entrou um zumbi aqui, tive que disparar e já tô ouvindo as aberrações se aproximar daqui. Fui. Quando tiver internet depois te ligo. Por favor, tenta me enviar qualquer informação que possa me ajudar aqui no zap. Manda tudo mesmo, vou olhar assim que achar outra casa com wi-fi. Avisa a mãe que eu tô bem. Não conta desse último ataque.

Transcrição de AUD-WPP2007201905...

Vou agilizar esse corre aí pra ti. Tamo te esperando. Sarah, a Bebê, o Ed, sua Mãe, tá todo mundo te esperando. Eu boto fé que cê vai viver Amanda, eu boto fé.

Transcrição de AUD-WPP2707201901

Meu celular descarregou. Passei dias até achar um carregador de samsung. Será possível que essa galera só usa *iphone*? Vou dar uma olhada nos *links* que tu me mandou; As ruas tão fechadas mesmo? Me conta como tão as coisas, por favor. Preciso de notícias boas. Urgente.

Transcrição de AUD-WPP2707201905...

Então, num tem nenhuma televisão aí nesses apartamento não? Se tivesse tu ia tá felizona oh, teu castigo tá acabando! Tem uma ruma de especialista falando desde ontem, acho que de anteontem até, que em alguns dias essa crise aí dos zumbis vai acabar. Parece que as aberração tão só causando, que são só carne podre, nem era um problema tão grande assim. Foi o que eu entendi, pelo menos. Seguinte, parece que em quinze dias a carne dos bicho vai tá tão podre que eles vão começar a se desmantelar no chão de fraqueza. Pelo menos aqui no Nordeste, que o sol é mais quente, os bicho já tão super podre, aí em quinze dias resolve. Lá no Sul parece que vai demorar mais, coisa de um mês, quem sabe uns dois, mas assim, eu acho que é jogo seguir a recomendação dos fardado, é sal você ficar aí dentro mais cinco dias, que é mais seguro, depois disso, os zumbi vão tá só a titela, se duvidar até no soco cê pega eles. Nem vai precisar da pistola.

Outra: tenta arrumar um filhote de gato. Aqui nas área um pivete descobriu isso e o dono da rua já adotou como estratégia. Sabe aquele barulho lá que o gato faz? Que o zumbi faz parecido? Tá ligada, né? Acho que tu falou disso naquele teu áudio. Esse barulho aí que o gato faz, o zumbi pensa que é um zumbi também, e nem mexe contigo. Eu morri de rir da foto que circulou no *zap* aqui da área, mas achei irado também. Uma arruma de nego armado até os dente, cada um com uns dois filhote de gato em cada ombro, fazendo cara de mal, segurando cabeça de zumbi. As rua aqui já tão tudo limpa, a boca voltou a funcionar e a maconha já tá circulando. Só num voltei a trabalhar ainda por que o patrão é Aldeota e nem notícia dele. Tomara que tenha morrido o corno véi. Ao meno a mulher dele é mais simpática. Nessas hora dá vontade de entrar pro crime, tá ligada? Tem uns pivete aqui da área faturando, tudo de mobilete, aparelho nos dentes, tu tem que ver.

Parece que se aproveitaram das aberração para tomar as boca do outro bairro e agora é tudo um dono só. Nem tiroteiro tá teno, maior paz, sem mentira.

Mas, ei, e tu? Fez o quê? Uns cinco dias que tu não manda mensagem, né? Conta aí o que aconteceu que tua mãe tá preocupada.

Transcrição de AUD-WPP2707201902...

E aí, Junin, beleza? Seguinte, maioria dos apartamento aqui tá destróçado. Tem muito zumbi por aqui e eles fizeram uma zona. Quase todo apê que eu entrei tava tudo quebrado, televisão, modem, sofá, mesa, tudo revirado e sujo de sangue. Achei até uma biblioteca em chamas, em chamas não, toda queimada já, só as cinzas. Graças a Deus que o fogo não se espalhou. Milagre mesmo. Peguei mais uns dois zumbis na porrada depois da última mensagem que eu te mandei. E não fazem cinco dias não, fazem sete! Tô cansada, Junin. Quero sair daqui.

Resumindo, avisa a mainha que eu tô bem, tô viva e agora vou ficar o máximo de tempo possível nesse apê que eu achei aqui. O lugar tá limpinho, acho que não tinha ninguém em casa quando começou o ataque. A televisão ainda tá de pé, dá pra eu ficar informada. Tem muita comida também, então fome eu não passo. Teve um dia, Junin, que foi tão ruim, passei o dia quais todo sem comer nada, porra nenhuma. O apê que eu tava só tinha uns lanche véi mó paia e eu tava cansada demais para me mudar, já tinha corrido duma horda de zumbi naquele dia. Tal hora eu só deitei no chão e pensei em morrer, tu entende? Junin, eu acho que nos últimos áudios eu tava mentindo, mentindo pra tu, mentindo pra mim, sei lá. Eu não aguento ficar aqui sozinha mais não. O desespero é muito grande, ter que ficar aqui, nessas casa bonita, mas vazia, sabe? Não tem ninguém por aqui, Junin. Não aguento mais chorar, não aguento mais lutar, não aguento mais ser forte não. Ser forte cansa. Sobreviver cansa. Pelo que eu vi aqui é bom eu ficar aqui o quê? Uns 10 dias a mais? Pra ir pra casa tranquila? Só quero chegar em casa, Junin. Não aguento mais não. Todo dia essa luta, todo dia. Parece muito quando eu entrei na UNIFOR, só que, tipo, umas dez vezes pior. Tu lembra?

A gente se encontrava no metrô de vez em quando e eu sempre tava com aquela cara inchada de sono? Aí cê me perguntava que é que tava acontecendo e eu falando que tava cansada, cheia de dúvida, cheia de medo, sem saber, sabe? Sem saber o que ia ser da vida. Se iam me dar emprego quando eu me formasse, se eu ia ter dinheiro para abrir minha própria agência ou se eu ia passar o resto da vida fazendo roupa pra branquela. Que eu tinha vontade de ser professora, mas não tinha nenhuma professora negra naquela merda de curso. E aí tu me falava que isso era besteira e eu concordava contigo só para não me sentir tão mal, mas, no fundo, no fundo, eu sabia, Junin, eu sempre soube. Eles acham que é tudo deles. Que a gente é invasor. Acho que eles sempre quiseram a gente morto, morto. Morto e dando lucro. É tipo isso que eu tô sentindo agora, só que agora eles não fingem mais que ligam pra gente. Querem comer a gente vivo e não se dão mais o trabalho de negar a intenção.

Eu quero ir pra casa, Junin. Dar um abraço na mãe, um beijo na boca da Bebê. Tomar uma dose contigo. F1 no telhado de casa, olhando a rua passar que nem onda do mar, tranquila. Dormir na minha cama. Eu tô cansada, oh Junin. Cansada dessa luta.

Transcrição de AUD-WPP2707201906...

Ei, mah, tu tá ligada que tu tá num prédio da Aldeota, né? Passa nos apartamentos. Vai de casa em casa e pega tudo que tu achar de chave de carro, desce pro estacionamento, tenta pegar um carro grande e vem pra casa. Outra coisa, ma, tu esqueceu que tu tá em casa de bacana, pô, certeza tem um apartamento aí com uns cem fuzil. Pega um e vem pra casa. Os zumbi já tão podres, não a ponto de dar cem por cento de vantagem, mas já tão podres o suficiente. Avisa se tu conseguir o carro, que aí a gente se organiza aqui pra te esperar. Faz uma festinha, chama tua mãe, a Bebê fecha o salão e vem te dar boas vindas. Só volta logo. Tamo te esperando.

Bloco de Notas II.

Amanda chegou em casa dois dias depois numa Hilux. Desceu do carro coberta de sangue, com o uma A12 dependurada no braço, um gato preto no ombro e uma peixeira na cintura. Assim que ela chegou eu tomei um susto, não achei que a doida ia seguir meu conselho de pegar um carro e sair atropelando zumbi da Aldeota até o Alto Alegre. Mas num é que foi exatamente o que ela fez?

Aí, a gente nem tava esperando muito, acho que, assim, eu pelo menos, pensei que ela tinha ficado sem bateria de novo, ou os zumbi tinha deixado ela sem internet de novo, ou só que ela tava ocupada demais, sabe? Tentando sobreviver mesmo, e por isso não tava falando muito. Quando ela chegou não falou nada. A mãe dela me contou depois que na hora ela nem falou direito. Chegou calada e foi pro banheiro. Ficou lá um tempão. Gritou. Chorou. Deve ter chorado, eu acho. Acho que tô começando a inventar coisa nessa história pra ela ficar mais interessante. Mas é assim mesmo, né? Quem conta aumenta um ponto. E assim, pra ser bem sincero, tem invenção desde o começo, mas não vou dizer o que é ficção nem o que é verdade. Essa parte aí cê descobre.

Obviamente, a gente deu uma festa no mesmo dia. Pessoal da rua se organizou. Veio Miguel, veio a Sarah, a Bebê, não sei se deu pra entender, mas Bebê é a namorada dela. Aí a Bebê correu lá pra casa dela e de lá trouxe ela pra cá. Agora que eu tô me ligando que falei Bebê três vezes, quatro agora né, no mesmo parágrafo. Devia mudar isso, a Amanda falou que o texto tava bom, que eu devia mandar pra concurso, essas coisas. Aí assim, tu deve ter notado que eu tô tentando falar um português mais "correto", mas, sei lá, escrever diferente pra ganhar dinheiro de Aldeota em concurso é paia. Mas é coisa de gênio isso também. Falar duas línguas num mesmo idioma, tipo, tipo, o MC Fioti metendo a Partita em Lá Menor do Bach em Bum Bum Tam Tam. Mano? Coisa de gênio área nobre não entende.

Mas enfim, voltando ao assunto, teve bebida, teve música, eu botei a churrasqueira no asfalto, chegou um som de carro também. Até o pastor daqui da rua deu uma passada pra ver como a gente tava. Foi sal, oh. E no fim, sol se pondo, o pessoal fumando um no telhado aqui de casa,

geral abraçando Amanda sob um céu cor-de-rosa que só tem em Maracanaú, tá ligado? É exclusividade.

E essa porra de zumbi aí? Mano, isso passa. Pode demorar quatro, oito, até uns doze anos, eu não duvido que demore pra passar não, mas passa. E a gente não vai só sobreviver não. A gente vai é viver, fazendo raiva pra esses corno aí que quer a gente morto, mas a gente vai viver.

 **TERRITÓRIOS**
afrofuturistas
Novas narrativas para o sertão

CIDADE VOADORA

Yan Victor

realização

 **RESSONÂNCIA
PRETA**

apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
CEARÁ



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO

 **PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

Ilustrações: Anabel Lessa

EQUIPE:

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Anabel Lessa

Capa: Jason Felipe

A CIDADE VOADORA

Yan Victor

A cidade voadora era um sonho tecnológico de Ivo, mal sabia ele que ela não passaria disso.

O sol nasce cedo no verão, Ivo acorda junto com ele e prepara um café bem forte. É um grande dia. A cidade voadora está finalmente pronta. Ivo toma um banho demorado, coloca a melhor roupa do guarda-roupa, penteia seu cabelo com o garfo preferido, relê o discurso que passou meses escrevendo. Enquanto espera ansiosamente sua limousine, observa carinhosamente seu lindo relógio de ouro na estante. Ivo entra no carro, dá um bom dia e pega o jornal. A manchete que estampa a capa deixa-o curioso e o faz sorrir. "A cidade voadora: um sonho ambicioso ou impossível?", continua lendo.

"A cidade voadora é esse projeto ambicioso de uma cidade onde ninguém morrerá de fome ou de sede, todas as diferenças poderão ser aceitas e a palavra vai poder se impor à violência ou pelo menos é isso que pensa seu criador. Depois de 5 anos sendo construída está finalmente pronta. É uma réplica da cidade de Sobral, cheia de praças e árvores, com uma tecnologia de ponta, sendo referência para todo o Brasil na manutenção da vida. Tem diversas fontes de água potável espalhadas e uma gigantesca horta com comida suficiente para todos os moradores durante todo o ano. Todos os problemas de um sertão seco e miserável foram solucionados em uma única cidade, que foi construída cerca de 10 quilômetros da costa cearense, no meio do oceano atlântico. Isolada, autossuficiente, independente, promete ser o caminho do futuro já que as expedições espaciais estão cada vez mais infrutíferas. As pessoas que irão morar na cidade serão todas aquelas que ajudaram a construí-la. No entanto, foi preciso também vender algumas vagas para bilionários ao redor do mundo, para arrecadar capital suficiente para cobrir todos os custos."

O carro começa a diminuir a velocidade. Ivo, preocupado, desgruda os olhos do tablet e observa os obstáculos de sujeira à frente, percebe que as montanhas de lixo estão cada vez maiores e podem ser vistas a quilômetros.

- Tem que se ter cuidado, além do risco de intoxicação alimentar podemos ser soterrados por eles, comenta Ivo com o motorista.

Achando que estaria atrasado, olha para o seu braço em busca do relógio, porém, quando o encontra vazio, estala a língua e dá um grande suspiro.

- Algo errado, meu senhor? Pergunta o motorista.

- Nada errado – mente Ivo para o homem e para si mesmo – São que horas agora?

- Ainda temos tempo, não se preocupe.

No caminho pôde rever tudo aquilo que ele mais odeia; a miséria humana. Apesar disso, sentiu o gosto da vitória. A melhor vingança não poderia ser outra que a excelência e a dignidade dos seus. Desde criança, Ivo se incomodava com as injustiças do mundo, nunca fez sentido pra ele uma pessoa sentir fome, sede, não ter casa, não ser amada. Tinha o sonho de salvar a humanidade dela mesma. Chegar a uma paz absoluta que ninguém nunca mais passasse por nenhuma dificuldade. O que muitos não sabiam era que a cidade voadora era um sonho compartilhado.

Adriano, mesmo com um pé atrás, foi o único que apoiou Ivo em seu sonho delirante. Conheceram-se em um lindo dia de domingo ensolarado, que por coincidência do destino estavam eles no mesmo local, no dia certo, na hora exata. Passavam horas juntos todos os dias. Sempre da mesma forma. Um de frente para o outro, longos olhares fixos, movimentos rápidos, pitadas de tensão e nervosismo pairando no ar. O encurralar era regra do jogo íntimo. Jam sempre até o fim.

- Tu acredita que é possível mesmo? Uma cidade sem miséria, sem violência? Perguntou Adriano com seus olhos questionadores.

- Não sei... sou ingênuo por ter esperança? Só quero poder sonhar com um lugar seguro, sem achar que a vida, a minha vida e as dos que andam comigo estão sempre em xeque.

- Pelo menos não chegamos no mate - respondeu Adriano com uma gargalhada.

De volta de seus devaneios e cansado de esperar, Ivo pede para ligar a rádio. Anunciam com uma voz empolgada:

- *A cidade voadora surge no melhor momento possível, o ano 3000 atesta o pior*

da humanidade, o que você espera do futuro da cidade, Adriano? Pergunta a radialista.

- Olha, o planeta Terra enfrenta graves problemas ambientais que têm consequências desiguais nas diferentes vidas, todas as tentativas de redução da produção de lixo no mundo foram falhas, milhares de mortes por intoxicação de microplásticos, a comida descontaminada ficando cada vez mais escassa, secas violentas durante todo o ano. Um caos instaurado na luta básica pela sobrevivência. E vocês sabem quem morre mais! O que espero é uma cidade totalmente diferente do que vivemos hoje, não dá mais pra continuar assim, responde Adriano.

Mas não foi diferente na cidade voadora, Adriano, por acaso ela não foi construída com muito sangue? Sangue de desespero. Sangue dado por uma terra prometida que nunca poderá ser usufruída por essa gente. Custou 5498 vidas e essa dívida foi paga com apenas uma singela homenagem; uma área reservada no museu da cidade para todas as vítimas dessa construção. Cidade voadora ou cidade destruidora, Adriano?" Desligam a rádio. De repente Ivo começa a ouvir vozes de um passado não tão distante.

- Você estava errado! Esse seu sonho impossível só gerou mais mortes! Gritou Adriano raivoso.

- Como eu poderia prever tudo isso? As pessoas morrem, Adriano! É um trabalho de alto risco, com uma tecnologia nova. Acidentes acontecem, só não quero manchar todo nosso sonho por causa de algumas vítimas.

- Vítimas? Foram essas pessoas que construíram o seu sonho, você deve sua vida a elas! O mínimo que você pode fazer é lembrá-las para sempre!

As diferenças entre eles no começo não eram óbvias, Adriano sempre foi inseguro com a ideia. Passou a vida toda tentando se esconder, sonhava com um lugar tranquilo ao sol, em uma praia, na qual pudesse ser ele mesmo, viver sem ser julgado, ao mesmo tempo achava impossível um lugar assim, calmo, tranquilo, sem ter que afirmar ou defender sua existência. Quando conheceu Ivo sentiu o prazer de imaginar tal local.

O carro estacionou, mas Ivo só percebeu que haviam chegado quando a porta foi aberta deixando uma brisa fria adentrar ao veículo. Levando uma mescla de sentimentos aprisionados dentro do peito, pôs o pé no chão e ergueu admirando sua própria criação. No mesmo instante o ar se encheu de gritos e palmas. Com um sorriso, ele cumprimenta os presentes, enquanto acena. O motorista o conduz, retirando-o dali e o fazendo adentrar ao elevador que o carregaria à cidade voadora.

Olhou mais uma vez para o espaço vazio onde deveria estar o relógio.

- Isso é o que eu acho que é? Um antigo Ivo perguntava a um Adriano mais jovem e menos sombrio.

- O famoso relógio de meu pai? Sim, é...

- Mas... - ele chorava - não... não precisava...

Adriano o abraçou.

- Eu sei como é importante pra você, meu amor...

- Você é importante pra mim e sempre vai ser...

- Então imagine o relógio como uma parte de mim...

Um bipe o tirou do passado e lhe transportou de volta para a cidade dos sonhos. O motorista o empurrou, fazendo ele sair do elevador e invadir a plataforma metálica repleta de gente. Ali, empresários, políticos, influencers e artistas o encararam com ansiedade.

- Chegou o Patrão! Ouviu um gracejo vindo da multidão.

Ivo encara os presentes na busca por apenas um olhar, o único que importa. Quando encontra, não é o que esperava.

"Então está sem o relógio..." Era o que aquela mirada significava.

"Eu esqueci... estava apressado." Tentou responder de volta, mas nunca saberia se tinha sido entendido.

Sem muito controle sobre suas pernas foi levado até um palco improvisado e ao subir, lhe entregaram um microfone. Era o momento. Depois de tanto sacrifício aquele era o momento.

- Sr. Ivo... Queríamos que falasse algumas palavras... Uma mulher, que ele não pôde identificar, pedia.

- Eu... - Adriano continuava lhe encarando como se o julgasse entre os presentes. Hoje... hoje é o melhor dia da minha vida e um grande dia para a humanidade. Finalmente... todos os sonhos de justiça e igualdade serão garantidos. Sim! Teremos comida e amor. - Suas mãos suavam e tremiam, mas prosseguiu - Não tem vez para a violência e nenhum tipo de discriminação. Não aqui! Nossa cidade contará com o estudo e ensinamento para uma liberdade genuína. Não queremos mais mortes! Chega de miséria!

Gritos de clamor concordavam com suas palavras

- ... Sei que esse sonho não é possível para todos, - continuou olhando para além daquela plataforma e vendo as pessoas emocionadas que os observavam lá de baixo - mas quem sabe um dia isso aqui não vire o futuro. Ainda há tempo de pensar nossas práticas no dia a dia, ainda há tempo de reverter o caos. Esse pingo de esperança começa aqui... hoje! Somos testemunhas da luta por um mundo melhor...

Um zumbido arde em seu ouvido, algo está errado... muito errado. O céu parece escurecer, sem que soubesse o motivo. Mas logo o motivo fica claro, lá no horizonte. Horrorizado, ele deixa cair o microfone e aponta para frente, sem ter como expressar o medo em palavras. A plateia acompanha seu dedo e quando percebem o que está por vir, o caos começa.

Gritos. Empurrões. Um chão duro abaixo de si e depois pés pesados sobre ele. Dor. Cheiro de sangue. Choro. É o choro dele?

Ivo, de olhos fechados, envolve a cabeça com os braços e sente um mar de gente passar sobre ele, enquanto tentam salvar a própria vida. Aquilo parecia não ter fim. Com quantas pisadas se faz uma morte?

De repente, mãos firmes surgem e agarram seus braços. Sem entender como, é erguido. Olhos de pranto o encaram. Uma mão quente e suada se gruda na dele. Suas pernas falham, mas correm. Ele o abraça desajeitadamente e confessa algo em seu ouvido. Eles correm, todos correm. Um tsunami de pessoas tenta fugir do verdadeiro tsunami que se ergue repleto de água, de lixo e de animais marinhos mortos.

Não há mais tempo. Mortos. Está morto. O sonho está morto, assim como Ivo, assim como Adriano.

A cidade que voava, agora jaz aos pedaços e ninguém sabe distinguir o que é lixo, o que é cidade, o que é gente.

 **TERRITÓRIOS**
afrofuturistas
Novas narrativas para o sertão



A MÁRTIR E A VELHA

Ezequiel Quirino

realização

RESSONÂNCIA
PRETA

apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
CEARÁ



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Ilustrações: Rômulo Fideles

EQUIPE:

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Rômulo Fideles

Capa: Jason Felipe

A Mártir e a Velha

Ezequiel Quirino

"Há quanto tempo a senhora está aqui, vovó?", perguntou Carmélia à avó, enquanto tinha seus cabelos trançados pela senhora. "Já faz séculos, minha pretinha, já vi gerações inteiras partirem e chegarem e trouxe à vida várias pessoas", respondeu a avó, que logo foi retrucada pela neta, "E por que a senhora também não partiu, vovó?" perguntou Carmélia, com o couro cabeludo dolorido pelas tranças mas contemplava seu reflexo no espelho e admirava seu cabelo, que lentamente era dividido em seções pela avó, que trançava o cabelo da neta com amor, seus olhos biônicos ampliavam sua visão e não deixavam que um único detalhe escapasse da visão da senhora, trançando as mechas da neta com a precisão de uma cirurgiã.

"Não terei com quem me juntar se partir", disse a avó. "E a senhora precisa se juntar a alguém pra ir, vó?" perguntou Carmélia à avó, encarando o próprio rosto em confusão em frente ao espelho pensando no que a avó disse. "Eu de nada serei sem ninguém", respondeu a idosa um pouco cansada com as perguntas, era desgastante ter de pensar em todo o tempo que passou viva, pensava em todos que já viu partir, mas respondia as perguntas da neta compreensiva pois bem sabia que crianças não medem as próprias palavras. "E eu preciso de alguém pra ser alguém, vovó?"

E as perguntas permeavam cada vez mais a mente de Carmélia com as palavras de sua avó, mas confiava nela e em sua sabedoria para tirar as suas dúvidas, mas a pergunta permaneceu um tempo sem resposta e a sala em que estavam ficou em silêncio, sendo somente preenchida pelo som de sua mãe passando as páginas do livro que lia sentada numa cadeira, e Carmélia aguardava pacientemente a resposta da avó, que lentamente concluía seu trabalho e finalizava as tranças no cabelo da neta.

"Olhe pro seu cabelo, meu amor. Essas tranças em seu cabelo que fiz estou passando para você, assim como passei para sua mãe e como um dia passaram para mim, se não tivessem me passado o conhecimento de fazer essas tranças seu cabelo não estaria lindo como está agora. Nós de nada somos sem o que já se foi, o que é passado de conhecimento, hoje é presente do passado, e o que será passado para o amanhã depende do presente. Você existe porque eu existo, e eu

não posso existir sem você, pretinha, e isso é com tudo e com todos", Carmélia ouvia o que a avó dizia enquanto admirava seu cabelo no espelho, "é por isso que aqui estamos e lutamos, para termos um presente pleno precisamos resgatar nosso passado, para assim podermos construir nosso futuro".

A mãe virou mais uma página do livro.

Carmélia retorna de seus pensamentos, está em pé diante do espelho do seu banheiro observando o próprio reflexo e admirando as tranças que fez em seu cabelo, lembrando de memórias da infância, dando os toques finais no cabelo antes de sair do banheiro, estava indo tomar um café na casa da avó naquela manhã, a velha Dona Nê, uma senhora de 273 anos que numa força de vontade inexplicável se recusava a morrer, era dona de uma profunda espiritualidade e consciência.

Dona Nê fez parte de um movimento guerrilheiro de resistência, foi uma das principais figuras no movimento que deu origem à Nação do Sertão Central, a NSC, que começou a ser formada pelo povo da região junto das pessoas que viviam na costa, que expulsas pelo avanço do mar, buscavam abrigo no interior e sofriam com abusos e violências das forças militares.

Abandonados por qualquer auxílio do governo e deixados à mercê do destino, todo o povo unido passou a criar, pouco a pouco, uma enorme nação completamente autônoma e independente de qualquer influência estatal, explorando a energia solar e desenvolvendo avançadas tecnologias, terras de cultivo em policultura, avançados sistemas de irrigação, canais, cisternas e açudes, e depois de quase um século a região estava tão avançada quanto a capital do estado, que agora se localizava na região do Cariri.

Em Quixeramobim, sede principal da Nação do Sertão Central, Carmélia cumpria a importante função de supervisora e conselheira da região e precisava estar sempre ciente de tudo que acontecia ali, precisando estar sempre repassando informações para outros supervisores e ao povo e estar sempre atenta às informações que recebia de todos, tudo isso por um sistema de rede que desenvolveram em todo o Sertão Central, onde as informações não ficam armazenadas em servidores fixos, mas sim são transmitidas de usuário para usuário na região, se sustentando em todos eles para existir, fazendo dessa rede impossível de se acessar de fora.

Com essas responsabilidades e todo o tempo que passou supervisionando e

visitando cada canto da cidade, Carmélia acabou criando muita intimidade com a população da região e por onde passava distribuía e era recebida com cumprimentos, e não foi diferente quando passou em frente a uma escola de ensino infantil e várias crianças correram ao seu encontro:

– Tia Carmélia! as crianças gritaram em coro, correndo em sua direção com sorrisos nos rostos.

– Oi, meus amores! O que vocês estão fazendo aqui fora? Não eram pra tá em aula?

– É hora do recreio, tia! A gente tava brincando no parquinho – disse um menino ofegante e o sol refletia em sua testa suada pela brincadeira.

– Entendi, e do que vocês estavam brincando?

– A gente tava tudo brincando de correr, tia, brincando de pega-pega – respondeu uma menina um pouco mais nova que as demais crianças ali presentes, mas conhecida por ser a mais danada de todas elas, e seu braço enfaixado mostrava isso.

– E tu consegue brincar de correr com um braço desse jeito, menina? perguntou Carmélia, rindo.

– Consigo até com dois, tia! respondeu a menina com a língua afiada.

Carmélia gargalhou, se agachou para dar um beijo na cabeça da menina e disse a todos:

– Ó, juízo vocês, eu tenho que ir agora, mas depois eu venho aqui pra brincar um pouquinho com vocês, tá bem?

– Tá bem, tchau, tia! – todas as crianças gritaram e correram de volta para o parquinho da escola, exceto uma menina, que estava encarando Carmélia com cara de choro, enrolando a camisa entre os dedos numa postura de aflição.

– Tia... – disse a menina, falando baixinho pela timidez, mas ainda assim conseguindo chamar a atenção de Carmélia, que já havia se virado para seguir seu caminho.

Carmélia se virou para a menina, somente para a encontrar se derretendo em lágrimas, soluçando ao mesmo tempo em que suas lágrimas escorriam pelas bochechas.

– Ô meu anjo, o que aconteceu? – perguntou Carmélia à menina, logo se abaixando para pegar a menina em seu colo que a abraçou com força e não parava de chorar – Estou aqui, tenha calma.

A menina, agarrada aos braços de Carmélia, agora se acalmava e as lágrimas e os soluços foram diminuindo para dar espaço à sua voz:

– É a ciranda, tia – respondeu a menina, enxugando as lágrimas dos olhos com as costas das mãos.

– O que tem a ciranda? Alguém fez alguma coisa com você nela?

– Não tia, eu e as meninas tamo brincando normal como sempre, é só eu que rodo, rodo, rodo, mas parece que eu não rodo junto delas, nem parece que eu tô na brincadeira.

– Como assim? Elas tão te deixando de fora da brincadeira, é? perguntou Carmélia, ainda sem entender do que se tratava a angústia da menina.

– Não tia, tá tudo normal, é só eu, sabe? Eu rodo, canto, mas meu coraçãozinho não fica mais feliz, e não é só com a ciranda, parece que nada mais me deixa feliz, tia, e já faz um tempinho que eu tô assim, tô com medo.

Essas palavras perturbam a cabeça de Carmélia, que agora entendia o que se passava com a menina e sabia que precisava resolver isso o quanto antes, não era normal uma criança nova como ela se sentir dessa forma. A menina continuou falando, mas Carmélia nada ouvia, só olhava através dos olhos da menina, reclusa em seus pensamentos: "Como assim, vó?" perguntou Carmélia à avó, que antes de poder falar qualquer coisa, foi cortada pela filha, mãe de Carmélia:

"Tão roubando a alma dos que morreram, Carmélia, roubando a alma se rouba a mente, as memórias, experiências, tudo sendo roubado e toda fonte de sabedoria e inspiração que bebíamos dos falecidos antepassados nos está sendo restrita", disse a mãe de Carmélia, sem tirar os olhos do livro que lia.

"Tão roubando todo o egun", disse Dona Nê.

"E todo o axé, também, sem a energia não somos nada também", acrescentou a mãe de Carmélia.

– Tia, tá tudo bem? perguntou a menina, segurando gentilmente as bochechas de Carmélia e a olhando firme nos olhos, fazendo-a retornar de sua atenção ao momento presente, encarando o rosto da menina como quem estranhasse a lucidez repentina por alguns segundos, com os lábios inferiores suavemente abertos e os olhos fixos, e a menina a continuava encarando, esperando uma resposta. Carmélia formou um sorriso para tentar confortar a menina, segurou suas pequenas bochechas com as

palmas das mãos e lhe deu um beijo na cabeça, retornando seu rosto para perto do rosto da menina, com seus narizes quase encostando um no outro:

– Tá tudo bem sim, não se preocupe, tá certo? – com um sorriso não tão aberto quanto o que havia dado antes, mas ainda sim reconfortante.

– Tá bem – respondeu a menina –, mas o que eu faço então, tia?

O sorriso no rosto de Carmélia, deixando no lugar uma grande expressão de incógnita em seu rosto, não fazia ideia do que responder.

– Foram eles, não foram, tia? perguntou a menina com medo, quase como se pudesse ver o que se passava nos pensamentos de Carmélia por detrás de seus olhos, deixando Carmélia novamente sem palavras.

– Não se preocupe com isso – respondeu Carmélia, reconhecendo que era tudo que podia dizer naquele momento.

A menina acenou com a cabeça e sorriu, confiava em Carmélia mais do que ela confiava em si mesma.

– Ei, Sofia! Bora, a gente vai tudo brincar de esconde-esconde! gritou um menino do parquinho à menina, que se despediu de Carmélia e voltou correndo para o parquinho.

Carmélia assistiu a menina voltar para o parquinho, se levantou e tirou do seu bolso um celular e enviou uma mensagem à avó, avisando que precisava resolver alguns problemas e que não poderia visitá-la naquela manhã, mas talvez mais tarde, depois fechou o aplicativo de mensagens e digitou um número para fazer uma ligação, que em pouco tempo foi atendida do outro lado da linha.

– Alô, filha?

– Oi, mãe.

– Meu deus, há quanto tempo! Lembrou que tem mãe, foi?

Carmélia riu:

– A senhora sabe que é difícil ligar, mãe, você mesma mal liga!

– É, é muita coisa pra eu fazer também aqui em Pedra Branca – disse a mãe de Carmélia com um tom de voz descontraído, que logo se fechou para um tom de voz mais sério – Por que ligou, então? Precisa me dizer alguma coisa importante?

– Na verdade eu precisava saber da Cluster, ela já não dá mais nenhum sinal de operação há muito tempo, tô com um mal pressentimento.

– Não estamos sabendo de nada, por aqui está tudo bem. Mas por que o

mal pressentimento? Aconteceu alguma coisa estranha aí?

Carmélia demorou um pouco para responder à pergunta da mãe, fazendo uma curta pausa para pensar no que dizer:

– Não, nada, tá tudo bem aqui.

– Claramente aconteceu, seu tom de voz entrega. Se prefere não me contar agora, tudo bem, mas por favor avise se alguma coisa acontecer ou se for fazer alguma coisa.

– Ah, claro, tudo bem, aviso – Carmélia movia a boca como se falasse um palavrão em silêncio para si mesma, detestava como não conseguia esconder nada de ninguém.

– Aliás – acrescentou a mãe – tem algo que pode lhe interessar. Seu pai está estudando um aparelho da Cluster que uma tropa de exploração conseguiu roubar de um laboratório de dentro de uma base deles lá pelo Cariri, destruíram tudo, mas pegaram alguns materiais para estudo. Ele está no laboratório de Quixadá, passe lá se tiver interesse, pode ser útil para você. Agora eu preciso desligar, filha, tenho muita coisa pra fazer aqui em Pedra Branca – disse a mãe de Carmélia antes de desligar a ligação.

– Tá certo, então, vou ver o que é isso aí que o pai tá estudando – disse Carmélia a si mesma, guardando o celular de volta em seu bolso e caminhando de volta para sua casa, que ficava há apenas algumas ruas de onde ela estava.

Chegou em sua casa e preparou uma mochila com algumas roupas, um lençol e uma toalha, pois não sabia quanto tempo ficaria em Quixadá, e sabendo disso também informou a uma colega que precisava estar fora de Quixeramobim e pediu para que ela ficasse em seu lugar nas tarefas daquele dia, pegou seus óculos de sol espelhados e os colocou em seu rosto, também pegou a chave de sua moto de cima da mesa da sala, saiu de casa e deu partida na moto que estava estacionada na calçada em frente à sua casa.

Saiu pela estrada em direção à Quixadá e seguindo a estrada que cruzava o sertão foi deixando a cidade de Quixeramobim para trás e o silêncio foi tomando o lugar da zoada da cidade, podendo se ouvir somente o som dos ventos e das rodas da moto de Carmélia, energizada pela luz do sol, que refletia em seus óculos espelhados.

O sol do meio-dia brilhava forte no sertão e banhava de calor um urutau que

erguia o bico aos céus, sentado num toco que um dia foi uma jurema preta, mantendo-se firme em sua posição a ave sutilmente, movendo somente seus olhos, encarou Carmélia que passava ao longe na estrada, que se espantou quando percebeu o olhar da ave, mas quando ela se virou para olhar para o urutau ele já havia fechado os olhos e desaparecido em sua camuflagem, seus olhos eram tudo o que denunciava sua posição.

A elegância daquela ave se prendia aos pensamentos de Carmélia, sempre a viu como uma criatura misteriosa, de uma beleza quase que fantasmagórica, ficando completamente imóvel quase que o dia inteiro, invisível aos olhos dos que passavam, mas sua presença podia ser sentida por todo o sertão, e os pensamentos de Carmélia foram acompanhados durante todo o percurso até Quixadá pela ave.

Momentos como aqueles em que Carmélia estava completamente sozinha eram raros, não estava muito habituada, mas era revigorante de certa forma por mais que preferisse estar ao redor de pessoas, esses eram momentos preciosos.

Perdida em seus pensamentos, Carmélia quase não percebeu as gigantescas placas de energia solar que se estendiam por mais de um quilômetro no sertão em volta da estrada, levando energia à Quixeramobim e principalmente à Quixadá, cidade em que pouco minutos ela chegou e a calma do silêncio foi levada pelo vento e em seu lugar a zozada da cidade retornou. Carmélia seguiu pela cidade com sua moto, diminuindo a velocidade e parando para pedir informação sobre o laboratório às pessoas que passavam pela rua.

Chegando no laboratório, Carmélia estacionou sua moto na calçada em frente ao laboratório, que era uma construção imensa com placas de energia solar por todo o telhado, desceu da moto e subiu as escadas em direção à porta, entrou e logo foi encaminhada à sala em que seu pai estava.

– Rapaz, eu num acredito, não! disse o pai de Carmélia espantado, se levantando da cadeira em que estava sentado para abraçar a filha sorridente – Como é que você sabia que eu tava por aqui, filha?

– Foi mãe que me disse, ela falou que o senhor tá fazendo umas pesquisas em cima de um aparelho que encontraram numa base da Cluster, então vim dar uma olhada, parece importante.

– Ah, então foi Gerundina que te disse, foi? Essa tua mãe num deixa escapar nada, nunca vi mulher tão centrada – disse o pai de Carmélia rindo – O que a

gente tá estudando aqui é esse aparelho da Cluster, ele vem sendo usado pela agência e suas milícias para roubar a mente das pessoas que eles capturam.

– Então não tão só roubando as dos falecidos?

– Não, e eles provavelmente vêm fazendo isso há muito tempo, é uma tecnologia bem mais barata e simples do que as que eles usam pra roubar as dos mortos, aquelas antes de raios eletromagnéticos. Com essas mentes roubadas eles têm ainda mais informação sobre nosso povo e essa terra, e junto de milícias dos militares eles vendem essas informações para o governo, que tenta de todo jeito destruir nossa nação – o pai de Carmélia riu sarcasticamente – já faz quase um século que tão nessa marmota, ridículo – uma expressão mais séria de nojo ocupou o lugar de seu sorriso cínico.

– Bando de cachorro! disse Carmélia dando um leve soco na superfície da mesa que estava próxima, assustando seu pai, que raramente via a filha assim.

– É, e ganham dinheiro, viu? Essas agências recebem um financiamento absurdo pelo governo e pelos militares. Enfim, o que estamos estudando é a possibilidade de invadir os servidores da Cluster onde estão armazenadas todas as almas.

– Como?

– Usando o aparelho em alguém e enviando uma mente até lá.

– E como vocês esperam fazer isso sem que a pessoa fique presa lá? perguntou Carmélia, indignada com o que o pai havia dito.

– Era aí onde eu queria chegar – o pai de Carmélia andou até uma prateleira próxima e pegou um frasco de vidro cheio de um líquido alaranjado – esse frasco está cheio de dimetilriptamina, o DMT, foi extraído da raiz da jurema preta.

– E do que isso vai servir?

– O que a Cluster faz, além de roubar as energias da região, é roubar mentes, almas, subscientes fechadas e aprisionadas. Como o DMT é uma substância que deixa nosso subsciente aberto, poderíamos mandar para os servidores da Cluster uma mente livre e talvez podendo destruir os sistemas da Cluster por dentro, libertando todas as mentes presas!

Carmélia ao ouvir essas palavras caminhou até uma cadeira próxima e se

sentou, fixando os olhos num canto da sala, com o dedo tocando o queixo e os lábios, perdida em seus pensamentos:

“Mas há de chegar um dia, minha pretinha, em que alguém vai acabar com tudo isso, e num vai ter nada nesse mundo que vai parar essa pessoa, disso eu sei”, essas palavras de Dona Nê vieram à mente de Carmélia como uma epifania.

- Eu vou - disse Carmélia ao pai, sem tirar os olhos de onde estavam.
- Deixe de conversa - disse seu pai num tom sério, colocando o frasco de vidro de volta na prateleira.
- Alguém se propôs a ir, então?
- Não, ninguém tá doido de fazer isso, por enquanto é só uma hipótese.
- Alguém precisa colocar o experimento em prática, então! gritou Carmélia ao pai.
- Eu não vou deixar minha filha tomar esse risco, não tô nem doido! gritou seu pai de volta.
- Isso não é sobre mim! gritou Carmélia ao pai, se levantando da cadeira e o encarando nos olhos, que também a encarou de volta com um olhar sério - É a primeira vez em décadas que encontramos uma maneira de destruir essa agência e vocês não vão fazer nada? Deixa eu fazer, então!
- Não, Carmélia. Isso não vai acontecer - respondeu seu pai, com a voz firme - Flávio, por favor, leve Carmélia à saída.

O estagiário do pai de Carmélia andou até ela, mas ela se afastou com raiva:

- Não precisa, já tô de saída - e saiu daquela sala revoltada, caminhando até a saída do laboratório.

Antes que pudesse descer as escadas em direção à sua moto, Carmélia recebeu uma ligação em seu celular, e quem atendeu do outro lado da linha foi sua colega que havia ficado no seu lugar nas supervisões em Quixeramobim, estava aos prantos e soluços, mal conseguia falar.

- Sofia se matou! A mãe dela achou a bichinha morta dentro do banheiro, bebeu veneno. Morreu. Era uma criança. Tá morta - a moça disse antes de voltar a se afogar em lágrimas. Tem alguma coisa errada por aqui, a Cluster deve tá fazendo alguma coisa, Sofia não é a única que tava agindo de forma estranha.

Carmélia se sentou num dos degraus da escada e o soluçar da sua colega no outrolado da linha ecoava em sua mente junto às gargalhadas de Sofia, lembrava-se da vez em que brincaram a tarde toda na escola em que estudava, contou histórias para a menina e trançou seus cabelos com fitas coloridas.

O Sol já havia descido do céu e a Lua ia tomando o espaço da luz do dia, trazendo a noite para o sertão, que estava mais escura do que nunca, junto ao coração de Carmélia, apertado, soluçava com tanta força que seu peito doía e lágrimas escorriam-lhe o rosto como uma cachoeira e as lágrimas ardiam em seu rosto junto da raiva que sentia no momento.

"... e num vai ter nada nesse mundo que vai parar essa pessoa". Dona Nê mais uma vez veio aos seus pensamentos, e em sua casa, sentada em uma cadeira de balanço, a senhora não sabia mais se deveria esperar a neta para o café, tinha a sensação de que nunca mais sentariam juntas de manhã para tomar café. Um urutau pousou na janela da sala em que Dona Nê estava e pôs-se a cantar a sua canção fantasmagórica.

– Tome cuidado, menina – disse Dona Nê, esperando que Carmélia sentisse suas palavras, seja onde ela estivesse.

Carmélia passou a noite em um quarto de hotel que ficava numa esquina próxima ao laboratório, observando a movimentação, esperando o momento de agir.

Foi por volta das onze da noite em que o último membro do laboratório finalmente saiu e trancou as portas, e imediatamente ela saiu em disparada pelo hotel em direção à saída, e pela rua caminhou até o laboratório, subindo as escadas e parando em frente à entrada do laboratório, e usando o cartão que havia roubado de dentro do jaleco de seu pai sem que ele percebesse durante a discussão dos dois mais cedo, destrancou a porta.

Rapidamente pôs-se a caminhar em direção à sala em que esteve com seu pai mais cedo, mas sentado em uma cadeira em frente à porta da sala estava Flávio, guardando a sala, e se assustou quando percebeu a presença de Carmélia ali:

– O Seu Adalberto sabia que a senhora poderia aparecer e me pediu para ficar aqui, por favor Carmélia, vá embora, não faça isso – disse Flávio calmamente à Carmélia, ainda que nervoso, e parando em frente a porta da sala.

– Sai da frente, Flávio – disse Carmélia, tentando conter sua raiva.

Flávio parou, mas não saiu da frente da porta, manteve sua posição de guarda.

– Sai da frente, Flávio! – gritou Carmélia, dessa vez não se preocupando em conter o que sentia.

– Por favor, vá embora – disse Flávio mais uma vez, dando alguns curtos

passos em direção à Carmélia.

– Afaste-se! – disse Carmélia, posicionando-se em uma forma de defesa, colocando uma das mãos na parte de trás das costas, próximo a cintura.

– Carmélia, por favor! – gritou Flávio, se aproximando com passos mais acelerados de Carmélia, erguendo os braços em sua direção, somente para sentir uma lâmina gélida que Carmélia tirou de sua cintura entrar e sair de sua axila, e virando o rosto para baixo viu seu jaleco adquirir uma cor avermelhada e sentiu todo o percurso que seu sangue tomou escorrendo pelo seu corpo até o chão. Encarou Carmélia antes de cair no chão, e ensopado em seu sangue quente morreu, deixando sua jovem vida como a lágrima que escorreu de seu olho esquerdo; de forma fria e rápida, morreu de olhos abertos.

Carmélia observou o último suspiro sair da boca de Flávio e o seu último olhar ser desferido a ela, mas Carmélia não tinha tempo para mais dor e seguiu seu caminho em direção à sala, passando pela poça de sangue que se formou no chão e deixando pegadas vermelhas por onde passava, andou até a prateleira em que seu pai guardou o frasco com a substância e a bebeu, tudo de uma vez, em seguida andou até a mesa em que estava o aparelho em forma de capacete que seu pai lhe mostrou mais cedo, pegou o aparelho e colocou em sua cabeça e o ligou, Carmélia imediatamente caiu no chão, batendo sua cabeça na quina da mesa antes de apagar.

A agonia que sentiu naquele momento foi indescritível, Carmélia estava vivendo todas as suas memórias ao mesmo tempo num ciclo que parecia eterno, não podia chorar, nem gritar e nem se debater de agonia, só sofrer, presa em seu subconsciente. Sentia as dores de Sofia daquela manhã, o arrependimento pela morte de Flávio, mas principalmente, sentia uma dor de ter fracassado e com a ideia de que todas as informações que tinha sobre a NSC estavam nas mãos daquela agência, a Cluster.

A sensação que Carmélia sentia era de que estava à deriva há anos luz no espaço, presa, porém ela não fracassou, e pouco mais de quarenta minutos depois

a substância chegou à sua mente, de repente fazendo com que ela se expandisse por todos os cantos, explodindo como uma supernova, Carmélia sentia as dores e as memórias de todos e toda a energia que estava armazenada naqueles servidores, e estando ciente de tudo que existia e existe naquele momento, ela foi libertando todas as almas ali presentes, que se uniam a ela em sua tarefa, todos juntos e conscientes de tudo.

Dentro da sede da Cluster em que estavam os servidores aprisionados, todos os funcionários gritavam de pânico e completo terror, todos os servidores e máquinas presentes na agência esquentavam em temperaturas desconhecidas, os fios derretiam e as carcaças pegavam fogo, e a central de energia que mantinha toda a agência energizada agora espalhava fortes cargas de eletricidade por toda a estrutura da agência, formando raios que se espalhavam e automaticamente carbonizavam o corpo do infeliz que entrasse em contato com qualquer um daqueles raios.

Uma presença densa começou a atormentar a mente de todos ali presentes, fazendo-os sentir todos os horrores que as almas aprisionadas nos servidores sentiram por tantas décadas, uma energia fortíssima os mantinha nesse estado de terror, aprisionados em seus subconscientes. Como em uma tempestade, a sede ficou mais densa e todos ouviram dentro de suas mentes milhões de vozes, que falavam em uníssono, como uma única voz:

“Vocês que só roubam e nada criam, vocês que só torturam e atormentam a vida e a morte, de nada servem para a terra, suas existências de nada servem para a vida, não devem ser lembrados ou ser abraçados pela terra após a morte.”

Densas nuvens carregadas e escuras se formaram no céu da noite sobre aquela sede, se chocando umas com as outras em um vórtex gigantesco, os estrondos dos raios podiam ser ouvidos por todo o sertão. E de uma vez, um único raio com uma voltagem gigantesca caiu sobre a agência, destruindo cada molécula, pensamento ou energia presente no corpo e na alma dos funcionários presentes ali, e antes de serem inteiramente banidos da existência, ouviram todas as milhões de vozes cantaram em coro uma canção acompanhada de chocalhos e batuques. Em um estalar de dedos, toda a agência foi destruída.

Seu Adalberto acordou num susto e correu de volta para o laboratório, sentia uma energia gigantesca no seu coração, mas sabia o que havia acontecido com a filha. No chão do laboratório, de joelhos, chorou diante do corpo sem vida da filha e do estagiário.

Toda a Nação do Sertão Central amanheceu em festa na manhã seguinte, comemoravam que finalmente a Cluster foi derrotada e todos puderam sentir e serem sensíveis de fato, nunca estiveram tão conscientes. Dona Nê foi encontrada sem vida, sentada em sua cadeira de balanço; morrera, mas um sorriso estava formado em seu rosto, finalmente pôde partir em paz. Todo o Sertão Central compareceu ao enterro de Sofia, Flávio, Carmélia e Dona Nê.

Carmélia e Dona Nê foram enterradas juntas, eternizadas no coração e nas memórias de todo o povo do sertão. Gerundina e Seu Adalberto choravam em silêncio diante do túmulo de Carmélia e Dona Nê, e ficaram lá até o Sol se pôr, quando seguiram seu caminho, com o coração dolorido.

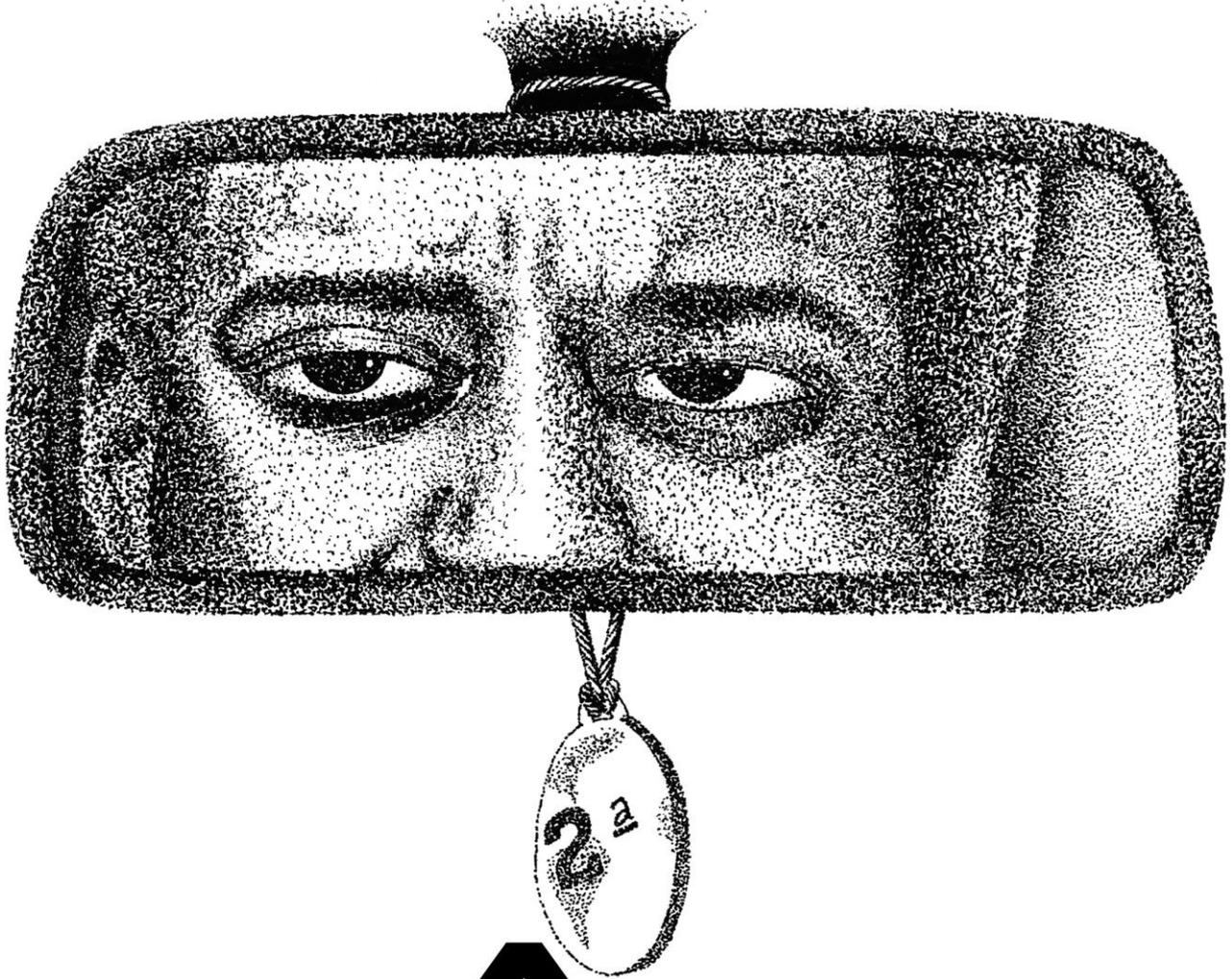
Mais tarde naquele dia, Seu Adalberto confirmou num relatório em seu laboratório a eficácia da substância em que estavam estudando, enviando o relatório para o povo de uma outra nação, localizada no estado do Amazonas, junto do relatório ia a seguinte mensagem:

"Passar à frente, dependemos uns dos outros para existir e combater a Cluster" No meio do espaço, flutuava um diálogo entre uma jovem e uma senhora:

"E como que a senhora aguenta ficar esse tempo todo aqui, vovó?", perguntou Carmélia à Dona Nê.

"Esperança, pretinha", respondeu Dona Nê à neta.

 **TERRITÓRIOS**
afrofuturistas
Novas narrativas para o sertão



CRÔNICA DO FIM DO MUNDO

Bruno Trajano

realização

 **RESSONÂNCIA
PRETA**

apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
CEARÁ

 **GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria de Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA - MINISTÉRIO DO TURISMO

 **PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

Ilustrações: Rômulo Fideles

EQUIPE:

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Rômulo Fidelis

Capa: Jason Felipe

CRÔNICA DO FIM DO MUNDO

Bruno Trajano

Ele praticamente se arrastou para dentro do carro mal estacionado na calçada. Estava frio e silencioso. O céu nublado não ajudava muito no clima que se mantinha o mesmo nos últimos tempos. O corpo se acomodou como pôde no banco da frente. Com a visão direcionada ao interior do carro, puxou desatento a porta batendo-a no processo. O barulho seco e agora muito mais alto não o incomodou. Mas sua atenção foi tomada por outro som que se manifestou logo que ele ligou o veículo. Um bipe um tanto abafado era complementado por uma luz vermelha que piscava no painel do carro.

- Eu não vou botar o sinto porra! um tapa com sua força contida no último segundo foi desferido no painel. Segundos se passaram enquanto ele parecia desafiar o sistema que o alertava. Por fim, a contragosto puxou e afivelou o cinto.

- Sabe o que é mais louco? Você, sua porcaria que se acha inteligente! a voz grossa era projetada com os lábios quase fechados que seguravam um cigarro na boca. Mesmo apagado, ele era manejado como se estivesse aceso, e logo passava dos dedos para os lábios e de volta a suas mãos.

- Sistema estúpido... a irritação soou mais contida, enquanto manobrava o veículo em direção à rua. Quando finalmente se alinhou com a estrada vazia, suspirou e ordenou ao veículo:

- TOCAR CAIXA POSTAL! PRIMEIRA ENTRADA!

O painel continuou silencioso, com luz baixa em um tom verde se projetando pela poeira ali acumulada. As mãos tomaram o volante com força, a fúria materializada em seu corpo não era a correspondente à sua expressão quase esperançosa encarando a tela à sua frente. A mão afrouxou o volante e logo passou a guiar mais levemente enquanto o carro começava a se mover em uma velocidade

crescente. Pela visão lateral as pequenas casas agora se mostravam distantes, e dando lugar a construções maiores. Seus olhos foram atraídos instintivamente por uma nova pichação em um dos grandes prédios comerciais do centro da cidadezinha. Evitou ler até o fim, mas seu cérebro agora tentava adivinhar o final da sentença.

— Porcaria idiota! Agora faz silencio, né! ele tentou voltar sua atenção para o interior do automóvel, acusando mais uma vez o sistema que permanecia sem emitir som algum.

Logo teve que diminuir abruptamente a velocidade do carro ao passar por um buraco que o chacoalhou em seu assento. Ao observar a rua com atenção, percebeu novas pilhas de lixo. Nos becos entre os prédios, líquidos escorriam, a coloração desses o fez questionar se aquilo era sangue ou dejetos, concluiu se tratar dos dois. Pedacos de vidro eram constantes por toda a calçada, enquanto mais palavras pintadas nas fachadas das lojas se amontoavam. Os grandes painéis outrora brilhantes e sempre transmitindo informações, agora estavam aos cacos. Tentou focar nos poucos inteiros, torcendo para que de alguma forma eles emitissem algo. Mas sabia que não havia mais energia ali para isso. Perto do sinal, cestos de metal formavam algo que poderia ser entendido como traves de gol. Mas, mais buracos se amontoavam pela via em que passava. Numa velocidade bem lenta, seguiu tentando identificar alguma presença escondida entre os prédios, algo que não tivesse perecido ao estado atual de todo aquele local. Enquanto desviava de mais um obstáculo na pista, achou ter visto sombras em um beco.

Forçou o olhar, mas desistiu ao perceber manchas vermelhas na parede. Um arrepio percorreu seu corpo. Se viu meses antes passando pelo mesmo local e observando da janela jovens esperando o transporte. Os risos de antes agora tentavam suprir o silêncio, mas sua mente não conseguiu se manter naquela lembrança. O terminal eletrônico pendia na calçada agora, todos os fios e cabos

tinham sido puxados e amarrados a fim de formar um laço. Se convencendo que qualquer um naquele local, não estaria são de qualquer maneira.

Afastou como pôde os pensamentos mais desagradáveis da mente, antes de falar em voz alta: – Bando de nojentos, né! disse em um tom quase tímido, como se não tivesse confortável em ouvir a própria voz. – Mas meio genial. Jogar futebol no meio da pista. Ao menos não deve ter outro motorista além de mim para atrapalhar o jogo... – tentou sorrir e balançar a cabeça movendo instintivamente o rosto em direção ao banco de trás.

– Mas essas latas se tiverem alguma comida com certeza vai encher de ratos e esses bichos.... – como se a resposta tivesse vindo do espaço vazio atrás de si, ele continuou a falar, ganhando mais confiança no diálogo – é tem razão, não tem mais ratos. Os bichos são mais espertos do que todo mundo. Mas só de pensar que mesmo com todo o fim do mundo e o inferno acontecendo ainda fizeram questão de limpar as ruas e jogar umas partidas... Ah porcaria – sua fala foi interrompida quando teve que desviar de última hora do que pareceu ser um braço mecânico – ...haha! Livres o suficiente é verdade.

Por mais um tempo manobrou em silêncio pelas ruas, no horizonte uma fumaça negra se manifestava. Na mesma direção que agora ele seguia. A placa que sobrevivia em pé por um único parafuso tinha uma série de sinais pichados, mas ao fundo ainda se lia: hospital.

– Hoje é um recorde, mal saí de casa e já cheguei aqui. Eu lembro que quando Marta veio pra cá pra ter o Jorge, foi uma viagem de pelo menos uma hora. Ela sempre foi muito mais forte do que eu. Aguentar toda a dor que eles dizem que se sente e ainda ter tempo pra reclamar que eu dirijo devagar demais. Haha, eu estava evitando as drogas dos buracos – à sua frente um prédio se agigantava, várias janelas em andares superiores tinham suas vidraças quebradas e carros abandonados se enfileiravam à frente das grandes portas do hospital.

– Esse lugar está bem depenado. E pior que tenho até uma receita por aqui. Haha. Grande porcaria, né? Eu devia ter pegado mais analgésicos e coisas pra dormir quando o povo estava correndo por suas vidas, e não botando fogo nelas. – Seus olhos acompanharam a fumaça escura até sua fonte, em um quarto nos andares mais altos. Não parecia que o fogo havia se espalhado, era provável até que o culpado ainda estivesse ali. Sua cabeça se movimentou em negação e suspirou enquanto falava – quanta idiotice! O nosso primeiro instinto é mesmo destruir tudo quando acabam as esperanças? Eu até entendo mais os que se perderam pelos becos. Eu mesmo acho que os analgésicos não estão mais fazendo efeito mesmo. – Mais uma vez, começou a manobrar o veículo a fim de evitar os outros carros no caminho. No entanto não fez questão de acelerar depois de evitar todos os obstáculos.

– É, eu conheço bem esse lugar, mas nunca vivi muito por essas bandas. Lembro que era a grande promessa do novo governo. Uma nova terra só nossa para estragar como quiséssemos. Mas sabe quando a novidade passa e tudo vira só mais algo comum na rotina? Acho que foi isso que aconteceu. Os velhos hábitos voltaram rápido demais. Sabe aquele prédio ali? É a universidade. Já deixei muita gente aqui. Eu gostava de fingir que estava dando um tour pra eles. Sim eu era bem bobo. Mas meu moleque se divertia. A Marta nunca gostou que eu a trouxesse.

Dizia que não queria dar trabalho, e se o transporte era de graça a gente tinha que usar. Mas eu sempre vim deixar e buscar. – O silêncio reinou novamente ao fim das palavras. Seu veículo era agora o único parado em frente a faixa de pedestres que brilhava quase em neon.

– TOCAR CAIXA POSTAL! PRIMEIRA ENTRADA!

O silêncio continuou.

– Porcaria de máquina! Porcaria de computadores nessa porcaria de mundo. Sabe quando seria legal vocês ficarem caladas? Quando quiseram anunciar o fim do mundo! Ele continuou dirigindo e vociferando contra a fraca luz no painel.

– Ou pelo menos fazer alguma coisa antes! Do que adiantou ficar sabendo dessa merda toda, se não tem nada que possa ser feito? Todo esse avanço e essas palhaçadas pra fazer o que no final? Nem pra tocar a minha mensagem caralho! Sua mão aberta bateu com força no volante. E com a voz rouca tentou mais uma vez o comando que havia aprendido.

– Tocar... Caixa Postal... Primeira... Entrada! Por favor, eu só quero ouvir a voz dele...

O silêncio no carro só era interrompido pelo barulho das rodas no asfalto que encontravam pedaços de vidro e outros objetos pelo caminho. Ocasionalmente ele tinha que fazer manobras mais fechadas para evitar os empecilhos no meio da rodovia. Não havia sinais de pessoas por ali.

– Tá bom. Tanto faz mesmo. Mas aqueles comprimidos do hospital ajudariam com isso – suspirou enquanto estreitou os olhos identificando o bar com suas portas quebradas, não muito longe. – Nem o bar tem mais nada. Finalmente zerou o estoque né seu velho rabugento e ignorante. Falou em uma voz pesarosa. Lá dentro não era fácil distinguir o que fazia parte do bar e o que foi só jogado lá. Mas ao lado, em pequeno espaço ainda esverdeado, via-se montes de terra com lápides improvisadas. Garrafas de bebidas vazias compunham o cenário desconcertante.

Suas mãos voltaram a tocar o cigarro agora alojado na orelha. O trouxe à boca e voltou a falar cerrando os lábios para manter o cigarro neles: – Eu não sei como funciona a sua energia seu carro imbecil. Eu sei que você é a única coisa que ainda liga direito e eu não sei se você está perto de desligar ou não, seu monte de lixo. Sei lá onde está a porcaria do manual. Eu só queria ouvir minha gravação. Você já funcionou antes. Me ajuda ou sei lá. Eu só preciso que toque a voz deles. Tocar Caixa Postal...Primeira Entrada!

Após o silêncio, o veículo ganhou velocidade. Inquieto, notou pelo retrovisor, quando passou pelo prédio da pichação. As palavras voltaram à sua mente de maneira meteórica.

"Vamos morrer..."

- Sozinhos aqui! completou com um sussurro, enquanto a marcha era reduzida automaticamente, fazendo o automóvel diminuir seu passo.

O carro finalmente parou de volta ao local de onde partira. Por um momento o homem ali dentro olhou desesperançoso para o painel. Até ser pego de surpresa pelo próprio olhar que o desafiava no reflexo. Sua cabeça procurou o espelho. Viu como sua barba crescia irregular, os olhos visivelmente cansados tinham tons de vermelho. A mão percorreu o rosto e pôde notar as unhas sujas de terra. A pele negra se destacava do interior acinzentado do automóvel. As mãos se uniram em frente ao rosto. Vagou por pensamentos. Quantos dias sem dormir? Quanto tempo sem nenhum analgésico? Quanto tempo desde que havia visto alguém são? Há quanto tempo tinha visto alguém?

Por hábito tocava agora a tatuagem no braço, refazendo com os dedos o contorno do desenho. A forma de um machado em traços característicos. Ao fim do movimento um sussurro em forma de prece foi proferido, mesmo que parecesse que não movia os lábios. Sem que pensasse muito, havia estacionado perfeitamente. Estava de volta à mesma posição de antes em frente sua casa.

Olhou novamente para o painel, e as fracas luzes. As palavras subiram até sua garganta e retornaram de novo para dentro de si. Sua atenção foi capturada novamente quando uma sombra passou em seu espaço de visão periférica. Logo se mexeu a fim de confirmar, mas o que quer que fosse, estaria já atrás da casa. Com um movimento rápido e impulsivo, saiu do carro ainda procurando a sombra. O céu nublado não fornecia vantagem alguma para sua busca. Continuou a investida de volta ao seu lar, empurrando com força a porta do carro, de maneira que ele mesmo

se surpreendeu com o barulho. No entanto sem demora continuou o caminho para dentro da residência. Sua mão indo de encontro ao cigarro na orelha e o realocando nos lábios. Seus olhos estranharam a luz que brilhava lá dentro.

No veículo o painel ainda aceso finalmente fez um som, ao receber o impacto da porta. Ele se propagou ali dentro, mas sem chance de ser ouvido lá fora, por logo ser abafado pelo ambiente fechado. As palavras da assistente de inteligência artificial eram sempre otimistas:

- Defeito no autofalante! Leve ao seu técnico para uma revisão! Tocando Mensagem zero um da sua caixa postal. Reproduzindo: - Oi, pai, sou eu! É tão difícil acostumar com as diferenças das horas, acaba que eu nunca consigo pegar você acordado! Só queria dizer que está tudo indo muito bem. Tudo dentro dos planos e o William mandou um beijo pra você e pra mãe. Ele vai terminar de apresentar os estudos dele. E a gente já volta direto. Acho que não fui feito pra esse clima tão pesado e burocrático. Aí vamos até encurtar um pouco a viagem. Não sei se o senhor viu, mas o governo decidiu cortar gastos e tão diminuindo os fundos da universidade internacional. Dá pra acreditar? Mas vê se aproveita o carro e não fale muito da gente pros passageiros. Te amo pai.

- Fim da mensagem! Reproduzindo entrada, zero dois: - Ei, pai, já estamos com passagem comprada. Acho que ainda não anunciaram nada oficialmente, mas aqui já está rolando uns boatos de crise no sistema de luas. Ninguém na universidade fala nada também. Rolou algumas reuniões, mas estrangeiros não foram convidados. Haha, sei que você diria como é coisa desse tipo de gente. Mas eu e o William éramos esse tipo de gente também. Enfim, ainda não sei o que exatamente está acontecendo de errado no mundo. Mas não se preocupe, logo estamos de volta.

- Fim da mensagem! Reproduzindo entrada, zero três: - Oi, pai, a mãe falou que você anda muito preocupado com tudo isso de fim inevitável e reorganização de

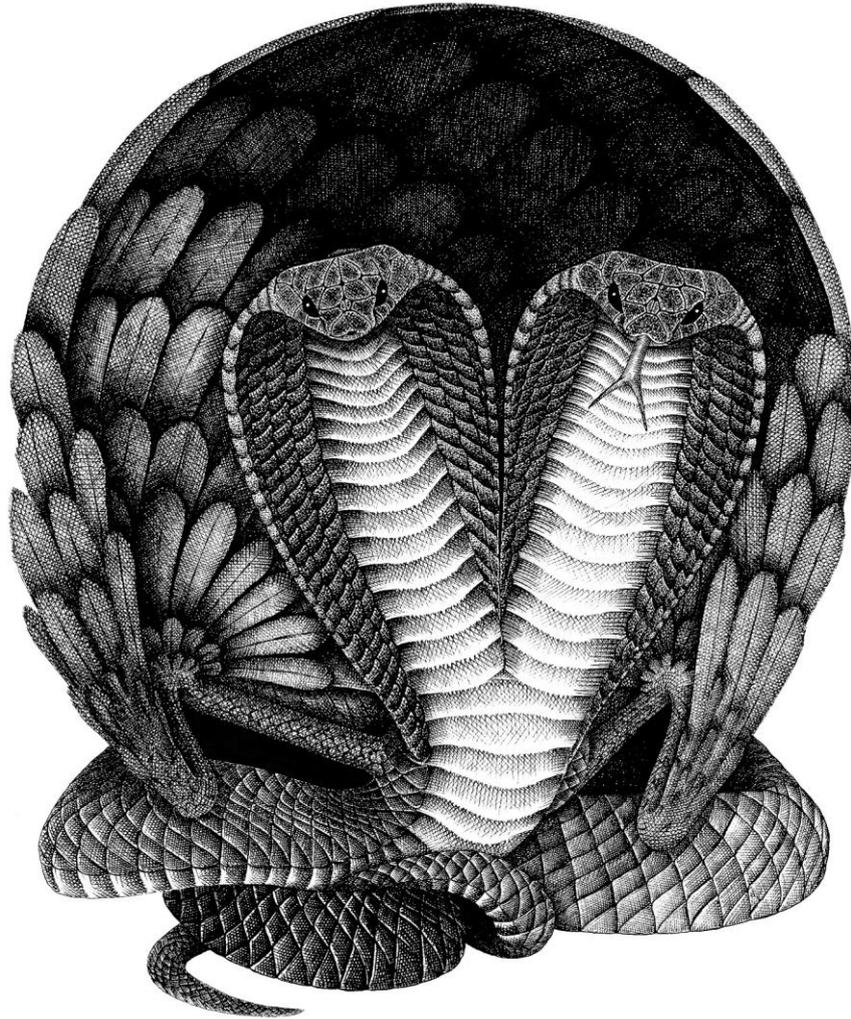
zonas, mas vai ficar tudo bem! Logo estou chegando! Fica em casa esses dias, eu sei que a cidade é pequena, mas ainda pode ser perigoso! Aqui... Ei, SAI DAQUI! WILLIAM, FICA PERTO DE MIM... Olha pai, aqui está meio louco, mas nada demais... Amanhã a gente já se vê. Por enquanto ainda podemos usar os vistos da universidade. Vamos pegar a nave hoje à noite.

- Fim da mensagem! Mensagem de novo remetente com nome: GOVERNO DA NOVA TERRA, reproduzindo entrada: - PEDIMOS A TODAS AS PESSOAS QUE SE MANTENHAM SEGURAS E FIQUEM EM SUAS RESIDÊNCIAS. A GUARDA ALIADA E INTERNACIONAL SERÁ POSTA NA RUA PARA GARANTIR A SEGURANÇA E O CUMPRIMENTO DA ORDEM. ESSE MOMENTO É UMA PROVAÇÃO PARA SUA FÉ. CUIDE DE SEUS ENTES E NÃO VAMOS SUCUMBIR A ESSES ATOS DE VIOLÊNCIA E TERRORISMO. RESPEITEM A PROPRIEDADE DE SEUS IRMÃOS E MANTENHAM A ORDEM. ESSE SEMPRE FOI O NOSSO LAR E ASSIM COMO EU, ESPERO QUE TODOS POSSAM APROVEITAR ESSES DIAS COM QUEM SE AMA! ASSINADO: CÁSSIO SOARES DE TEODORO, MINISTRO DA ORDEM E DEMOCRACIA DA NOVA TERRA.

- Fim da mensagem! Existem mensagens não reproduzidas, para interromper a reprodução apenas fale o comando. Reproduzindo: - Ei, cara, sinto muito pelo Jorge e o marido dele! E a Marta, nossa, sério... Olha eu realmente sinto muito, eu queria estar aí por perto, mas eu preciso ir buscar meus pais, eles vivem no litoral, dizem que lá está pior ainda. Nem se compara aos saques daqui. E até o jornal acabou então não sei se já foram afetados. Enfim, desculpa mesmo. Eu volto logo, evita sair pra não dar de cara com nenhum dos insanos. Enfim abraço irmão.

- Fim da mensagem! Deseja ouvir novamente ou responder algum remente? Alerta, rede principal sem conexão. A rede interna Solaris será conectada e uma tarifa poderá ser cobrada. Atenção, novo diagnóstico disponível, reproduzindo dados: ALERTA! Energia armazenada abaixo dos Vinte e Cinco por cento! Conecte os

painéis solares do seu veículo para um melhor desempenho. Lembre-se de *re-energizar* seu veículo com uma fonte de energia sustentável e aprovada pela nova terra. Entrando em modo de economia. Até amanhã Hector!



EU SOU PORQUE NÓS SOMOS

João Aluado

realização



apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO



Ilustrações: Rômulo Fideles

EQUIPE:

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Rômulo Fideles

Capa: Jason Felipe

EU SOU PORQUE NÓS SOMOS

João Aluado

"A serpente da Terra se torna celestial; com asas, pode voar e permite a ascensão da múmia às estrelas" – Mensagem no túmulo de Tutamés III.

A CHEGADA

Shaira havia finalmente feito progresso em seu estudo um tanto quanto misterioso. Regressava de uma missão feita nas matas de Redenção-CE, onde encontrou uma serpente alada de duas cabeças. Seu interesse por ela começou por conta de lendas antigas que escutou. Elas contavam que essas cobras voavam como se estivessem escrevendo no céu e desenhavam marcas na terra que pareciam símbolos muito estranhos.

Seguia em direção à cidade que seu povo havia construído no Maciço de Baturité. Eram descendentes da antiga comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Habitar em serras naqueles tempos era um privilégio, pois escapava ao mesmo tempo das duas catástrofes ambientais que assolavam as terras de mais baixas altitudes: o avanço do mar e a desertificação.

Ela seguia as trilhas de volta pra casa em sua bicicleta elétrica que era abastecida tanto por energia solar como pelo próprio ato de pedalar que recarregava uma espécie de bateria. Enquanto isso, o animal a acompanhava pelo ar seguindo o aroma do ramo de flores que ela levava consigo.

Ao final do trajeto chegaram em frente a uma majestosa queda de cachoeira. Então, ela se dirigiu a uma enorme árvore, afastou alguns cipós e atravessou um portal para dentro do tronco oco. Lá guardou a bicicleta junto com outras que eram compartilhadas pelas pesquisadoras e pelos pesquisadores em expedição.

As duas agora seguiam em direção à cidade pela entrada preferida de Shaira que se encontrava ao lado da queda d'água. Ela já estava acostumada com a névoa

que escondia o portal. Esta era uma invenção de seu povo que aproveitava luzes refletidas em cristais e os muitos leitos de água que percorriam esta região. Criando, assim, um campo de vapor que camuflava os caminhos para seu território. Com isso, estavam protegidos de possíveis ataques de elites que buscavam roubar seus segredos para terem maior domínio sobre as terras baixas.

Ao atravessarem o portal em meio a névoa chegaram em uma espécie de tirolesa giratória. Tanto a queda da pessoa como a queda da água eram aproveitadas para gerar energia que fazia o equipamento subir de volta automaticamente. Ao aterrissar ao solo pôde observar uma fileira de líquens vermelhos surgindo em pedaços de madeiras velhos e úmidos, isso indicava que o ar estava bastante puro.

No caminho algumas pessoas acenavam de suas casas ao longo de árvores para a moça e para o animal com asas que rodopiava sobre as flores. Era uma espécie rara de ser encontrada, igualmente difícil era criar uma relação de confiança. Naqueles tempos seu corpo era caçado como um troféu pelas elites.

A casa de Shaira era como a da maioria. Havia uma porta de entrada no tronco de uma frondosa árvore. Esta dava para um cômodo com uma escada que levava para os compartimentos de cima. Mas, dessa vez, ela preferiu subir pelos cipós junto com o ser que flutuava ao seu lado.

Já dentro de sua casa pôde tirar suas vestes especiais que a protegiam dos fortes raios ultravioletas que assolavam o planeta com a camada de ozônio já bastante danificada.

Isto a fez lembrar do motivo dela poder andar livremente com roupas mais leves dentro daquelas terras e de toda rede de associações que permitem este bem-estar. Pensando nisso, ela seguiu o protocolo e foi alimentar sua árvore-casa com minerais. Dentro do organismo da árvore habitavam bactérias que precisavam destes minerais para respirarem e ao longo do processo liberavam elétrons. Em seguida, esta corrente elétrica entrava em contato com o oxigênio produzido pela

fotossíntese da árvore. E, por fim, com esta interação eram quebradas algumas moléculas de oxigênio que em seguida se reorganizavam em moléculas de ozônio. Este subia e se condensava no campo de névoa que é gerado para camuflar aquele território. E, assim, aquele povo havia criado uma espécie de camada de ozônio própria gerando um clima mais saudável para todos na região.

Esta era uma das experiências mais importantes e que exigiam mais da comunidade. Tudo começou com experiências que infectavam certas espécies de árvores com bactérias que geram eletricidade, buscando uma relação simbiótica. Era necessário um trabalho constante de reprodução e avaliação desses métodos por boa parte das pessoas.

Porém, o interesse das investigações de Shaira era outro. Na verdade, às vezes, havia alguns conflitos políticos entre seu campo de pesquisa e esse outro, por conta de questões como prioridade e investimento da comunidade, etc. De qualquer modo, ela não se deixava preocupar muito com isso e seguia seu modo de vida mais reservado.

Ela e a cobra de duas cabeças que agora rastejava, seguiam em direção às paisagens reservadas ao campo de estudos "linguagens da vida". Lá se encontravam pessoas que em termos antigos seriam chamadas de "biólogas" e "linguistas" ao mesmo tempo. Na verdade, Shaira era minoria dentro de sua própria área de estudos. Pois a maioria queria entender a "linguagem da natureza" mais como bioindicadores objetivos de determinada condição ambiental, um exemplo são os líquens vermelhos que indicavam a qualidade do ar. Buscavam seguir os passos dos conhecimentos deixados pelos "profetas da chuva" do Nordeste brasileiro. Estes no passado descobriam se o período de chuva seria bom observando onde fora construída a casa do João-de-Barro, a forma como as formigas organizavam seus alimentos, a reprodução de cupins, etc.

Já Shaira se inseria em um grupo menor que buscava entender, de maneira mais subjetiva as outras formas de vida. Ela queria realmente entender a linguagem

dos animais, seus modos de se comunicar seja por sons, toques, cheiros... Em suma, queria aprender a conversar com eles.

Enfim, ela chegou ao ecossistema que havia construído para Nehebkau morar. Este foi o nome que Shaira escolheu para a cobra ao longo do trajeto. Ela resolveu homenagear o deus serpente primordial dos antigos saberes de Kemet (Egito antigo).

O ambiente que foi projetado para a serpente viver tinha menos árvores altas e mais arbustos, os raios de Sol eram mais fortes, a terra mais seca e tudo mais quente... e certamente uma considerável quantidade das flores preferidas de Nehebkau. Finalmente, havia descoberto como cultivar as flores da maneira exata que a serpente gostava.

Shaira precisava fazer com que o animal se sentisse bem. As cientistas e os cientistas se embasavam em uma forte ética de liberdade e respeito pelo outro que era disseminada em toda comunidade. Por isso, ninguém capturava um bicho para fazer pesquisas. Criavam situações que atraíam o animal e lhe proporcionavam um lar ao chegarem.

Era preferível que as pesquisas fossem feitas já no próprio habitat original da espécie, mas se fossem estudos mais longos se tornava bem difícil, principalmente no caso de Shaira que seria nas terras baixas... As milícias ligadas às elites dominavam esses territórios. E todos habitantes do quilombo de Shaira eram perseguidos e marcados para a morte, pois representavam uma grande ameaça ao sistema em domínio com soluções sustentáveis para as pessoas viverem em abundância.

A SAÍDA

Shaira, enquanto não dormia ou comia, estava sempre ao lado de Kau (apelido de Nehebkau). Ela começou seus estudos da maneira mais tradicional,

buscando escutar o sibilar que havia entre as duas cabeças da serpente. Ela se questionava constantemente se o bicho teria dupla personalidade ou não.

Mas algo que sempre despertou sua curiosidade eram os movimentos que a cobra fazia no ar e no chão. Então, ela resolveu começar a desenhá-los no seu caderno de anotações. Nunca fora muito boa com desenhos, mas talvez fosse a única saída nesse momento para deslanchar seus estudos.

Todavia, passou-se anos até ela perceber alguns padrões nos símbolos que desenhava. As paredes de sua casa se tornaram um mural completo com diferentes figuras e formas rebuscadas. Agora ela já conseguia reproduzir perfeitamente o rastejar ou os voos da cobra. Assim, ela buscou classificá-los primeiramente dessa maneira: os "movimentos do ar" e os "movimentos da terra".

Apesar de alguns feitos, todo dia ela se perguntava se aquilo era um trabalho em vão, se realmente investigava uma forma de comunicação ou se eram apenas... movimentos. Mas todos aqueles símbolos que muitas vezes se repetiam... tinham que ser algo mais! Então, ela misturava os símbolos, tentava formar frases, anotava as horas do dia para cada movimento que se repetia, buscava relações no momento em que o bicho comia, dormia, cheirava flores, etc.

Até que Shaira começa a perceber uma certa sequência de padrões nos desenhos logo antes da serpente alçar voo. Os sinais se alternavam de acordo com o tipo de voo que seria feito. Era como se o animal conversasse com os ventos antes de mergulhar neles. Até que enfim, ela parecia estar descobrindo algo. Estava animada depois de anos de rabiscos...

Mas foi então que algumas crises de sua comunidade começaram a bater na porta de seu pequeno mundo discreto. Um grupo de cientistas chegaram para informá-la que ela precisava mostrar resultados efetivos de sua pesquisa, se não teria que ser interrompida.

Isso estava ocorrendo pois o quilombo estava precisando de mais terras por dois grandes motivos. Um era que a camada de ozônio da comunidade estava

ficando rarefeita e os raios passavam com mais intensidade afetando o microclima da região. Em consequência disso, alguns produtos agrícolas foram perdidos e a situação se agravava com o crescimento populacional que estavam passando. Diante disso, a previsão era que faltasse comida em alguns anos se a produção de alimentos não aumentasse.

Dessa forma, estava ocorrendo uma reorganização do uso de terras, buscando garantir mais árvores em relação com bactérias gerando ozônio, adaptando-as em casas para a população que crescia, além de mais hortas-jardins para a produção alimentícia.

Então, o dia para ela mostrar seus resultados com a Nehebkau foi marcado com urgência. Ela ficou bastante nervosa com tudo isso. As pessoas já não se agradavam muito com a ideia de sua estranha pesquisa e ela não era muito do tipo extrovertida. Então, pegou o histórico de seus relatórios de anos e anos de investigações. Fez um grande resumo e focou nos seus últimos resultados sobre a sequência de padrões que a cobra faz antes de voar.

Poucos dias após o ultimato, chegou o dia da apresentação. Estavam presentes representantes de todas as diversas áreas de investigações, além de ser aberto para qualquer pessoa da comunidade. Então, Shaira começou seu longo discurso sobre teorias da linguagem dos animais para embasar seus estudos, estava no meio da citação de exemplos práticos de outros casos quando foi interrompida. O cientista da área de pesquisas com ozônio a informou educadamente que estavam ali para escutar o caso específico de suas investigações.

Então, meio sem jeito, ela começou a introduzir os caminhos que percorreu para conseguir a confiança do animal e neste momento a plateia pareceu ficar um pouco mais animada. Todavia, quando ela relatou que ficou anos buscando decodificar desenhos dos movimentos que a cobra fazia, seguindo uma linha nada

convencional e obteve com isso apenas uma sequência de padrões, quem a ouvia ficou frustrado.

No meio desse clima tenso, uma pesquisadora dos bioindicadores da mesma área de Shaira, "linguagens da vida", solicitou que Shaira se comunicasse, nem que fosse de um modo simples, com a serpente. Shaira não estava preparada para isso e ficou ainda mais ansiosa...

Então, primeiramente resolveu pegar um grande quadro e desenhar na frente de Kau a sequência de símbolos que ela fazia antes de voar, esperando que a mesma o fizesse. Todavia... a cobra ficou exatamente como estava, enrolada e reluzindo de uma bela maneira sua pele dourada exposta aos raios solares.

Em seguida, como em um ato de desespero, Shaira se joga no chão e começa a rastejar tentando, sem resultados, imitar os movimentos da serpente. Não surtiu efeito algum. Seu corpo não foi feito para isso. E, por fim, sua última carta na manga foi falar de sua hipótese geral que ela tinha refletido nos últimos dias.

Sua tese era que as formas como as serpentes aladas de duas cabeças se movimentam são sim um modo de comunicação. Os símbolos variam de acordo com os diferentes fatores ambientais, seres e entidades que estão ali ao seu redor. Mas não era um modo de comunicação somente entre a mesma espécie. Parecia que elas tinham criado uma linguagem universal para todos entenderem. Era como se conversassem com os diferentes ventos antes de voar ou como se tivesse um símbolo para cada espécie de pássaro que estivesse passando no momento, etc.

A plateia olhou para Shaira meio confusa. Então, um pequeno grupo se formou, agradeceram a apresentação e pediram um tempo a ela. Por fim, veio o coordenador geral de pesquisas com um semblante um pouco desanimado e a informou que para evitar as crises previstas de ozônio e de alimentos, seria necessário que as terras mais secas onde a pesquisa de Shaira se localizava, fossem transformadas em agroflorestas. E assim, a cobra precisaria voltar para seu habitat original.

Aconselharam que Shaira fosse remanejada para o grupo das investigações com bioindicadores ou, pelo menos, integrasse em equipes de comunicação com animais mais comuns e de modo mais convencional, já com algum sucesso. Em suma, queriam que ela buscasse estudos com especulações e métodos menos abstratos.

Todavia, ela decidiu o inimaginável. Nehebkau se tornou sua obsessão, dizia uns, ou sua paixão, como ela dizia. Ela iria acompanhar a serpente e viver fora das fronteiras de seu quilombo. No pé da serra. Nas terras baixas. Uma decisão corajosa, diria uns, ou imprudente, diriam outros.

A DESCIDA

Não guardou rancor e nem raiva de sua comunidade. Ela compreendia que eram medidas necessárias para o bem-estar de seu povo. Estava triste por ir embora. Afinal, viveu a vida toda naquele lugar, tinha laços com a terra, com amigas e amigos. E apesar de não ter constituído uma família própria, todas pessoas do quilombo eram sim sua família. Mas não havia outra opção para ela. Sua pesquisa já era sua vida e a Kau também já era sua família, não iria deixá-la sozinha.

No dia de sua despedida, seu povo lhe deu todas as invenções que tornariam a vida dela melhor naquelas condições. Diferentes vestes que protegiam dos raios ultravioletas, várias plantas medicinais, diversos tipos de sementes criolas que se adaptariam melhor a sua nova região, um forno solar, uma bicicleta elétrica e por fim uma arma de choque...pois nunca se sabe quem estaria à espreita.

Amigas e amigos a acompanharam até o local onde ela iria morar. Ajudaram com as coisas e construíram juntos uma simples casa próxima a uma pequena lagoa. Avisaram que ela devia pedir auxílio para qualquer coisa que precisasse. Ela agradeceu a ajuda e abraçou em despedida cada uma e cada um.

Não era uma vida ruim... Na verdade, havia dias muito bons quando ela descobria um novo padrão de símbolos e o encaixava em uma sequência. Sua horta

cresceu bem, as plantas de seu povo tinham origens boas. E garantir seu próprio alimento, água e saúde fazia parte da educação comunitária desde a infância. Ela acordava com o Sol e dormia quando Kau decidia descansar.

Um certo dia, apreciando a poesia que Kau fazia nos céus, serpenteando hipnoticamente entre a relva e as nuvens com sua pele brilhando tons alaranjados de pôr do sol, se distraiu tanto que cochilou. Ao acordar já era noite, não estava tão distante assim de casa, mas era noite de Lua nova e por isso o caminho estava bastante escuro.

Olhou ao redor em busca da Kau, mas nenhum sinal. Então, resolveu fazer o caminho de volta para casa, talvez ela já tivesse ido. Além dos grilos e do assóvio do vento, tudo era um silêncio profundo... E com o passar do tempo se tornou ensurdecedor.

De repente... um silvo angustiante de arrepiar percorreu toda a mata. Era a Kau! Shaira começou a correr desesperadamente em direção ao som até que... um tiro seco se irrompeu no ar. Shaira travou, fincou seus pés no chão, sua espinha congelou, um gosto de sangue subiu à sua boca e uma lágrima desceu. Mataram Kau?...

Passos. Então, sentiu um cano metálico encostando levemente em sua nuca e uma mão firme e grossa segurou seu ombro por trás. Uma voz grave, fria e lenta perfurou seus tímpanos e exigiu obediência.

Enquanto tentava tremer menos outro sibilo cortou o ar. A serpente passou voando rapidamente e fincou os dentes no braço do homem que tentou se desvencilhar dela. Outro tiro sobe aos céus. Shaira já estava correndo quando o homem gritou seu nome. Ela fica perplexa. E se pergunta como ele podia saber... Não era um mero criminoso da noite à deriva... Era um membro da milícia ligado às elites.

Neste momento o homem já estava ao seu lado e havia colocado uma algema em seu punho e com a arma novamente apontada na cabeça dela. Seu braço estava

intacto, nenhum efeito da mordida. Suas vestes o protegiam dos pés à cabeça. Ele havia estudado suas adversárias.

Shaira observou tudo passando em câmera lenta. Kau se movimentava de uma maneira que Shaira nunca tinha visto. Era como se estivesse em dúvida do seu próximo passo. Shaira observou na brecha da máscara do homem aquela pele de cor pálida e fria... Era a primeira vez que via um branco...

Ela entendeu tudo. Não seria morta. Seria sequestrada. Iriam querer alguma recompensa por parte de seu povo. E pior, a torturariam para que contasse todos segredos do quilombo, algo que tornaria as elites ainda mais fortes.

Sabia o que tinha que fazer. Então, com um olhar profundo para a serpente de duas cabeças, Shaira fez seu último desejo a Nehebkau. Então, a cobra desvia dos ataques do homem e crava sua dupla arcada de dentes no pescoço de Shaira. Em uma fração de segundos, ela sorriu, pois soube que os saberes de seu povo estariam guardados. Em seguida, o veneno penetrou rapidamente na corrente sanguínea e garantiu a Shaira uma morte rápida. Um grito de raiva e um par de cabeças de cobra caíram no chão.

A SUBIDA

Escuridão... Uma luz colorida começa a ser projetada. Formas, cores, ruídos.... Sons e imagens. Cenas. A vida de Shaira é revivida por ela como se fosse um filme. Pode pausar, acelerar, retroceder. Agora tinha todo o tempo do mundo.

Todos os passos que deu na vida. Passos. Movimentos. Começou a ver... padrões. Símbolos. Não era possível... Seus movimentos se adequavam de acordo com os seres e entidades ao seu redor... Repetições. Variações. A mesma tese que ela aplicava a Nehebkau poderia ser aplicada a ela mesma?

Ela quis rever o dia em que falhou na experiência em tentar conversar com Kau na frente de seu povo. Acompanhou, desenhou, analisou, interpretou, compreendeu. A verdade é que sempre houve diálogo entre as duas. Inclusive

naquele momento de "falha". Não era por imitação dos símbolos e movimentos que iria conseguir. Cada ser, cada corpo, cada ente tem seus símbolos e padrões particulares. E há uma comunicação que ocorre automaticamente. Não era necessário forçar nada. A questão toda é de percepção.

Não há símbolos e nem referências comuns entre os diferentes seres. O significativo é insignificante para compreender o outro. Na verdade, o movimento isolado de cada um nunca faria sentido. Por isso, Shaira só começou a perceber algum padrão ao relacionar a cobra com o vento. A mensagem da comunicação só é completa e só faz sentido ao perceber todos os movimentos de seres que estão interagindo em certo contexto. A frase final é coletiva. Quando se permite perceber o ciclo completo de movimentos de certa interação, daí se entende a frase, sente-se um afeto, aprende-se uma lição, contempla-se uma imagem, um sentimento em comum. Não era como se os seres se comunicassem entre si, era como se eles fossem um único ser comunicando algo maior...

Shaira estava novamente perdida. Perdeu o fio da meada. E começou a brotar perguntas em sua mente... Como era possível seus movimentos gerarem um padrão que ela nunca soube da existência enquanto viva? Que símbolos eram aqueles que ela repetia e nunca teve conhecimento deles? Até que ponto suas ações eram conscientes? Até que ponto ela agia por vontade própria? Será que ela seguiu passos de um destino já predeterminado esse tempo todo? Começou a questionar sua própria existência...

Quando ela estava quase se afogando em seu mar de questionamentos surge a imagem de um ser com corpo esguio e dourado, alado e de duas cabeças: Nehebkau. Shaira volta a respirar e sorri. O olhar das duas se encontra. E de imediato se estabelece uma conexão mental.

Uma frase surge na "cabeça" de Shaira: se queres entender o todo, primeiro é preciso perder a si nele. Sua alma era mais livre que nunca, não temia mais nada. Nem mesmo... desaparecer.

Nehebkau estava imensa agora, parecia um dragão, uma serpente cósmica. Shaira montou em seu longo corpo e subiram o mais alto em direção ao firmamento. Flutuavam no limiar entre a Terra e o Universo. Shaira pôde sentir as ondas solares atravessarem seu corpo, ativando os buracos negros de sua pele que se confundiam com o infinito negro, e assim sugou todo o cosmos para dentro de si. E assim, ela se desfez.

Uma rajada de ar a levou por todo o planeta e ao tocar na terra sentiu o efeito em cadeia de todos os movimentos e desenhos feitos por todos organismos e entidades em seu ser. Todas e todos eram orquestrados por esse grande ser que é o próprio planeta Terra. Todos os símbolos faziam parte desse grande discurso elaborado pela Terra. Este era o grande ser vivo que falava através dos organismos menores.

Seu ser entrou em uma onda eletromagnética e na velocidade da luz ricocheteou em todos os planetas do sistema solar. E primeiro percebeu a conversa existente entre eles. A conversa interplanetária que se dá através dos movimentos dos organismos e das entidades que habitam em cada um.

Em seguida passeando pela matéria escura começou a observar símbolos desenhados pelos movimentos dos planetas do sistema solar e como os raios solares davam vida a estes símbolos... Curiosa, resolveu se desdobrar pelo tecido do espaço-tempo atravessando vários sistemas planetários e suas respectivas estrelas. E foi então que percebeu...

A grande conversa interestelar. Os giros dos planetas formam códigos. Códigos estes que são transmitidos de estrela em estrela. A teia cósmica é um diálogo entre estrelas. Todos somos poeiras estelares. Temos as mesmas origens. Cada um segue seu ritmo para criar essa dança cósmica. Cada um tocando sua partitura nessa música cósmica... Eu sou porque nós somos...

Então, de repente, Shaira lembra da Shaira. Ainda com sua visão meio caleidoscópica se percebe montada em uma bela serpente cósmica. "Eu sou

porque nós somos". Ela já tinha ouvido falar muitas vezes essa frase... Então, começou a vir algumas imagens em sua cabeça... Uma névoa cobrindo uma cidade, uma árvore cheia de bicicletas, uma cachoeira, casas feitas em árvores...

Até que surge uma imagem de sua infância onde ela cuidava de plantas medicinais em uma horta. Uma mulher mais velha falava sobre a importância de cuidar do outro, pois ele cuida de você de volta... "Eu só sou, pois há um coletivo heterogêneo que me dá bases para me sustentar e ingredientes para recriar a mim mesma." Esta era a filosofia de seu povo, a qual era ensinada a todos desde os primeiros passos, através de conversas, histórias, jogos e outras práticas.

Era a chamada filosofia Ubuntu que vem se recriando ao longo dos tempos desde antigas civilizações africanas, passando principalmente pelos povos de língua bantu, e sendo mantida também pelo povo de Shaira. Ela se lembra que foi essa concepção que deu base para a criação de tanta diversidade e abundância em sua comunidade.

Estas memórias a fizeram se reconectar novamente com suas raízes. Sua alma se recompôs. Seu ser se reintegrou por completo. Tinha a cabeça nas nuvens, mas com os pés no chão. Enfim, havia compreendido a linguagem dos movimentos e símbolos de cada ser. Uma viagem que havia começado com sua serpente que agora a levava por uma viagem no espaço-tempo.

E sobre as perguntas que enlouqueceram sua mente: se ela era um indivíduo racional que agia por conta própria ou se ela era apenas uma peça de uma engrenagem muito maior e com o destino já feito... A resposta é nem um, nem outro...

Eu sou porque nós somos.

 **TERRITÓRIOS**
afrofuturistas
Novas narrativas para o sertão

GIRA

Ramires Ventura



realização

 **RESSONÂNCIA**
PRETA

apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
CEARÁ



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA | MINISTÉRIO DO TURISMO

 **PÁTRIA AMADA**
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Ilustrações: Anabel Lessa

EQUIPE

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Anabel Lessa

Capa: Jason Felipe

GIRA

Ramires Ventura

Adentrou a residência. Era quase meia noite. Bateu a porta sem olhar para trás, lançando a mochila de qualquer jeito em cima da poltrona, situada logo à direita. Cruza o recinto em alguns passos direto para o banheiro, ignorando inconscientemente a mãe, que já o esperava há bastante tempo posicionada na cozinha americana. Dona Carmelita arrumou toda a mesa e naquela noite decidiu esperar o filho chegar do trabalho para jantar.

Com um semblante sorridente preparou cada detalhe, ao que ela intitulou de "um jantar requintado". Uma toalha xadrez amarelo e branco era o plano de fundo. Ao centro da mesa uma travessa de barro com farofa, decorada com uvas, morangos e pimentas. Havia um frango acebolado regado com mel e especiarias, e uma porção de arroz. Posicionou duas velas *cumpridas* e vermelhas em cada lado, e pôs rosas naturais para arrasar na ornamentação. E, claro, um espumante bem geladinho para desentalar.

Chuveiro ligado. A água jorrou quase em ponto de fusão. Alguns minutos em silêncio e cabeça baixa. As gotas faziam uma massagem, enquanto caíam forte em suas costas. Fábio desejava lavar até a alma se pudesse. Algumas despesas de casa atrasadas, certas matérias reprovadas na faculdade, e o pior, estava passando por mais um término, outro namorado que não suportou sua possessividade. – Talvez fossem só amigos mesmo, talvez só estivessem rindo à toa após o treino pesado na academia. Aquele tabefe certamente foi um erro. Pensou o garoto enxugando não só o corpo, mas as lágrimas.

A porta sanfonada do banheiro anunciou barulhenta, Fábio terminou o banho. A dona de casa adiantou-se e pôs um CD para tocar, volume mediano, escolheu "Open Bar" de Pablló Vittar, a preferida do filho.

Estavam ali, ambos sob a luz pouco vívida da lâmpada incandescente. A mãe tinha algo importante a conversar, ansiosa vibrava as coxas, suspendendo e baixando o joelho, em movimentos frenéticos, alguma perturbação lhe obstruía a garganta a tempos. Segundo ela, Fábio já possuía maturidade suficiente. Mas Fábio naquela noite estava disperso, distante. Detalhe este que a fez adiar a conversa.

Repentinamente as velas apagaram-se, deixando um rastro contínuo de fumaça no ar. As luzes fraquejaram algumas vezes, sem nenhuma razão aparente. Pablló Vittar foi interrompida no meio do refrão, sem que o jurássico micro system fosse desligado. Escancarou-se a janela abruptamente atrás de Fábio, passando por ela uma brisa ruidosa. O clima amistoso não poderia ficar por mais

tempo, certamente o custo do "Jantar Requintado" não se pagaria sozinho. Logo o demônio dos problemas se fez presente, fazendo tudo aquilo parecer a coisa mais supérflua do mundo.

- Mãe. Por tudo que é de mais sagrado. Quanto foi isso tudo?! Perguntou o menino apoiando o cotovelo e levando a mão à frente.

- Larga de ser besta... Foi... Foi... 0-800! - Titubeou.

- Sei... Bora mãe, diga logo.

- Fabim, tu nem sabe quem me ligou hoje? Tentou desconversar.

- Mãe!

- Despacho de encruzilhada! As palavras escapuliram em resposta. Cinco segundos para uma pausa dramática. O semblante vago do adolescente pendeu levemente. Assim que o "tico e o teco" voltaram a funcionar, a vizinhança também foi avisada.

- Meu Deeeus! - Rompia a madrugada.

Noutro dia, mãozinhas rugosas, nós entre falanges, eram protuberantes. Veias em alto relevo enraizando sob a pele retinta. Inclinou-se Carmelita mais uma vez para coletar uma latinha de cerveja, realizava o mesmo movimento incontáveis vezes ao longo do dia. Golpes certos de calcanhar comprimiam o objeto de alumínio, possibilitando um cantinho no saco já abarrotado com material reciclado. - Puts, grila! - Frase bem recorrente, seguida de uma careta bem azeda, quando a lombar reclamava da labuta. Carmelita não era uma mulher jovem afinal.

Depois que viu na televisão um projeto social da prefeitura que dá desconto na energia por cada quilo de material reciclável, não teve ninguém que a fizesse desistir de catar lixo. Era prato cheio para as fofoqueiras da rua. Sem falar do filho já cansado de reclamar.

Seu veículo construído com restos de geladeira e pneus de bicicleta tinha destino certo. Paradas obrigatórias garantiam o sucesso da meta diária, certos conhecidos separavam parte dos materiais para ela. O início da jornada era sua casa situada no Grilo, um bairro bem modesto próximo ao centro de Caucaia (município vizinho a Fortaleza, capital do Ceará). Cruzava o bairro Pabussu até o colégio das Freiras, Patronato Pio IX. Descia a ladeira, passava a linha férrea, rodeava o cemitério da prefeitura e findava o trajeto no que acreditava ser um mini aterro sanitário, localizado em outro bairro conhecidíssimo como as noites de Paris, o Planalto Caucaia.

Chegara ao apogeu da aventura. O local era o auge para Dona Carmelita, lá os recicláveis eram abundantes, sempre tinha mais do que precisava. No auge dos

57 anos, aquilo significava vitalidade, serventia, dificilmente ficaria prostrada na sala, vivendo de aposentadoria.

Nos passos de volta para o seu aconchego, utilizou-se de um caminho um pouco diferente para evitar a ladeira, mesmo sendo mais longo. A gritaria aguda produzida pela falta de óleo nos pneus zumbia nas orelhas estressando qualquer um. O peso do carrinho potencializava o rangido infernal. Tomar um banho bem demorado perpassava a mente daquela mulher a cada segundo. Até fechou brevemente os olhos vislumbrando uma chuva bem gelada.

O fim da tarde apressava-se. Na estrada, parado bem no meio, bloqueava solitário um cão. Carmelita abria seus olhos, quando um leve susto tomou ao escutar o rosnado do bicho. A cada latido chegava mais perto uma bocarra cheia de dentes afiados. Se tivesse tamanho, seria uma cena até ameaçadora, contudo, se tratava de um vira-lata de menos de um metro. Tinha trabalhado o dia inteiro, estava faminta, arrastava uma carrada de trambolhos. Não seria intimidada assim tão facilmente, sua cara de paisagem diante do pulguento não disfarçava sua falta de paciência no momento.

Partiu pra cima do animal batendo os pés fortes no chão. Acuado, o vira-lata deu de costas para fugir, nessa hora tomou um chute bicudo nos fundilhos, fazendo-o se equilibrar alguns segundos nas patas dianteiras. Carmelita berrava sacudindo os braços como louca perseguindo o canino. Uma cena pitoresca. – Meu Fabim, vai morrer de rir. Imaginou-se a mesa com o filho. Discretas gargalhadas, a barriga tremia, marcando o vestidinho de chita.

Bastou virar-se para retornar ao veículo de entulhos abandonado a poucos metros. Os rosnados, os latidos e fungados voltaram, aumentaram de volume. Não um. Mas vários cachorros vociferavam em sua direção. O susto inofensivo de outrora deu lugar ao suor frio. Eles brotaram do nada e marchavam avançando contra a velha. Dois passos para trás, claro, bateria em retirada. Tarde demais, escutou já muito perto, o restante do exército regressando por trás. Não teria escapatória. Esquerda ou direita, muralhas da China, à frente ou retaguarda, a versão pet e endiabrada do Sírio de Nazaré. – Puts... Grila! Reclamou ao ver o seu veículo de bagulhos tão distante.

O mar de dentes a engoliu, um tsunami de mordidas arrancou pedaços de pele. Chagas abertas por todo corpo. Eram tantas quimeras retalhando sua carne que não sustentou a consciência por muito tempo. Antes de apagar, viu no horizonte a figura de uma mulher. Cabelos negros ondulados até a cintura, ela dançava e rodopiava tipo câmera lenta. Saias vermelhas flutuavam conforme o vento. Gestos leves e graciosos, como os de uma bailarina.

Sob ataque fitou-a. A essa altura não havia dor, só um leve calor esvaindo de seu corpo. Dentes alvos em gengivas escuras, sorriu a dançarina com lábios de sangue. Fogosa e flamejante.

Sem nenhuma força, sem nenhuma energia, pereceu em seguida.

– Rapariga. Findou Carmelita.

...

O sol estava introspectivo, nuvens escuras desde cedo ameaçavam inundar o município a qualquer hora. Eram aqueles dias em que da alvorada ao crepúsculo, sustentava o mesmo aspecto frio, sério.

Certa vez, a escola onde concluiu o ensino fundamental levou várias turmas para uma exposição voltada ao Egito Antigo, na Seara de Ciências da Universidade Federal do Ceará. Fábio reviveu aquilo tudo em segundos, vendo a mãe mumificada sobre o leito hospitalar. Presenciar Carmelita definhando ali, acinzentava todas as cores em seu mundo. A nova rotina estava durando mais que o esperado, chegava no horário próximo do almoço, e só saía para o trabalho, por volta de 15:30, as aulas pela manhã estavam torturantes, devido ao novo cotidiano.

Dopada pelos analgésicos e com esparadrapos em tudo que era canto, nada conseguia conversar com o filho. A enferma mais dormia que qualquer outra coisa, completando-se o terceiro dia nesse estado. O jovem continuava as suas batalhas na força... Na força do ódio.

Dias atrás, antes do ocorrido, mostrava-se preocupada com alguma coisa, não dormia direito, acordava no meio da madrugada gemendo, fortes pesadelos. Quando a conta bancária fora surrupiada repentinamente, nem ousou ir ao banco consertar as coisas, ideias de perseguição e paranoias haviam tomado seu juízo. Antes de o último jantar em família, Fábio flagrou-a chorando, agarrada a uma foto envelhecida, o garoto tentou consolar e ao perguntar nada convincente foi respondido. Segundo a mãe, o sujeito na foto era o pai de Fabim.

Dodô. Sobrenome ausência. Abandonador. Nunca deu sinal de sua existência. Jamais compareceu as reuniões de país na escolinha, nunca buscou a cria após o fim da aula, presentes, surpresinhas, brincadeiras, leituras, jamais tinha. Este homem com nome de ave extinta, até hoje desconhece o significado de pensão alimentícia. Então cosmicamente seria impossível, alguém como ele, ser a única pessoa na galáxia capaz de socorrer Carmelita, no fatídico dia em que a desgraça se fez sobre ela. Uma chamada de telefone fez tremer todo o corpo, após receber do celular da mãe, uma ligação do pai escroto. Tudo isso pinicava dentro do cérebro de Fábio constantemente.

Já deu hora, era fim de expediente. Terminara de limpar a cozinha da lanchonete onde exercia seu ofício e naquele instante não precisaria usar mais aquela toca de TNT horrorosa, que escondia seu belo franjão. Esguio, estatura média, com pernas secas e joelhos destacados, Fábio sempre usava seu shortinho curto, priorizava tons pastéis, que ressaltavam a cútis terrosa. Aziza, a chiquérrima proprietária do estabelecimento, não se importava com o comprimento da roupa, mas fazia questão da brega bata laranja estampada com a logo da lanchonete.

O terminal rodoviário das Malvinas projetado para ser um centro comercial importante do município de Caucaia comportava não somente pequenos restaurantes como o local de trabalho de Fábio, mas também sorveterias, bares e lojinhas. Após eras de negligência por parte do governo, poucos comerciantes continuaram ali, na esperança que algum prefeito fizesse realmente além das promessas em período eleitoral.

Conversando sozinho, já esquematizava os problemas do amanhã. Fábio caminhava ao longo do labirinto do minotauro, pelos becos e corredores desertos de Malvinas. Com seu desfilado semelhante à marcha atlética, passou por um bêbado encapuzado. Alto, trajando moletom bem folgado. Pouco aguentava-se ereto, mesmo apoiado na coluna pendia de um lado a outro, estilo Torre de Pisa. Estava lá cabisbaixo, calças decididas na altura dos joelhos, esvaziando a bexiga. Apesar da pouca luz e um certo jogo de sombras, Fábio contempla a pelve daquele homem, na hora que passou quase quebrando o pescoço.

As pupilas âmbar fitaram o bebum por cima do ombro, enquanto o homem alcoolizado finalizava o ato com movimentos curtos, tentando desprender a última gota dourada. Foi então que percebeu o garoto babando. Apenas um leve menear de capuz para indicar: não me importo em ser observado. O homem chamou Fábio, por meio de gestos simples com a mão direita, já a esquerda ocupava-se com o robusto volume entre as pernas. Aproximaram-se um do outro. Frente a frente, o menino estranhamente não conseguia visualizar o rosto da chapeuzinho vermelho versão alcoólatra. Tomou a iniciativa enfiando as mãos debaixo da blusa macia de moletom, mas...

Gosma. Pedacinhos gelatinosos estranhos, uma espessa vitamina de abacate lameou tudo. Braços, pernas e sandálias. – Viado! Que palhaçada é essa?! Irritou-se Fábio cravando as garras no capuz expondo-lhe a face. Porém, qual face? Na ausência do crânio, somente um toco cumprido e mastigado, minava tapurús. – Zumbii! Vociferou o garoto tão forte quanto o susto.

Mãos firmes travaram-se na altura do pescoço magricela. A voz não saía exceto o som de ganso estrangulado. Dois longos minutos debatendo-se. Globos oculares já enxergavam o paraíso, quando a perna ergueu-se em movimento involuntário esmagando os testículos gorados do monstro. Jamais suspeitou que

este seria o ponto fraco, as mãos afrouxaram e o menino despencou no chão recuperando o ar. E, antes que um segundo ataque lhe sobreviesse, rastejou aturdido para longe, sem ousar olhar para trás. Quando pôde vasculhar a área, à procura da coisa, não existia mais zumbi. Nenhum vestígio encontrou, além da grossa lama espalhada em todo canto.

Nada muito fora do habitual para os padrões de Malvinas. A não ser pela vovozinha agourenta de indumentária cigana e véu bem esvoaçante de tom escuro. Rompeu ao longe atravessando o corredor. Ela pausou o andado, ambos trocaram olhares, mas quando o garoto pensou em pedir-lhe ajuda, sumiu ela, em sentido oposto ao qual surgira.

Fábio não entendia exatamente o ocorrido. Catatonia total. O "date perfeito" de repente era um cadáver assassino. Como não ficar em choque.

Sentia-se tão solitário agora, parado ali jogado no chão e longe da mãe. A casa sem ela tão fúnebre veio à mente, tinha uma pessoa, talvez uma ligação para o seu ex-namorado. Não, de verdade sozinho. Fluídos salgaram o rosto.

Levantou-se meio dolorido, um pouco retardado, voltou à marcha atlética. Atravessando qualquer rua, de qualquer jeito, fora surpreendido. – Bibííí! Um carrão freou bruscamente, buzinando ininterrupto. O garoto voou, dando de tainha no mato à beira da estrada. Em seu encalço um motorista à flor da pele.

– Desculpa moço, não tô bom hoje, não me mate! Adiantou-se o menino.

– Caramba, que mundo pequeno né?! O piloto reconheceu a vítima.

A chuva veio lambendo a pista, erguendo o bafo de terra molhada. Um fleche incidiu nas nuvens, clareando a cena momentaneamente em um tom dramático forçado. Meio ajoelhado, o garoto mal acreditava que naquele mesmo dia ainda passaria por aquela presepada.

– Pai?!

Barulho de trovão em algum lugar.

...

O galo do vizinho há algumas horas tinha feito seu cocoricó. Lá fora, tudo estava meio úmido, a noite virou a chover. Água aquecia na leiteira na boca do fogão e o garoto em pé, meio dormindo, meio acordado move-se para lá e para cá dentro de casa. Alguns palavrões soltos à toa minimizavam a ansiedade que sentia, as tias estavam a caminho, iriam visitar a irmã no hospital junto do sobrinho e, apesar de reclamadoras, Fábio não queria ser grosso com nenhuma delas. Após o acidente da irmã, elas só puderam vir agora, o deslocamento era complicado para habitantes do interior.

Costumeiramente Fábio pensava nos problemas antes que estes acontecessem, mania tóxica, por isso quase não ouviu o barulho no portão. Dodô, picando forte a grade de ferro, com a chave de seu Range Rover Prata. A veneziana desce irritada. – Que é que tu quer Dodô? Questionou ríspido em tom grave. Escutou qualquer coisa sem muito ouvidos, até o homem afirmar: – Quero devolver esses boletos, tomei a liberdade de pagar por você!

A veneziana fecha brutalmente, indicando a recusa de Fábio, ao menos assim entendeu Dodô, antes da maçaneta chacoalhar e surgindo da porta um jovem beijudo com cara amarrada: – Não quer... Entrar e tomar uma xícara de café? Respondeu desanimado, enquanto destrancava o ferrolho do portão.

– Como pode, ontem, virei as costas um segundo pra trocar de roupa e você rouba a casa? – Bodejou um anfitrião exaltado. Por fora um semblante carrancudo, disfarçando o bom humor ao cuspir os dedos conferindo cada comprovante de fatura.

– E você, aceitaria se tivesse pedido antes? Retrucou a visita.

– Óbvio que aceitaria, querida! Era conveniente, tarra precisando, não fez mais que sua obrigação! Disparou o jovem sem papas na língua.

O visitante então limitou-se a serrilhar as pálpebras, engolindo em seco. Ambos penetraram olhares um no outro, nessa hora a chaleira piou diluindo um pouco do clima hostil. Bolachas Maria, requeijão e uma garrafa de café, era a divisa entre duas gerações de indivíduos.

O mais velho, apesar de décadas passadas, não acusava o envelhecimento devido. Os pés de galinha recusavam-se a existir em sua fuça naturalmente debochada. O modelito, terninho turquesa similar a pastor evangélico, alinhava-se a postura educada e calma quase não forçada. Lábios carnudos se faziam idênticos aos de Fábio. Íris pretas e gigantes sem vida, além da alta estatura. Por fim um crespo desgrenhado coroando um rosto acobreado.

Conversa vai e conversa vem, o diálogo continha inúmeras farpas, subindo a cada minuto graus centígrados da temperatura ambiente. Fábio desconsiderou totalmente o café, regurgitava cada palavra entalada durante anos, tudo de uma vez, a bebida escura, antes fumegante, congelou, e os perdigotos pulavam junto aos sentimentos de cada sílaba pronunciada, besuntadas de ressentimento. Deixou bem claro para além das quatro paredes que os cercavam o quanto a ausência de um pai não lhe significou nada, que apesar de se sentir abandonado por ele, Fábio jamais desejou tê-lo perto, sua mãe sempre foi o suficiente. Sentia-se vingado em poder esfregar-lhe tudo na cara.

De cotovelos sobre a mesa e mãos entrelaçadas embaixo do queixo, Dodô permanecia calado. Olhar inexpressível parecia mirar através de Fábio, pouco

afetado com o falatório. Aplumou-se na cadeira para escutar mais confortavelmente, suportando sem nada dizer. As pernas cruzadas tornaram a cruzar novamente aliviando o fluxo sanguíneo.

Indignou-se, diante da cara frígida do pai, bateu na mesa e ficou de pé, gesticulava como se lutasse esgrima. Saiu o primeiro: – Covarde! Entre palmadas na coxa, Fábio tensionava ainda mais as pregas vocais. Dodô acompanhava os movimentos do filho segurando dentro da boca contrarrazões, as veias engrossaram ramificando-se pela testa, a mordida contida inchou os maxilares, talvez o limite estivesse próximo.

A cena prosseguia em "slow motion". À sua frente um garoto revoltado descontando toda ira de décadas estocada. Internamente Dodô conteve os extintos, durante a avalanche de merda proferida à sua pessoa. Seu objetivo ali nunca foi bancar o papai, deveria buscar o que estava procurando e sair. Zero conflitos. Mas a situação converteu-se numa grande piada sem graça. – Filho?! Desdenhou visualizando aquela franja ridícula sambar por cima do rosto de Fábio. – Esse daí não para hoje.

A mesa entre eles voou. Tão rápido quanto o chute potente de Dodô lançando a mesa contra a parede. A discussão estancou, petrificando por segundos Fábio com as mãos grudadas ao peito. A ventania provocada por aquela movimentação passou rente à cara do menino, penteando o longo franjão em mesmo sentido. Perdeu o foco da visão e quando o queixo caído retorna para o lugar, um jovem assustado constatou...

Zunido cibernético agudo, seguido de... – Não sô teu pai, inferno! Reinou Dodô, apontando uma arma para Fábio, já em estado, esposa de Ló.

O apetrecho futurista era de material translúcido, munido com algo cintilante esverdeado. Faíscas elétricas surgiram em lampejos rápidos. Dodô estendia um braço firme, então se pôs a dizer sua real intenção naquele momento: – Vim buscar a droga dos pendrive com a pesquisa do Fator X.

Amedrontado, os lábios se chocavam um no outro autonomamente, o garoto tremia sem entender o que diabos Dodô dizia. Balbuciou de nervoso. A deixa perfeita para o vilão estabelecer os pontos que o trouxeram ali: – Não tá entendendo nada, né. Escuta! Trabalhei com tua mãe desenvolvendo armas biológicas, com nossos projetos, nossa facção ganharia milhões. Nosso laboratório já era, pegou fogo. Depois de um tempo descobri que Carmelita ainda estava vivinha da silva, e que tinha um filhinho chamado Fabio, olha aí! Sabe uma coisa? Cansei desse joguinho! - Declarava gasguito.

Clicou o gatilho do dispositivo, uma esfera plasmática crescia, estraçalhando qualquer coisa que entrasse em contato, a exemplo da mosca atraída pela luminosidade.

Diante de Dodô, o menino de estômago embrulhado prendeu o gorfo. Coração acelerado reviveu o episódio com o zumbi, o suposto pai soltou meias verdades, cada vocábulo ecoava em sua cachola, cravando na memória uma enchente de questionamentos. Situações irreais, somente possíveis em péssimos filmes de ficção científica.

- Não tenho mais nada pra resolver aqui. Concluiu, dando passos para trás.

Despreendeu-se como um raio, houve apenas um milésimo de segundo para que Fábio se protegesse do impacto. As duas mãos reagiram velozmente resguardando os olhos. A bolota mortífera incinerou um dos membros do garoto. O ferimento ardia em brasa, mas estranhamente Fábio não esboçou reação. Desmoronou desacordado.

Aproveitando a oportunidade, o indivíduo pôs-se a vasculhar a casa revirando tudo, não encontrava o que queria, escaldando de raiva no decorrer dos minutos.

Desistindo por instantes, volta-se ao menino. Preparava o segundo tiro, zuniu a arma outra vez. As madeixas em crespo flutuavam, expondo uma testa avantajada. Trincava rancoroso a arcada dentária. No entanto, interrompeu a finalização do alvo, gotas frias de suor descia a face negra, contemplando a figura magrinha de Fábio no chão.

Dentro do peito acendeu-se um brilho amarelo, homogeneizando com o rubro das entranhas, clareando como fogo, de dentro para fora, todo o corpo fabiano. Escancarou as pálpebras, pupilas ofídicas em ouro. Seu braço estava de volta ao lugar, intacto. Ossos, carne, artérias e tendões reconstruídos.

Abismado, o sujeito de pé somente olhava o garoto esticado. Capturou uma xuxinha do terninho turquesa, arrumou o cabelo crespo em afro puff, vazando do recinto. Acelerou a Range Rover, em sorriso irritantemente branco e deu partida no carrão. Passou por três mulheres de meia idade. Uma delas destacava-se pelas vestes teatrais que utilizava.

Dodô ainda não tinha os pendrives da pesquisa, mas talvez estivesse próximo de algo bem maior.

- Desgraçada, conseguiu aprimorar o Fator X, só pode! Seguiu acelerando.

- Fabiiiiim acorda menino! Dava tapinhas de leve no rosto.

- Chega Rosa, espia tá acordando. Notou a outra.

- Tia Naná? Tia Rosa? Entre abraços levantaram-se do chão. Meio choroso, avistou acima dos braços entrelaçados das irmãs de sua mãe, outra pessoa parada na porta. O sol era forte atrás da silhueta escura. Parecia magra com ombreiras bufantes e sete saias em silhueta sombreada.

- Quem é? Perguntou Fábio.

- Ninguém filho, onde tu viu isso?

As tias preocupadas deram um comprimido para febre e um copo de água, faxinaram tudo, compartilhando uma à outra, aspectos da zona de guerra cuja casa se encontrava.

...

Cochilava a caminho do hospital, desnortado de sono espremido entre as tias no banco traseiro de um automóvel. Fábio nem lembrou direito como veio parar naquele uber, também não importava, só queria continuar bailando com a princesa de vestido encarnado em seus sonhos. Uma mulher leve como o ar, flutuante, por pouco não tinha azas. Passando pelas nuvens, o vento sacudia o vestido longo da donzela, Fábio e a princesa deslocavam-se pelo céu, através do tempo e do espaço, pousando em Caucaia décadas vencidas.

Caísa. 20 anos no passado. Agroindústria de processamento e aproveitamento de castanha de caju. Reconheceu onde a mãe disse ter trabalhado, transpassaram as paredes e desceram ao subsolo. Fios e mais fios de energia elétrica alimentavam uma cápsula de vidro, onde imerso em líquido gestava um bebê. Um laboratório secreto abaixo da empresa. Todo equipado, com computadores, telas holográficas, planilhas de cálculos e gráficos por toda parte. - Que diabo é isso aqui? Indagou Fábio à mais nova amiga.

Ela por sua vez esticou o braço apontando uma porta automática que se abria. Irrompeu Carmelita para o espanto do filho, acompanhada de Dodô e sua cara de sempre. A essa altura Fábio sobreviveu ao mini infarto, seguiu firme. Nunca tinha visto a mãe tão jovial, tão linda, toda no jaleco branco e pranchetas embaixo do braço.

Ela posicionou-se à frente do tanque e conferia o bebê: - Oooi Fabim, nove mês passa bem rapidinho, né, fi? Falou a doutora em voz engraçada. Carmelita babava a cápsula uterina, quando fora repreendida pelo colega de trabalho. - Nem eu que cedi os genes ganho essa atenção toda. Não se apegue, viu, Carmelita, o destinatário já está definido. O Fator X não está completo e os prazos já estão no fim!

Fábio inflou de raiva, assim como Carmelita quando respondeu. - Se manque, viu, Dodô! O ajudante aqui é você, negócio de X não... Fabim!

Respondeu irritada, largando sobre a mesa os pendrives com infindáveis laudos e informações em arquivos criptografados. Os dois discutiram, o temperamento do companheiro começava a sair dos limites.

A facção trabalhava com engenharia genética criando armamento biológico destinado a fins secretos. Carmelita desenvolveu um gene capaz de controlar qualquer tipo de célula, chamado de Fator X. Que por sua vez é ativado com uma fonte de energia, mostrando ser 100% eficaz na cura de doenças, fortalecimento de organismos e até mesmo reativação de células mortas. Contudo, todos os testes feitos com fontes de energias conhecidas pela ciência apenas demonstravam resultados temporários e limitados, isso quando não se mostravam inviáveis. Foi então que Carmelita resolveu criar um indivíduo capaz de sintetizar qualquer tipo de energia e melhorar seu corpo, tornando-o imune a doenças e ferimentos, por exemplo.

O projeto fora batizado de Fábio por Carmelita, um ser humano geneticamente modificado. Composto basicamente por células controladas a partir do Fator X. Assim estava descrito, destacado em marca texto amarelo, nas centenas de páginas de relatório produzido pela cientista, e que Dodô consumia desesperadamente.

Os buracos na estrada afetavam o sono, comprometendo a conexão do garoto ao sonho, a princesa vermelha adiantava a viagem.

Arrastando o garoto até uma cabine, Fábio notou que a donzela vermelha mostrava-o, um banheiro masculino. Ela jogando seu rosto contra a porta, penetrou através da matéria. E replicando o movimento Fábio adentrou parcialmente o cubículo, verificando Dodô aplicando doses do Experimento X no próprio corpo. Retornaram dali, Fábio e a princesa vermelha, continuaram a acompanhar Carmelita.

Sozinha, tabulando os índices vitamínicos de Fábio, doutora Carmelita fareja fumaça fluindo de um dos computadores ligados ao tubo de vidro. Em seguida, no lado oposto, outra máquina explode rachando a cúpula do experimento, o líquido vazou, provocando curtos-circuitos, o incêndio espalhou-se rápido pelo laboratório. O bebê pronto para nascer consumiu grandes watts de energia, sobrecarregando as máquinas e danificando inclusive o sistema de segurança. Carmelita apressou-se em resgatá-lo e substituir a fonte elétrica o mais depressa possível. Caso contrário o feto morreria, já que o Fator X presente em seu corpinho precisa de uma fonte energética para se manter. Esbaforida conseguiu sair de Caísa acessando o estacionamento em um estabelecimento vizinho. Porém...

A claridade preencheu todos os espaços, expulsando tudo e todos em seu caminho, como sobreviveria? Tal resposta estava para além de sua compreensão. Carmelita recuperava a consciência devagar, não sofreu nenhum arranhão. O incêndio no laboratório atingiu um dos tonéis de óleo de castanha, que estava próximo de outro... E de outro. Caísa. Varrida. Da face da Terra.

Aconchegou o bebê Fábio berrando entre os braços. Invocava todos os santos que sua ancestralidade permitia, sacrificaria toda sua carreira se precisasse, para salvar: - Meu filho! - Soluçava a cientista, repetindo incontáveis vezes a mesma frase. - Meu filho.

A poeira sedimentada reuniu-se em um só lugar, formulando contornos humanoides. Ouviu-se magicamente o rufar de tambores, quando ela, pela primeira vez, se apresentou. Brincos de ouro reluziam sob o chapéu sombreiro em cor preta. Gargantilha de renda ao pescoço cumprido, nenhum seio acentuava o busto, vestido sangue justíssimo ao corpo, e pés descalços. Tão maravilhosa quanto quartzo negro. A entidade compadeceu-se de Carmelita, amparando a mulher e seu bebê.

Esmaeceu gradativamente, e em mesmo ritmo vozes retornaram incisivas. - E-ei. Chegamos benzinho, cuida! Acorde! - Tia Rosa, cuidadosa, estapeando-lhe as bochechas, acorda Fabio.

...

Macas faziam rodapé ao longo dos corredores, o hospital era tão lotado que nas cadeiras disponibilizadas para espera, aguardavam doentes a tomar soro na veia. Enfermeiros para lá e para cá, trombando pelos corredores com os ajudantes de limpeza. Gemidos, feridas horrendas, um povo tossindo e rebolando no ar fumacinhas verdes de bactérias. Mas isto é a regra em qualquer lugar, com uma "má administração pública" que se preze, a população já acostumada, pouco reivindica alguma mudança.

Após ausentarem-se para um lanche, as tias dão uma trégua nos beijos e carinhos acima do suficiente. Fabio não arredou o pé dali, não depois do que vivera nos últimos dias, Carmelita então gostaria de tagarelar infinitamente se pudesse, debilitada com ferimentos até a boca, falava com dificuldades.

Ao passo que o filho a acalmou afirmando: sei de tudo mamãe, não se preocupe. Contou do sonho, da visita de Dodô, do zumbí. A mãe pirou em cima do leito, quis chorar, porém não adiantaria. Esforçou-se para dizer: ele quer a minha pesquisa, mas eu só tenho você Fábio. Fábio a confortou, assegurando novamente: não se preocupe, estou com você mãe.

Ambos trocaram algumas palavras, perceberam que Dodô estava por trás do acidente com os cachorros, e também por trás do ataque do zumbi.

- Quando comecei a receber mensagens de ameaça, não acreditei, só que elas continuaram, entregando coisas que escondi até mesmo de você filho. Dodô de algum jeito saiu vivo da Caísa.

- Ele consumia Fator X, mãe.

- Sim! O combustível dele deve tá acabando, e encontrar a gente, é importante para que ele sobreviva. E ele precisa de tu, pra saber como ativar o elemento X definitivamente. – Metralhou Carmelita.

- Mas como ele poderia ter encontrado a gente? – Perguntou o menino.

- A conta bancária! – Lembrou a ex-cientista.

Do nada uma gritaria generalizada começou próximo da sala onde estavam. A guarda de segurança corria alvoroçada empunhando cassetetes. Enfermeiros em vão, tentavam conter um sujeito irritado que invadiu o hospital com carro e tudo. Uma Range Rover prata capotada bem no meio da recepção, poucos metros da área restrita aos pacientes. Fábio olhou para mãe agoniada, antecipando a presença de Dodô. Carmelita prendeu o menino com seus braços, não queria perdê-lo, suplicava-o para se esconder. Fábio tentaria despista-lo, levando-o para longe de onde a mãe estava.

Adiantado foi de encontro ao monstro, que o localizou de longe. Berrou o nome do menino e bateu em largada na sua direção. Fábio fugia pelos corredores desviando de senhoras, crianças e profissionais que mantinham o hospital. Na sua cola Dodô, varrendo pessoas em seu caminho, aqueles atingidos por seus empurrões, pareciam bonecos arremessados contra a parede. Zunindo mais uma vez, o garoto reconheceu o barulho, o apetrecho cibernético de Dodô estava em punho, a bola incineradora estava aposta e foi disparada, arrombando Fabio em meio a uma explosão fumacenta.

A densa cortina de fuligem tomou o lugar, criando uma atmosfera própria. Não se enxergava nada, somente um Dodô a procurar Fábio. Mas no horizonte a luz brilhou como fogo, entregando a localização do jovem. Partiu pra cima, mas fora surpreendido, pelo golpe na garganta. O que fez Dodô se desarmar, na tentativa de conter a morte instantânea.

Uma guerreira vermelha cravou cinco espadas com suas unhas de acrígel, tão firmes quanto arpões de pescaria e cintilantes como esmalte. Era Fabio? Era

um espírito protetor? Não. Eram as duas coisas. Em uma transformação "Sailor Moon", o garoto tornou-se a pele da sua entidade protetora, assim como em toda sua história, mais uma vez ela salvaria sua vida. Munindo o garoto da mais poderosa armadura de guerra.

Em sua cabeça um elmo negro em Chanel, ao peitoral, fartos seios em prata cravejado de rubis, na mão esquerda unhas como espadas longas, assim como na mão direita fincadas no vilão empalado. As pernas fortes como duas colunas vestiam-se até a pélvis em um tecido vinil escarlate.

Em baixo de seus pés arquejou o inimigo, tentando alcançar sua arma como uma última tentativa de virar o jogo. Debatia-se de dor, mas estavam lá, adagas a tirar-lhe o sangue cada vez mais profundas na carne. Dodô agora sentia o desespero, a chutar as costas da guerreira, porém não surtiam efeito algum. Recolheu as espadas, agora de cócoras sobre o tórax de Dodô. Incorporado, o médium sincronizava sua energia perfeitamente com a entidade.

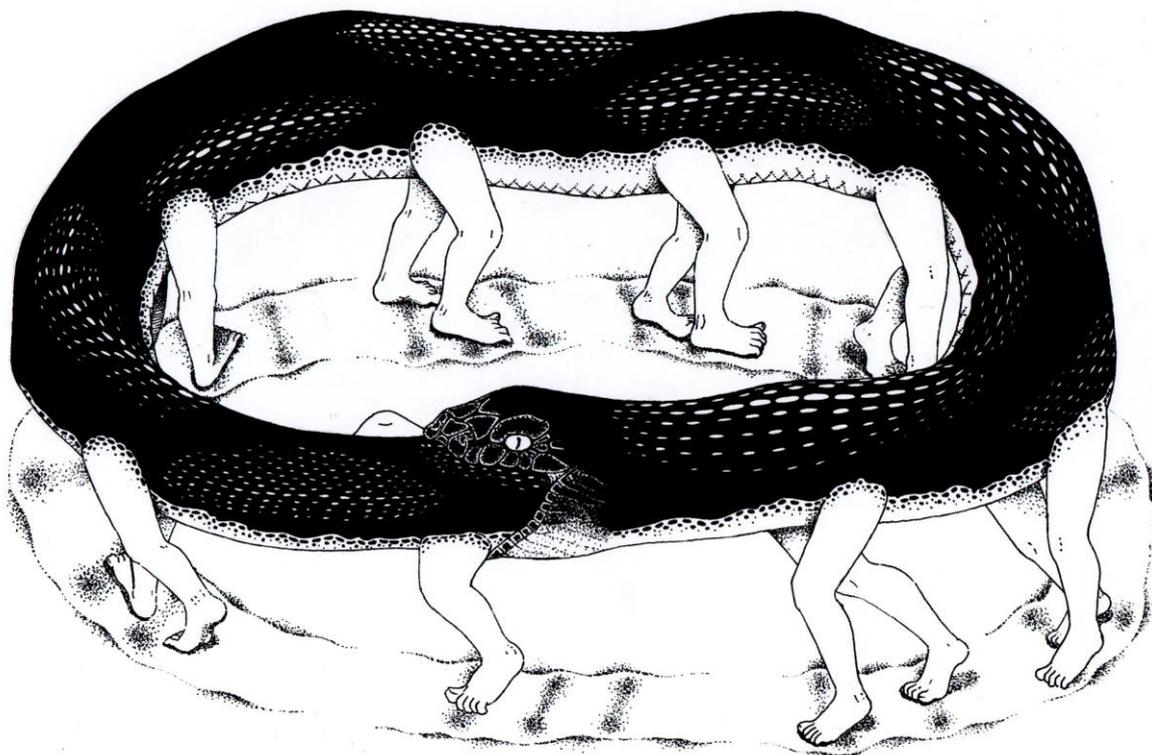
Vinha em sua mente agora a cena de Dodô consumindo Fator X, machucá-lo não adiantaria, uma vez que seu corpo fundiu-se ao gene X, as feridas seriam temporárias, e já começavam a sarar.

Em uma palmada dupla, comprimiu as bochechas do sujeito aos seus pés. Em um golpe de testa rachou sua fronte rompendo-lhe a fuça. Os lábios robustos de um Fabio endiabrado tocaram Dodô abaixo do nariz, sugando sua vida, consumindo a sua alma e junto dela, todo resquício de Fator X. Murchando o inimigo aos poucos. Cada ação desesperada foi ficando cada vez mais fraca, não iria escapar desta vez.

A fumaça despediu-se, radiante foi embora a guerreira, deixando um Fabio esgotado. No chão de porcelanato, jazia o vilão, ou seria, um maracujá de gaveta chupado. Solitário, sem vida, e finalizado.

 **TERRITÓRIOS**
afrofuturistas
Novas narrativas para o sertão

Diego Ribeiro



PENDEULO do TEMPO

realização

**RESSONÂNCIA
PRETA**

apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
CEARÁ



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA MINISTÉRIO DO
CULTURA TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Ilustrações: Rômulo Fideles

EQUIPE:

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Rômulo Fideles

Capa: Jason Felipe

O Pêndulo do Tempo

Diego Ribeiro

Bruna não enxergava mais o céu de Fortaleza, somente via uma grande superfície negra cobrindo o mesmo. Nela, símbolos côncavos da cor de ébano se formavam no meio desse plano, enquanto a própria realidade trincava na frente da jovem. Ela viu olhos de cor escarlate abrirem-se na superfície e escutou uma última voz, cuja imponência prenunciava a magnitude de algo além da sua compreensão: – A hora chegou... Agora que o limiar foi rompido, tudo estará em seu devido lugar. Não tenham aflição, meus filhos. Logo vocês não terão mais dor, nem medo, nem desespero. No novo lar, pacificamente viverão no esquecimento... E assim seremos felizes novamente.

As pequenas rupturas na realidade se partiram e Bruna e o restante da humanidade viram o mundo ruir. Se era um sonho, delírio ou pesadelo, ela não sabia. Mas o rompimento abrupto que surgiu perante a mesma foi seguido por uma enorme náusea mental. Ela sentia sua mente vagar por caminhos informes, vendo espectros rondando a visão disruptiva que tinha naquele lugar sem espaço algum.

Em um ato de proteção, Bruna fechou os olhos da alma e escutou a batida de sinos da Igreja, lembrança cativa de sua infância. Ouviu o som dos burburinhos da sua casa e sentiu-se de volta a um passado confortante. Quase como se brisas tocassem no seu rosto, ela percebeu os brilhos da memória afetarem seu coração. Em sua nostalgia, Bruna escutou novamente a voz:

– O passado guarda momentos eternos em nossa memória. Vê? Quão feliz você era, minha filha. Lembra-se dos momentos que vivia sem preocupação? Quando as chagas da pele e o ódio ancestral eram somente sombras ocultas na fantástica visão infantil...

– O que você quer?

– Eu sou um portal, apenas isso. Se desejar atravessar o horizonte até o nada, isso virá apenas de você. Assim como todos, eu também te darei a escolha... Eu lhe mostrarei a natureza deste mundo e, assim, você decidirá se quer ou não permanecer nele... Serei misericordioso, como bom Deus que sou...

– Quem é você?!

– Já disse. Eu sou um simples portal, mas se quer um nome para identificar a minha existência, pode me chamar de Nyame.

A visão do passado de Bruna se desfez na sua frente e a jovem foi levada em um grande turbilhão até uma superfície arenosa em um espaço com um fundo negro. Ela olhou ao redor dessa espécie de pequena ilha no meio do nada e não encontrou ninguém.

Em um momento, da areia do local, formou-se uma figura humanoide, revestida com um manto branco e uma máscara de ébano. Os seus olhos emitem um intenso brilho escarlate e a sua presença majestosa condiz com a manifestação de um verdadeiro Deus. A figura estende sua mão e Bruna vê nela uma massa em formato redondo:

– Dessa matéria farei uma vida. Com ela, poderei expor a você os segredos da existência.

A jovem vê a pequena massa tomar forma na mão de Nyame. O Deus coloca a mesma no solo arenoso e ambos veem um homenzinho nascer daquela matéria.

– Agora veja quão desajeitado é. Mal consegue andar, olhar ou sequer ter ciência do que faz. Ele ainda é uma existência vazia no meio da eternidade. Vamos mudar tudo, agora acrescentemos uma companhia e um lugar mais vivo...

O homenzinho ainda andava de forma destrambelhada, enquanto em sua volta surgiram outros seres como ele, assim como plantas, florestas e animais apareciam naquela superfície, antes arenosa. Mas algo ainda estava estranho:

– Não adianta. Mesmo tendo alguém como ele, mesmo tendo um lugar, mesmo tendo um mundo dentro de seu pequeno horizonte, ainda não adianta. Foi isso o que eu percebi, minha filha. Faltava algo para completar a existência humana, um fator que encerrasse minha obra... O que acha que faltava?

– Uma história – disse Bruna olhando fixamente para a divindade.

– Sim, era isso.

Nyame apertou as suas mãos e a jovem viu seus olhos escarlate ficarem mais intensos. Quando ele as separou, Bruna viu uma luz negra concentrada na frente do Deus. O brilho desceu lentamente até se dividir e possuir os seres de massa que ainda viviam perdidos. Ao entrar em contato com eles, a luz os deu vigor e movimentou as pequenas criaturas.

Elas começaram a se organizar compartilhando as histórias que haviam adquirido e, a partir disso, criando outras também. Bruna viu os homenzinhos se reunirem em agrupamentos, dividirem a pequena terra que tinham e brigar pela mesma ou pelos animais.

– Quantas vezes eu não presenciei essa cena? Depois de compartilhar as narrativas cósmicas a humanidade sempre ganhava vida; personalidades eram formadas; religiões vinham à tona; histórias épicas, dramáticas, dentre várias outras, eram contadas... Diversas comunidades humanas surgiam, dos cantos mais remotos até os locais mais abundantes. E para quê? A essência da humanidade é a narrativa, pois ela que proporciona o significado para o Ser Humano viver no meio do nada... Eu compreendi isso... Mas essa mesma virtude que dei de presente também era usada para justificar o declínio da própria humanidade.

A jovem viu as criaturas de massa guerreando na luta por recursos e na briga pelas terras até elas se tornarem novamente pó. Ela volta seu olhar para Nyome e diz:

- Por que você me mostrou isso? O que você quer?
- Somente compartilhar o que eu aprendi. Mesmo que eu tenha proporcionado as narrativas para a minha criação, ela nunca se tornava perfeita. Era sempre autodestrutiva, arrogante e vil, mesmo que seja insignificante... Não, não vale a pena continuar com isso.
- Você quer acabar com tudo assim? Não importa se os humanos erram, cada um vive a vida do jeito que pode, ainda que seja difícil, nós conseguimos construir um significado e vivemos da forma como podemos, sendo felizes e tristes em alguns momentos... Você não pode acabar com tudo só por um capricho...
- Um capricho? É ingenuidade sua considerar isso. Somente cheguei à inevitável conclusão da estupidez da existência humana, eu percebi o fracasso da minha criação.

A figura de Nyame desaparece na frente de Bruna que mais uma vez sente-se envolta em um redemoinho furioso, migrando para outro lugar. Quando isso passou, ela sentiu sua mente disforme, tendo na sua frente um cenário não euclidiano, com figuras não planas e com deformidades geométricas que enlouqueceriam uma visão comum. No meio daquele cenário caótico, ela escutou novamente a voz do Deus:

- Viaje! Viaje pelos planos além da compreensão humana e note... que você, assim como toda a humanidade é somente um pensamento insignificante no meio do

nada... Uma fagulha tola e egoísta a vagar pela eternidade... Por muito tempo a humanidade seguiu, por muito tempo ela ruiu... Todos os mundos que eu criei acabaram da mesma forma... Todos foram destruídos pelos seus próprios moradores... Em todos os mundos a existência tornou-se uma maldição para alguns e uma benção para outros... Agora, eu não quero mais errar! Tudo acabará. Irei pôr um fim nessa eternidade.

Bruna sentiu sua mente migrar infindáveis distâncias em realidades cuja estrutura não conseguia conceber, posto que desafiavam o próprio formato do espaço que ela conhecia. A jovem sentiu o peso, o frio e o vazio da eternidade em sua alma, era como se um buraco informe se abrisse no seu peito e a devorasse por dentro.

Tudo parou abruptamente. Bruna sentiu-se novamente em um corpo humano, mas não parecia o dela. Ela agora era como uma espectadora dentro de outra existência. Abriu os olhos e contemplou várias pessoas negras, como ela, ao seu redor. Todas estavam com algemas. Em um local próximo, alguns homens brancos faziam vistorias em algumas crianças, como se elas fossem animais.

Ela tremia de medo e ficou sufocada de terror ao ver um homem se aproximando dela. Fechou os olhos. Quando abriu novamente, viu-se deitada e sentiu golpes dilacerantes de chicote nas costas. A dor física se misturou com um desespero quando ela enxergou perto de si uma criança negra chorando e gritando. Fechou os olhos.

Ela até não queria abri-los novamente, mas não escapou de outra tormenta. Bruna sentiu em seu recolhimento o esvaziamento da sua alma, o medo da morte, o medo da vida, a esperança quebrada pelas chamas do ódio, a depressão pela perda de significado, o vazio da alegria, o desejo de nunca ter existido. Os sentimentos múltiplos eram banhados pelas imagens de vidas negras que nunca viveu, mas que agora sentia.

O peso daquela realidade a fez querer gritar, mas o som da agonia de sua alma não saía, ou melhor dizendo, não conseguia sair. A intensidade aumentava em limites insuportáveis, enquanto Bruna mal suportava as dores de séculos concentrados em poucos instantes. Finalmente, ela consegue enxergar novamente, mas essa era outra realidade.

A jovem viu-se em um espaço branco, repleto de nuvens e na sua frente estava Nyame. Ele tirou sua máscara e Bruna enxergou um homem negro calvo, dessa vez com um brilho dourado nos olhos:

– O Pêndulo do tempo seguirá a mesma rota infinitamente. Mas, pela primeira vez, vocês terão a chance de escolher. Se quiser continuar, tudo o que viu e sentiu será revivido como uma chaga eterna na pele de seus irmãos. Se não quiser, então a eternidade terá um fim e nunca mais essa realidade voltará a acontecer. Diga-me, o que irá escolher?

Bruna olhou fixamente Nyame até esboçar um sorriso e com sua decisão quebrar o pêndulo do tempo e encerrar a existência anterior. O Deus ficou parado na frente da jovem até também começar a desaparecer, tornando-se poeira. Ela viu a divindade sumir na sua frente e despertou para o novo mundo.

Não era aquele vazio prometido pela divindade pessimista, mas uma nova vida, diferente da que tinha visto e vivido. Um novo recomeço para a humanidade, vindo da confiança de uma nova Deusa.

 **TERRITÓRIOS**
afrofuturistas
Novas narrativas para o sertão

Agna Tavares

Os Demônios da Fazenda da Rosa

realização

 **RESSONÂNCIA
PRETA**

apoio

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA
MINISTÉRIO DO
TURISMO


**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL


**GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ**
Secretaria da Cultura

**LEI
ALDIR
BLANC**
de incentivo cultural
CEARÁ

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual
da Cultura, através do Fundo Estadual da
Cultura, com recursos provenientes da Lei
Federal, n.º 13.017, de 29 de junho de 2004.

Ilustrações: Rômulo Fideles

EQUIPE:

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Rômulo Fideles

Capa: Jason Felipe

OS DEMÔNIOS DA FAZENDA ROSA

Agna Tavares

Amara sentia o frio percorrer seu corpo e olhou para uma das barras vermelho vivo do termostato despencando aos poucos em sua caixinha na parede, mesmo que o outro termostato indicasse estar 30°C a menos de 10 metros de si. Afastando-se enquanto friccionava os próprios braços para se aquecer, repassava em sua cabeça quando fora chamada dois dias antes à Fazenda Rosa, um dos poucos provedores de alimentação da Ala Leste. A região outrora era o destino perfeito para uma viagem de férias, mas hoje acolhia tudo o que restou do país.

A Fazenda Rosa, totalmente produzida pelos antigos moradores de Xibure, antes chamado de Ceará, possuía toda sorte de espécies geneticamente modificadas para suportar e se propagar na luz artificial, baixa disponibilidade de água e de nutrientes. As fazendas nordestinas eram tudo que restou em uma realidade que a Terra utilizou o clima para revidar anos de judiação das gerações passadas, transformando chuva nos tornados que assolavam a Ala Sul e o sol num inimigo distinto, queimando todo pé de planta que ousava despontar do chão.

A Fazenda Rosa era uma construção notável, com mais de 40 andares de um silo reformado brotando do chão como as plantas que acolhia. Com a impossibilidade de plantações convencionais, todo tipo de vegetação passou a ser propagado naqueles andares, em suas máquinas similares a gigantescos aquários. Mesmo que não tivesse muitos vizinhos, seus LEDs rosados podiam ser avistados a quilômetros de distância por olhos atentos.

Quando Amara chegou, a queixa da preocupada curadora do local foi que tudo começou com pequenas batidas nas máquinas. Apesar dos esforços dos sudestinos da manutenção, LEDs piscavam, a osmose parava e os termostatos pifavam. Mesmo que o ambiente fosse controlado, as máquinas só podiam diminuir a temperatura até os 20°C. Porém, ambientes a 5°C ou mesmo 0°C, como ela mesma vivenciava naquele momento, tornaram-se comuns de ocorrer.

Mesmo depois de meses de problemas não solucionados, a sugestão de "forças malignas" surgiu acompanhada pela incredulidade dos funcionários. Depois de verem tanto em vida, o ceticismo em qualquer coisa além do presente começou a vingar. Mesmo assim, cada vez menos funcionários frequentavam a fazenda e se voluntariavam para as rondas de manutenção.

Provavelmente defeitos sistêmicos, necessidade de substituição, vida útil programada, qualquer coisa seria uma resposta assertiva. Assim, uma das poucas na região que detinha o título de engenheira foi recrutada da capital interiorana para o litoral, servindo como último recurso dos desafortunados funcionários. Naturalmente também não acreditou nos boatos, nem mesmo quando todos se recusaram, com sorrisos forçados e nervosos, a acompanhá-la na averiguação do local.

Somente depois de um dia e meio, poucas horas atrás, que alguns funcionários ansiosos chegaram ao local para averiguar como a jovem estava. *Que bom, ainda está viva*, ouviu um jovem magrelo cochichar para outro. Recebeu essas palavras com estranhamento e acabou recordando da sua noite anterior no silo.

Como um pequeno filme, lembrou-se do seu sentimento no pequeno recinto com uma rede de dormir, na qual ela estava deitada. Quase pôde reviver a sensação de uma presença sólida e fúnebre atravessando um dos poucos locais de repouso que se tornou sua instalação temporária. Chuva era um fenômeno raro nessas bandas, mas o vento ricocheteava com força nas janelas e a impedia que dormisse. Sentada na rede enquanto bebia água, teve a incômoda sensação de que as ras estavam se movendo... e a observando.

Olhando para os lados a cada minuto, os funcionários saíram tão depressa quando puderam ao primeiro sinal do pôr do sol, pouco mais de uma hora atrás. Afastando-se do termostato friorento da Sala de Sobioenergia, foi em direção a Sala de Controle de Sensores e ouviu passadas desritmadas na direção que estava indo.

Será que alguém resolveu ficar?, pensou. Esperava que sim. Nunca teve motivos para temer algo além da fome, da guerra ou do possível câncer de

pele causado pelo sol de Xibure, mas sentia que um novo tipo de temor crescia dentro de si: medo do desconhecido.

Resolveu apressar o passo para alcançar quem quer que fosse, aproveitando para tirar dúvidas sobre as biocélulas fotovoltaicas que geram energia para o silo e, quem sabe, ter um pouco mais de companhia. Poderia até convidar algum deles para compartilhar a noite, se pudessem. O quarto era amplo, haviam muitos armadores de rede e a noite era longa para uma conversa, caso não conseguissem dormir. Porém, nunca se arrependeu tanto de desejar algo.

Em vez de funcionários em macacões de brim, o que encontrou quando chegou na porta da sala foi tão inesperado quanto medonho: cerca de 30 criaturas cinzentas e magérrimas, de faces indistintas, lisas e tenebrosas que olhavam para o andar de baixo e se viraram em uníssono quando ela chegou. A princípio não teve reação alguma. Quem sabe sua cabeça insone ou os próprios funcionários não estariam lhe pregando uma peça? Involuntariamente emitiu um grito, tão estranho aos próprios ouvidos que parecia vir de uma terceira pessoa. As criaturas não esboçaram reação alguma, exceto andar na direção dela.

Percebendo que aquilo era mais que real, reuniu o esforço que podia para criar coragem e correr, descendo sem tropeçar a extensa escadaria do espaço vertical, rezando para santos e orixás para que a luz do dia despontasse em breve, talvez na esperança que aquilo fizesse parte de algum pesadelo sinistro. Tinha consciência do enorme barulho que fazia nas escadarias metálicas e esperava que isso, de alguma forma, não atraísse ainda mais a atenção daquelas coisas.

Desceu o que parecia ser um número infinito de escadas, como se chegasse sempre ao mesmo andar. Arfando e com os músculos queimando pelo esforço, sabia que não conseguiria mais descer um degrau sequer, então projetou-se para uma sala com um título ilegível pela sua visão embaçada de medo.

Ainda tentando entender o que havia acabado de ver, viu e ouviu uma nova balbúrdia que ocorria porta afora, denunciada por uma janela ao seu

lado. Mais criaturas passavam e passavam, como uma procissão disforme organizada pelo próprio demônio. Apesar de estar com a plena consciência de que cada célula do seu corpo desejava correr, estava paralisada naquela antessala de acesso. De repente, não era mais o seu reflexo e a procissão que enxergava, e sim uma mulher lhe encarando com aparência cadavérica, com pedaços de pele soltos, vestida em trapos e segurando algo fora de vista de forma potencialmente ameaçadora.

Os olhos de Amara foram os únicos que responderam àquela cena grotesca: se arregalaram de forma que poderiam sair das órbitas a qualquer momento. Chegou ao limite quando a pesada porta, com um rangido penoso, começou a abrir sem que ninguém a tocasse. Mesmo consciente da inutilidade de suas ações, ela teve ímpeto de ganhar alguma distância indo para a sala ao lado, onde o verde escuro e o marrom de plantas podres esparramadas sob as luzes rosadas lhe confundiam os sentidos. Com tantas hortaliças mortas pela problemática do maquinário, o cenário era de devastação. Misturado ao futum das plantas, a cena reconstituía com precisão um cemitério de covas abertas, aguardando que Amara fosse se juntar a elas.

O local era enorme, mas calculou que com alguma energia extra nos músculos conseguiria se afastar o suficiente até chegar às saídas de emergência. Tentar descer e encontrar a saída parecia uma tarefa inútil, mas não podia deixar de tentar. Quem sabe se chegasse ao lado de fora conseguiria apertar o botão de emergência do silo, que avisaria a todos os arredores que ela estava em apuros?

Se fortalecendo com esse pensamento, sem nunca deixar de olhar para trás, levou seus músculos cansados ao limite enquanto rodeava alfaces, se desvencilhava de hortelãs e manjericões com catingas terríveis e pulava criadouros mais baixos, mas algo interrompeu abruptamente seu trajeto. Esbarrou e caiu em frente ao que parecia uma porta de madeira, mas para seu horror era a criatura com a pele descolando, que no impacto deixou cair o que tinha em mãos: uma versão horripilante do que talvez, em algum momento, tivesse sido um bebê.

A pequena criatura soltou um grito seguido por um choro esganiçado, que despertou os sentidos da mulher em pé. Apesar de não poder ver seu rosto, conseguia sentir sua aura de fúria se formando no recinto. As luzes róseas iniciaram um ciclo intermitente de piscadas, o que aumentava o desespero de Amara cada vez mais. Se afastou como pôde, de quatro, consciente de todos os movimentos do vulto que havia se abaixado para pegar o bebê nos braços. Nesse momento, todas as luzes se apagaram.

Apenas o silvo intermitente das máquinas a deixava consciente de que ainda estava na fazenda. Com as pupilas dilatadas e sem conseguir enxergar nenhum equipamento, nenhum demônio e nem mesmo seu próprio nariz, não conseguiu conter algumas lágrimas de medo insistentes. Sentiu-se tola, mas o terror era justificado: havia perdido completamente a noção de espaço e não sabia mais em qual direção ficava a saída. O barulho dos equipamentos diminuiu gradualmente, até que silenciaram mortalmente naquela sala. Era como se o mundo inteiro estivesse suspenso no ar. Só conseguia ouvir os pulos do seu coração acelerado no peito e das outras máquinas ainda em funcionamento à distância. Arriscou levantar e dar alguns passos em direção a qualquer lugar, esperando encontrar a saída.

Uma das religiões que costumava estudar não falava sobre distinção entre bem e mal, mas a outra era totalmente dedicada a isso. Ela falava de criaturas vindas quase do centro da Terra, de um local que os antigos costumavam chamar de Inferno. O líder da sua comunidade, nas noites de comunhão da capital Crato, discordava piamente. *O inferno está entre nós*, costumava dizer. *É ele o que hoje chamamos de lar*. Nunca, até hoje, tinha levado a sério as palavras do velho. Mas enquanto andava na esperança da saída, ouvindo apenas os próprios passos e respiração, mergulhada numa escuridão com olhos, nunca teve tanta certeza da sabedoria dele.

Sentiu que estava perto da estrutura sólida que compunha o material das paredes e começou a tatear na esperança de encontrar o trinco horizontal das portas herméticas. Nunca foi de rezar, mas há situações como essas que exigem medidas desesperadas. Com um sorriso lânguido, sentiu a alça fria e retangular da porta e, sem perder tempo, abriu, empurrou e a fechou atrás de si.

Junto a breve sensação de alívio, sentiu um arrepio quando olhou para o lado oposto do corredor. Havia uma criança pequena olhando de volta, vestida em algo que parecia ser uma fralda de material desconhecido. Também tinha um rosto sem forma, mas de algum modo sua face denota um pequeno sorriso se formando. Ambos ficaram em transe naquela dança que não saía do lugar, como se cada um tentasse adivinhar os pensamentos do outro. Resetou o corpo quando a criatura deu a iniciativa do primeiro passo e começou a correr de um jeito travesso. Amara não perdeu tempo e seguiu correndo apressadamente para o corredor à sua esquerda.

Se sentia exausta – sua musculatura toda rija, a cabeça latejando e desestabilizada mentalmente. Mesmo que tivesse aquele gosto metálico causado pelo intenso retratamento e dessalinização, nunca quis tanto um gole de água. Mas além da placa de identificação do andar, o 25º, algo no seu inconsciente dizia que aquele pesadelo estava longe de chegar ao fim.

Chegando ao final do corredor, virou à esquerda novamente, passando entre a sala que havia acabado de deixar e o setor de raízes comestíveis, e seguiu adiante olhando para todos os lados, especialmente para trás. Entrou em outro corredor à frente, para longe dos passos que ouvia no lado direito, e encontrou mais uma escada. Dessa vez desceu ainda mais cuidadosamente, com medo de qualquer ruído atípico despertasse a atenção de volta para si. Desceu até o 24º andar, 23º, 22º... E estranhamente, cada vez que descia, parecia aumentar ainda mais a opressão que sentia em torno de si.

Já completamente exaurida, parou para respirar no 16º andar. Talvez o sentimento estranho fosse só um reflexo da experiência terrível que estava vivenciando, somada à ansiedade latente em sair do local. Talvez o perigo tivesse realmente ficado nos andares superiores, junto com seus poucos pertences e as máquinas quebradas. Lembrou dos funcionários e de sua superstição disfarçada de incredulidade, e que num ato quase cruel a haviam deixado sozinha com pesadelos alheios.

Me deixaram sozinha com os demônios deles. Me tiraram de casa para morrer aqui. Toda sua fadiga se transformou em raiva, a qual usou de combustível para descer mais e mais andares, desta vez sem se importar

com o barulho das escadarias sob seus pés. Seu corpo era uma bala, atravessando mais e mais andares impulsionados pela vontade de desferir certamente um golpe de capoeira em cada um dos funcionários que a visitou e não a alertou do perigo iminente.

Quase sem perceber a extensão que já havia percorrido, se viu diante do enorme portão de carga e descarga, que se localizava exatamente onde ela se lembrava, do outro lado do silo. Próximo à saída, um imenso botão vermelho vivo dentro de uma caixa transparente. Sorriu resignada, atravessando o enorme pátio pintado de rosa pelas luzes do local. O sorriso, porém, sumiu da sua face na mesma velocidade que veio. Estreitando os olhos com o cenho franzido finalmente conseguiu ver bem o local: havia sombras demais. Era certo que a luz rosa choque não chegava a todos os lugares, distribuindo pontos escuros irregulares em diversas partes do recinto, mas sem dúvida havia mais sombras do que objetos no local.

Estremeceu ao ver que, assim como na noite anterior, as sombras lhe encararam e iniciaram uma caminhada funesta em sua direção. Começou a ser cercada, aos poucos, por uma multidão errante de sombras escuras, que se acinzentam à medida que aproximavam-se da moça.

As luzes dos LEDs se misturavam de forma quase artística à sua pele e cabelos fartos e cacheados, o que contrastava de forma cômica com a máscara de horror em seu rosto. Não sabia mais o que fazer. Queria se agachar e ficar com os braços ao redor da cabeça até... até o quê? Provavelmente a sua morte, em que se juntaria àquelas almas errantes para atormentar os poucos visitantes do silo da Fortaleza de Xibure.

Não... Não queria isso. Sentiu inesperadamente um rompante de ânsia pela vida. Não iria morrer lá, naquele lugar frio e distante de casa, tendo ainda seus pais em sua terra natal e tanta vida para viver. Com a esperança instintiva, superou seus limites de medo, repulsa e angústia para atravessar aquele mar cadavérico e foi se impelindo para frente, afastando os corpos secos ou os demônios materializados em direção a saída.

Sufocando pelo esforço, conseguiu sair do círculo. Chegou se arrastando até a caixa com o botão vermelho, quebrando-a com as forças

que lhe restaram. Ao apertá-lo, um zumbido estridente se irrompeu na Fazenda Rosa, substituindo suas cores características por um vermelho sangue que piscava no ritmo do alarme.

Percebeu que não eram apenas as novas luzes que pintavam sua pele negra. Com a visão turvas, enquadrou seus braços, barriga, pernas, percebeu que estava toda suja e arranhada, com cortes pequenos e médios que abriram sua pele rachada. Não sentia dor. Apenas uma dormência latejante, que se estendia em todos os sentidos.

Como envolta por uma aura estranha, se levantou e apertou o botão da grande porta de carga e descarga, que abriu vagarosamente com uma zoadada alta e intermitente, sobrepondo até o alarme. Andou como num sonho, atravessando os poucos metros que restavam em direção a sua liberdade.

Sem conseguir se conter, deu uma última olhada para trás. Como na última vez, se arrependeu imediatamente. Não havia mais multidões errantes de fantasmas preenchendo a ampla saída, mas sobrara o pequeno garotinho sem rosto, que passou uma mão na cabeça careca e, com a outra, empurrou Amara com força para o lado de fora, que sentiu seu corpo pesado, como em um experimento sobre gravidade, rolando escada abaixo.

-x-

Nada naquela noite bizarra havia lhe preparado para o que estava vendo. Abriu os olhos com dificuldade, tentando evitar os insistentes raios de luz que penetravam na sua visão. O clima estava ameno, ameno demais... Colocando a mão no chão para se apoiar e levantar, sentiu o chão pontudo e endurecido.

Olhou assustada ao redor e não conseguiu reconhecer nada. Um enorme gramado irregular se estendia com diversos pontos de terra irrompendo o caminho amarronzado. Plantas de diversos tipos e tamanhos enormes, mais de 1,6 metros, se destacavam no seu olhar. O cheiro era igualmente estranho. Uma mistura do cheiro doce e pungente com um cheiro proeminente de morte, de coisa apodrecida e suja. Nem precisou procurar muito para identificar a fonte.

Atrás de si, além de restos de alguma comida acastanhada, amontoados em grupos de 4, jaziam diversos corpos de diferentes tamanhos e formas. Homens, mulheres e crianças desfalecidos, em posições estranhas, servindo de poleiro e fonte de alimento para diversas aves, como urubus e carcarás. Também havia uma cova meio rasa aberta, na qual alguns homens estavam inseridos cuidadosamente ajoelhados uns atrás dos outros.

Engulhou e levou a mão à boca para conter o vômito iminente. Buscando em desespero qualquer sinal de civilização que lhe desse um sinal do que estava acontecendo, não encontrou um local conhecido sequer. Nada dos guetos organizados à distância, das casas a um quilômetro do silo, do asfaltech ou de qualquer sinal de que ainda estava em Fortaleza de Xibure.

Nem mesmo o próprio silo estava lá. À distância, conseguia observar algumas estruturas precárias feitas com material que ela não conhecia, como se fosse alguma árvore cortada com folhas e algum material inorgânico amontoadado cobrindo-a. Várias casas do tipo dividiam o terreno até perder a vista. No meio, uma enorme construção retangular muito bem feita e até bonita, com telhado vermelho e paredes amareladas.

Consciente de que queria se distanciar o máximo possível daquele cemitério maldito, aproveitou que o sol já mudava de lugar para olhar ao redor e se pôr a andar. Não conseguia avistar nenhuma criatura ou ser humano, mas conseguia distinguir alguns burburinhos e lamúrias naquela distância.

Andando um bom bocado, ouviu algo se mexer mais à frente e se levantar do chão, assustando-se mutuamente. Encarava um menininho de cabeça raspada e uma fralda que mais parecia um pedaço de saco de farinha de modelo antigo. De onde se lembrava dele? *Ai meus Deuses*. Era a criatura que lhe empurrou da escada, sem dúvida. Mas ela parecia diferente, tinha feições magras e amedrontadas, com ossos oblíquos sob a pele repuxada, e parecia até... humana.

Olhando o garoto, reviveu inevitavelmente o momento em que foi parar lá, desmaiando logo após cair os degraus da fazenda vertical. De súbito, lembrou-se de fazer uma avaliação rápida de sua própria situação física. Não

estava machucada, mas parecia... acinzentada, talvez. Provavelmente não estava com uma ótima aparência, porque o menino a encarava, boquiaberto, talvez em dúvida se gritava ou fugia.

Ele fez sua escolha e fugiu gritando. Temendo ir parar junto com a pilha de corpos, Amara se escondeu atrás de um dos casebres precários e vazios enquanto um homem acalentava a criança à distância, que por sua vez apontava na sua direção.

Pensou em voltar para o cemitério e dar um jeito de retornar a fazenda, mas algo a atraía até o casarão amarelado. Ele parecia emanar algum tipo de energia estranha, como um arqueólogo que sentia a proximidade de uma grande civilização a ser descoberta. Resolveu prosseguir a caminhada, dessa vez com o cuidado de não ser vista, até a grande casa.

Passou com uma cautela quase exagerada por detrás das barracas. Elas estavam quase vazias, com apenas um ou outro ser humano deitado. Claramente o local estava vazio porque todas as pessoas estavam lá, ao redor do casarão. Mãos se moviam e pessoas se mexiam numa cacofonia de sons e corpos, que bradavam uma espécie de cartão nas mãos após sair do casarão. Escondeu-se atrás de um barraco, deitada, quando duas pessoas vieram em sua direção.

- Eles chama de abarracamento, seu Zé. Mas a negada aí já deu o nome certo. Isso aqui é um curral.

O homem e a mulher eram magérrimos, como cadáveres ambulantes com capacidades vocais. O homem era velho e tinha fala arrastada, parecendo que a qualquer momento podia adormecer.

- Mar é isso aí mermo, Nisa. Tentou ir simbora já? Os homi não deixa não.

A mulher empertigou-se na cadeira parecendo furiosa.

- Pois eu quero é ver quem é que vai mim imbarrerá, ó. Só comer um bocadim a mais de farinha com rapadura e eu e meus menino vamo tá bonzin pra ir de rumo pra mais dentro da cidade.

Amara não conseguia entender nada. Nada daquela situação ou daquelas pessoas parecia fazer sentido. Onde estava? Como foi parar ali? Por quê?

- Faça isso não, dona Nisa. Já morreu metade dos teus menino, além do cumpadi Januário. Daqui só se sai de três jeito: num trem pra tirar borracha, num trem pra morrer na guerra ou num resto de tapeba pra dentro do cemitério.

A mulher, identificada como Nisa, pareceu se apequenar diante da conversa e fitava pensativa o horizonte enquanto batia o cartão na mão. Não parecia ser idosa, mas marcas profundas de idade transpassavam seu rosto. Ela olhava o sol que baixava aos poucos no horizonte, onde só se via mais terrenos baldios e mato.

O tempo começava a esfriar e as pessoas aos poucos se dispersaram do casarão, retornando para os casebres precários. A voz de um homem se destacou na multidão de murmúrios.

- Amanhã tem um trem pra Buriti! Só pode família e mulher com fi maior de idade!

O vozeiro se avolumou com uma energia crescente, em que muitos esbravejavam furiosos. Passos pesados se concentraram acima das vozes, o que aos poucos diminuiu o volume. Amara brechou por entre as casas a tempo de ver diversos homens vestidos com roupas esverdeadas, entrando em conjunto como máquinas autômatas. Portavam objetos ameaçadores nas mãos, similares a algum tipo de ferramenta antiga de guerra que Amara viu na casa do bisavô.

O medo se instalou e as pessoas apressaram o passo para os casebres. O ar era de tensão e terror. Ela também sentiu um pânico se avolumando dentro de si. Como se estivesse passando mal, entrou em um estado quase catatônico. Se sentiu desorientada e caiu desfalecida, no chão empoeirado.

Acordou com tontura e uma dor de cabeça terrível, mas não teve tempo de contemplar muito a própria existência. Estava em meio a um mar de corpos, vivos e mortos, tão ocupados com os próprios problemas que passavam por cima dela sem nem ver.

Sentando e olhando em volta, não pôde deixar de perceber o quanto aquele lugar parecia com sua terra natal, a capital de Xibure, Crato. Porém, nada dos prédios enormes, mercados, lojas ou qualquer outra coisa podiam ser vistas. Ainda estava em meio aquele cenário infernal, em algum lugar além do tempo, com pessoas que pareciam cadáveres ambulantes e cadáveres em longo estado de putrefação.

Dessa vez ninguém lhe estranhou. Todos tinham a mesma aparência bizarra que Amara sentia que estava. Acinzentada, cheia de terra e com o rosto cansado e com olhos arregalados de tensão e terror. Pegou uma mulher ao seu lado pelos ombros em desespero. A mulher quase nem reagiu.

- Em nome de Exu, me diz onde a gente tá.
- Em Buriti, minha fia. Na fila pra morrer.

Uma construção muito similar à de Fortaleza podia ser avistada lá. Sem titubear, começou a se imprensar entre as pessoas, forçando a passagem. Quase não houve resistência. Alguns se afastaram sem reclamar, outros caíam no chão, como se já estivessem próximos de cair, de um modo ou de outro. Pessoas cheias de pústulas borbulhosas e estouradas tossiam e se contorciam no chão da passagem, enquanto Amara, afobada, apenas passava por cima. Finalmente chegando ao casarão, pôde ler algumas placas em português arcaico que estavam afixadas nas colunas.

*Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
Campo de Concentração de Buriti
Novembro de 1932*

Não podia acreditar no que estava escrito. Leu uma, duas, tantas vezes que as palavras ficaram gravadas na sua memória. Não encontrara o silo...

porque ele ainda não existia. Olhou com uma nova atenção para o estado do local. Próximo a ela, um homem recolhia corpos pequenos e magricelos, adicionando com pouco respeito o conteúdo em sudários grossos de estopa anexados a um pau.

Tudo começou a passar sem pressa, como em câmera lenta numa viagem construída por ervas. Além da multidão, via mais corpos flagelados, mais casas precárias cobertas de folhas, e uma estrutura central, como uma cadeira de madeira também estava no local.

Sentiu alguém se aproximando demais do seu rosto. Era uma pessoa alta ou ela estaria de joelhos? Não saberia dizer. Sentia seu corpo adormecido, a boca seca e a sensação de um vazio imenso, apesar da aglomeração. Seus olhos conseguiram enquadrar de modo torto uma menininha pustulenta e suja. Não sentiu nojo ou repulsa, não dessa vez. Sentiu, em vez disso, uma enorme conexão com a criança, como se fossem uma só voz, mente e alma

Agora você entende. Era como se a criança falasse sem verbalizar, como se fosse dentro de sua cabeça, como se fosse ela mesma falando. *Não queria te machucar. A gente só queria comer.* A garota colocou a mão na testa de Amara, que sentiu seu corpo em um repuxo firme e nauseante de volta para algum lugar.

-x-

Dois meses depois

A cor já havia voltado ao seu rosto e já via os enormes prédios que habitavam todos os povos do Brasil desde que se lembrava. Sabia de cor a história dos indígenas do centro oeste que deram nome a Xibure, das guerras, do imperialismo para a democracia que veio antes do regime atual. Mas não, pensando agora, não haviam lhe contado nada sobre sua própria história.

Até houve algo relacionado ao fim do costume absurdo de obrigar seus ancestrais a trabalharem até definharem, e que havia iniciado antes mesmo do

país oficializar a lei. Algo sobre Dragão do Mar, o padroeiro da cidade, e mais nada.

Assim que foi resgatada do silo por vizinhos distantes que ouviram o alarme, passou quase uma semana sob cuidados médicos. Pela desidratação e semblante magérrimo com o que foi encontrada, eles disseram que ela esteve mais de uma vez cara a cara com a morte, e ela não podia discordar, de um jeito ou de outro. Passou vários dias em sonda sem falar uma palavra, e as suas primeiras foram recebidas com estranhamento: *chame todos os antigos que puderem.*

Nem esperou sair para mergulhar profundamente na história, tantas eras antes, determinada a atestar a veracidade de tudo que a criança lhe mostrou. A informação estava fragmentada entre antigos arquivos da época do papel e memórias de alguns cidadãos, que as conheciam como lendas.

Os lugares que visitou eram chamados de Campos de Concentração. A linhagem de provavelmente mais de $\frac{2}{3}$ dos xiburenses estava marcada com essas páginas sangrentas. Confirmou também a motivação das visagens. Tinham fome; sem saberem, o prédio foi construído em cima de uma região conhecida outrora como Alagadiço na formação da Antiga Fortaleza. Sua cidade natal não escapava incólume: apesar de não abrigar nenhuma fazenda rosa, o Buriti ostentava diversos encanamentos e caminhos de asfaltechs pras outras regiões.

Depois de dois meses intensos de pesquisa, agora finalmente encarava o silo novamente. Suas luzes róseas características não mais brilhavam, e sim diversas luzes brancas e amareladas comuns. Um grande montante de gente aguardava com expectativa que Amara utilizasse logo a tesoura da sua mão para cortar a grande fita vermelha. Certos rituais acabam atravessando o tempo e o espaço para representar grandes mudanças.

Com um suspiro aliviado, dividiu a fita em dois sob uma salva de palmas dos presentes. Os antigos lhe apertaram as mãos, satisfeito com os trabalhos finalizados no dia anterior. Cada um, com sua religião, fez rezas e cânticos, montaram terreiros e velas, abriram mesas e meditaram.

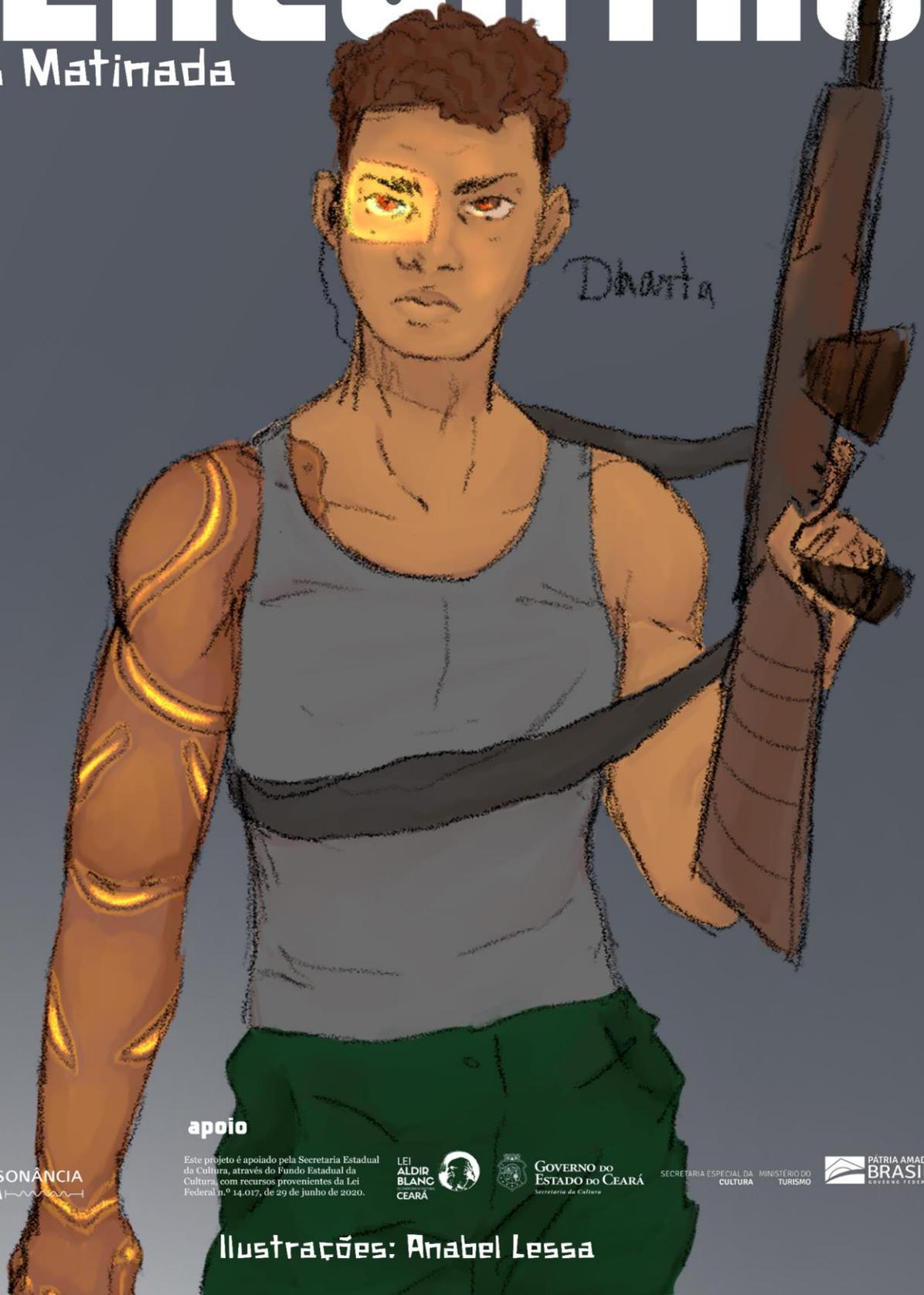
Oferendas foram deixadas e a esperança geral era que os mortos agora descansassem em paz.

O Memorial Sertanejo da Seca, depois de tantos anos de espera, foi finalmente aberto em Fortaleza. Antes de entrar para as festividades, Amara viu de relance a silhueta de uma mulher acalentando um bebê. Sua pele azeitonada brilhava junto ao seu sorriso sob o sol de Xibure e conseguiu olhar a tempo de se despedir de Amara, dividindo seu olhar com o do horizonte. Se apressou, pois tinha que ir agora. O trem já estava quase passando na estação para lhe buscar e a levar para casa.

O maior período de seca já registrado na história do Ceará ocorreu, em regime intermitente, entre 1877 e 1933. Ao todo, estima-se que mais de 170 mil sertanejos, nomeados de flagelados pelos jornais locais, tenham tentado se deslocar de suas habitações em busca de comida, água e um emprego. O que iniciou como um regime assistencialista acabou como uma forma de limpeza social, um modo que a burguesia encontrou de manter a "terra do sol" com a modernidade e beleza trazida pelo sucesso do algodão. Em 1932 havia sete campos de concentração em funcionamento, chegando no Alagadiço, em Fortaleza, a 1.800 pessoas e mais de 60 mil pessoas em Buriti, no município do Crato. Os campos não eram como os da Alemanha, usados como experimentos científicos, mas sim como uma espécie de experimento social, usado para testar no Brasil uma técnica que já vinha sendo usada em outros países. Apesar da assistência dos governos, as condições do local eram precárias e muitos morreram de fome, tifo, cólera, varíola e mesmo enterrados, jogados em valas antes mesmo de morrer. Com tantos ciclos do presente voltando ao passado, é mais que necessário que a cidade e o país não só aprendam, como também não esqueçam dos sertanejos da seca, que foram inclusive a mão de obra básica da extração de borracha do Acre, da guerra de 32 em SP e das grandes ruas de Fortaleza, além de construções atuais notáveis, como a Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Os números certamente não representam quantas pessoas realmente morreram. Apesar de oficialmente ser mais de mil, há como estimar facilmente mais de cinco mil.

REENCONTROS

Lucas Matinada



realização

RESSONÂNCIA
PRETA

apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
CEARÁ

GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA MINISTÉRIO DO
TURISMO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Ilustrações: Anabel Lessa

EQUIPE:

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Anabel Lessa

Capa: Jason Felipe

REENCONTROS

Lucas Marinada

O ataque é esta noite e o trio está com tudo planejado. No entanto, Dharta está muito nervoso e ele tem bastante motivo para isso. Ele nunca havia imaginado ser o ator principal no resgate da sua mãe biológica. Por mais de vinte anos acreditou que ela estivesse morta, e não tinha a menor ideia de que ela foi uma das responsáveis pelo sucesso da revolução que resultou na emancipação de Palmares.

Enquanto anda de um lado pro outro, ele testa várias vezes as funcionalidades da sua prótese. "Tudo está funcionando normalmente", pensa em voz alta, mas como num sussurro. Ele analisa o braço biônico, uma mistura de arma pesada com um conjunto de ferramentas tecnológicas e pensa no quanto sua adolescência teria sido diferente com aquela inovação. Ele nunca teve dificuldades com as próteses que usou durante o crescimento, nem lembra do dia em que perdeu o braço no que, até recentemente, acreditava ter sido um acidente que havia matado seus pais.

Enquanto Luena dorme – ou medita, nunca dá pra saber –, Tereza olha disfarçadamente para Dharta enquanto ele vagueia pelo aposento. Ela sabe que ele está tenso. Por isso, se levanta, vai na direção dele e o abraça. Seu queixo apoia-se na cabeça de Dharta sem que ele precise se abaixar. Ela sabe também que não precisa falar nada para tranquilizá-lo pelo menos um pouco.

Neste exato momento, os agentes infiltrados estão assumindo seus postos estratégicos no prédio onde Talíria está sendo mantida refém. Foram anos de espionagem, troca de informações e suborno a fim de obterem informações sobre o paradeiro da revolucionária que liderou a linha de frente na "Guerra Libertadora", como chamam os cidadãos de Palmares.

Dharta acompanha a movimentação em tempo real por meio de telas holográficas provenientes de pontos de luz localizados nas costas de sua mão direita. Em menos de um minuto eles deixarão a escotilha onde estão escondidos

a dois dias. Esse local faz parte de uma antiga saída de emergência utilizada para fugas em caso de atentados ao prédio, que funcionava como sede do governo. Hoje, essas instalações, além de prisão, fazem parte de um imenso complexo de pesquisas químicas.

Tereza segue à frente, já é experiente em missões no campo e sabe de cor o caminho a seguir pelo túnel até chegar à escadaria circular por onde subirão e terão acesso ao antigo salão restrito. Ela leva seu rifle AK-47, antigo, mas supereficiente nas mãos dela, é quase uma arma de estimação. Luena fecha a fila empunhando sua poderosa arma, que é capaz de atirar projéteis a uma longa distância, mas que também atira raios laser e pode causar perturbação sonora em inimigos próximos. Dharta segue entre as duas e continua acompanhando a movimentação nos andares superiores.

Todo o plano foi desenhado para que eles não encontrem soldados inimigos na entrada. Eles sobem a escada sem muita dificuldade, mesmo que alguns degraus estejam bem danificados. No salão, Dharta aciona um laser que sai da ponta do dedo indicador para derreter a solda que fixou as duas portas – é a primeira vez que usa essa funcionalidade sem ser num treinamento, seus olhos brilham e seu sangue ferve. Antes de saírem do salão, Dharta confirma com um agente externo que os monitores referentes às câmeras por onde passarão já estão com as imagens congeladas. Estão livres para prosseguir.

Dharta abre a porta e, conforme o plano, o trio se separa. Luena é extremamente habilidosa na arte da furtividade e tem o ouvido muito apurado, sendo capaz de distinguir a respiração de Tereza enquanto andavam pelo túnel. Sua missão é desativar o sistema autônomo de defesa que aciona os robôs, drones e naves autossuficientes. Tereza e Dharta continuam em direção aos laboratórios do outro lado do prédio. É de lá que descerão novamente ao subsolo para chegarem à ala da prisão.

Atrás da primeira porta, o primeiro imprevisto. Um homem vestindo um jaleco está quase deitado em uma poltrona segurando um livro fechado sobre o peito.

– Esse cara não devia estar aqui! Sussurra Dharta, visivelmente abalado.

– Calma. Será que a porta vai fazer barulho quando a gente abrir?

Dharta emula na prótese a impressão digital que abre aquela porta. Eles ouvem um som de bipe do lado em que estão, aguardam alguns segundos e, vendo que o homem não se mexe, entram na biblioteca. Dharta olha para Tereza e, com os olhos, dá a entender que não sabe o que fazer. “Eu devia ter perguntado antes de entrar”, pensa. Tereza manda Dharta seguir em direção à outra entrada da biblioteca. Se o homem acordar, ela sabe o que deve fazer. Dharta chega ao outro lado e encontra a porta destravada, abre-a lentamente e fica esperando por Tereza. Ela analisa o homem por alguns segundos e sai caminhando lentamente e de costas para a saída, para o caso de o homem acordar de repente.

Depois da biblioteca, eles devem passar por um corredor de salas e escritórios. Eles conseguem ouvir sons vindos de dentro de algumas salas. Tereza atravessa o corredor pouco interessada em saber o que tem atrás de cada porta. Ela apenas torce para que nenhuma delas abra, pois um conflito a essa altura vai desandar o plano. Já Dharta, apesar da curiosidade e da vontade de ajudar caso alguém esteja precisando de ajuda, sabe que não pode perder o foco da missão. Qualquer desvio vai colocar em risco o resgate de sua mãe. Ele ainda não consegue disfarçar a tensão que sente. Quer ver se sua mãe ainda se parece com a mulher grávida da foto que recebeu de Tereza.

Ao fim do corredor, Dharta abre outra porta com uma digital criada com base no banco de dados que foi copiado do sistema de segurança do prédio. Novamente ficam apreensivos por causa do som de bipe feito pela porta, mas dessa vez não ficam esperando e atravessam rapidamente. Dharta dá uma olhada no que está acontecendo pelo complexo. Procura dentre as telas holográficas a imagem de Luena, mas não a encontra. Ele sabe, pela localização em tempo real, que ela está

parada perto do refeitório onde apenas os soldados fazem suas refeições. É um dos locais onde sempre tem movimento. E é lá que Luena deverá usar sua arma pela primeira vez na missão.

Atrás da próxima porta estão os laboratórios. Enquanto estavam na escotilha no subsolo, eles não esperavam encontrar ninguém nos laboratórios a essa altura da madrugada, mas após o encontro com o homem na biblioteca, precisam ser mais cautelosos e silenciosos, o que também é arriscado, visto que a missão não pode se prolongar muito. A retirada deles do prédio deve acontecer de uma forma totalmente oposta à entrada. Se agora são furtivos e silenciosos, a saída deverá ser apressada e em confronto. Qualquer tempo a mais pode comprometer o sucesso do resgate.

Dharta encosta a ponta do dedo no leitor biométrico e a porta se abre. Dentro da sala, a escuridão domina parte do ambiente. A única luz agora é a da antessala de onde vieram. Por meio dessa iluminação indireta, eles conseguem perceber que, ao contrário do que pensavam, não se tratam de laboratórios comuns, com instrumentos de medição, tubos de ensaio etc. São salas com paredes de vidro transparente, uma cama gradeada no centro do espaço e braços robóticos saindo de uma estrutura presa ao teto. Do lado de fora do vidro, uma bancada com três monitores desligados e, ao lado deles, um capacete neural com vários eletrodos e um par de luvas robóticas com entrada apenas para três dedos, o polegar, o indicador e o dedo médio.

– A gente precisa melhorar no detalhamento na hora de passar informações. Reclama Dharta enquanto fecha a porta.

– Xiiii...

– Sério! Que tipo de laboratório é esse? São salas de cirurgia. Por isso que nessa parte não tem câmeras.

– Cala a boca, D. Acho que tem gente aqui. Ouvi um ruído. Deve ter mais de dez salas como essa que a gente viu. Vamos procurar a saída bem devagar e sem fazer barulho.

De acordo com a planta do local, a saída fica na diagonal oposta da porta por onde entraram. De lá, eles devem atravessar um corredor que dá para o restaurante onde os pesquisadores e cientistas comem e, então, passar por outra saída desativada que vai levá-los ao subsolo onde ficam as celas. Antigamente, essa parte do prédio era usada por políticos do alto escalão e por empresários bilionários para fazerem suas festas regadas a bebidas, charutos e prostituição. Tudo pago com dinheiro público.

A dupla se dirige para a porta de saída, mas Tereza novamente ouve um ruído. Uma das salas está sendo utilizada, um dos monitores externos está ligado e mostra informações numéricas que ficam mudando em intervalos de segundos. Eles não conseguem enxergar se há alguém dentro da sala nem têm certeza se algum cientista esteve recentemente no local. O medo deles agora é que alguém entre para continuar o trabalho.

Dharta toca no ombro de Tereza e mostra para ela o botão de feixe de luz. Ele tem a opção de ligar desde uma lanterna potente com um canhão de luz que alcança centenas de metros a pequenos leds que piscam rapidamente contornando as superfícies onde é projetado. Tereza reluta, mas autoriza Dharta a usar o led apenas uma vez, “Se alguém vir essa luz, a gente vai morrer nesse prédio sem eu ter reencontrado minha irmã”, pensou.

Dharta aciona uma vez o led por 0,3 segundos, a luz atinge o vidro e reflete parcialmente a imagem da dupla. A parte da luz que atravessa refratada mostra um volume acima da cama.

– Acho que tem alguma coisa...

– Xiii... Tereza parou por alguns instantes. Joga de novo, só que um pouco mais lento.

Dharta configura o led para brilhar por 1 segundo e vem a confirmação. Tem uma pessoa deitada na cama da sala de cirurgia.

– A gente tem que tirar ela de lá. Disse Dharta.

– Não tem como. Se a gente fizer isso, pode dar adeus à missão, à sua mãe – Tereza sentiu que foi dura demais. A gente nem sabe se essa pessoa tá viva.

Enquanto discutiam, vozes começaram a soar vindas do corredor por onde eles devem sair. A dupla recua e tenta se valer da escuridão na tentativa de não serem vistos. Três cientistas entram na grande sala distraídos falando sobre futebol. Um deles digita uma senha no teclado virtual projetado na bancada e encosta o polegar na borda de um dos monitores. Eles se acendem, bem como as luzes dentro da sala de vidro. Um dos cientistas coloca o capacete neural e encaixa os dedos das duas mãos nas luvas. Os movimentos que ele faz com as mãos do lado de fora do vidro resultam em movimentos dos braços robóticos acima da cama. Quando o lençol é puxado por um dos braços e o rosto da paciente aparece, Tereza quase entrega a posição da dupla com um grito que ela segurou tampando a boca com as mãos. Dharta não entendeu inicialmente, mas a perplexidade e o silêncio de sua parceira fizeram com que ele chegasse à mesma conclusão. Aquela era sua mãe, Talíria, irmã de Tereza.

Dharta sente o sangue subindo à sua cabeça, pequenas luzes de led piscam rapidamente na sua prótese. Enquanto Tereza ainda lida com a surpresa, ele levanta e avança rápida e silenciosamente em direção aos cientistas, mas sem tempo para decidir qual o melhor golpe, lança uma rajada de laser nos homens, dividindo seus corpos em várias partes. O raio atinge o computador e os vidros fazendo soar o alarme de todo o prédio.

– Merda, Dharta. O que você fez?

– Eu salvei minha mãe, foi isso que eu fiz!

– Mas você condenou nós três, quatro com a Luena, à morte. Como a gente vai sair daqui?

Dharta não tinha resposta para isso. Ele não havia pensado em nada disso antes de despedaçar os cientistas. Agora tem uma mulher desacordada numa maca, alarme soando a uma altura atordoante e o plano de retirada não está em andamento. Mas isso pode ser resolvido.

– Z! Z, agora! – gritou Dharta no comunicador presente em sua prótese e virou-se para Tereza. Vamos seguir o plano, correr até onde der. Você leva minha mãe, e eu vou derrubando os soldados. Se for preciso, alcanço vocês depois.

– Mas, Dharta e a Luena?

– Ela deve ter ouvido minha mensagem, já sabe que a retirada vai começar. Vamos!

Eles tiram Talíria da cama e seguem pela mesma porta que os cientistas entraram. A essa altura os soldados da área da prisão já estão preparados para a ação. Dharta toma a frente, atravessa o corredor e chega à entrada da passagem que leva ao subsolo. Sem paciência para ativar biometricamente a porta, ele dispara um raio e destrói completamente a porta automática. Eles descem rapidamente, mas no sentido oposto os soldados sobem em comboio. Dharta diz para Tereza esperar e que atente à retaguarda. Ele desce na frente e pouco tempo depois ouve-se gritos, disparos de armas de fogo e uma explosão. Gritando, Dharta pede a Tereza que desça. Eles entram na área da prisão cuidadosamente, pois certamente alguns soldados ficaram na contenção. A expectativa foi atendida, mas não eram soldados comuns, e sim animais robôs, principalmente cachorros robôs equipados com armas de fogo. Dharta hesita e acaba atacado por um deles, depois outro e outro. Tereza, mesmo carregando a irmã desacordada no ombro, descarrega sua AK-47 nas máquinas. As celas são hermeticamente fechadas e não há nem janelas, logo não é possível ver quem são os prisioneiros. Dharta, mesmo contrariado, decide continuar a fuga e desiste de libertar os demais presos.

O alarme continua soando, mas na área da prisão não parece haver movimento. A dupla segue em direção à saída, que será num prédio anexo ao

principal. Outro túnel liga a prisão ao prédio vizinho. Enquanto atravessam, Dharta tenta se comunicar com a equipe de retirada.

– Z. Andamento!

– 95%, D.

A mensagem indica que a etapa final está 95% concluída. Quando chegarem ao outro lado, o planador supersônico deve estar a postos. O problema é que o inimigo também possui naves de combate de alta velocidade.

Dharta chega à porta de acesso ao prédio, insere o dedo no leitor, mas nada acontece. “O sistema de defesa deve ter sido reiniciado”, pensou. Sem tempo para pensar numa solução elaborada, ele pede para que Tereza recue, retira um cilindro de dentro da prótese, posiciona-o próximo à porta, afasta-se e detona o explosivo. A porta foi danificada, mas não totalmente destruída. Ele repete o processo e consegue liberar a passagem. Esses explosivos possuem uma tecnologia que cria um vácuo em volta da explosão impedindo que o som se propague. A dupla ainda precisa subir para o terraço do prédio, pois é lá que eles embarcarão na nave. Eles chegam ao salão principal e Dharta percebe que alguns soldados estão fazendo buscas no andar. Ele recua, senta-se, e, pela primeira vez, repousa os olhos sobre sua mãe. Lágrimas começam a escorrer em seu rosto. Talíria ainda está sob efeito de anestésicos, mas seus sinais vitais podem ser sentidos.

– Como a gente vai sair daqui, tia? Essa foi a primeira vez que Dharta chamou Tereza assim.

– Não sei, filho, mas precisamos pensar. Será que a Luena já conseguiu desativar a defesa?

– Acho que não. Se ela conseguiu, foi temporário, pois a porta estava travada e não reconheceu a digital. O sistema deve ter sido reiniciado.

– Onde ela tá agora?

– Vou olhar aqui. Ela tá... ela tá em cima da gente!

Surpreso, Dharta aciona o comunicador.

– Luena, como chegou aí? Estamos no andar de baixo.

O que eles não sabem é que ela já estava há bastante tempo no mesmo local, acuada pela presença dos soldados no andar. No comunicador de Dharta chega uma mensagem informando que a retirada está pronta e que só estão aguardando o sinal para se posicionarem no local combinado. Dharta está sem ideia. "Será que algum desses soldados é um agente nosso infiltrado? Como posso descobrir isso?", pensa Dharta.

De repente, irrompe um som de hélices de helicóptero, um som não muito comum nos dias de hoje. Em seguida, começa um tiroteio no andar de cima. Uma milícia paramilitar de oposição ao governo local chegou para auxiliar no resgate de Talíria. Eles devem ter sido acionados pelo Serviço de Inteligência de Palmares e provavelmente receberam algo muito valioso em troca.

Tereza se protege e protege a irmã. Dharta aproveita a correria dos soldados para, de longe, neutralizar alguns deles. Poucos segundos depois, Luena aparece do outro lado do salão. Ela acena para Tereza, chamando-a para outro lado. Dharta faz a cobertura para que as duas possam atravessar. No mesmo momento ele sinaliza para a equipe que a retirada pode ser efetuada. Enquanto Luena guia Tereza até o terraço, esgueirando-se pelos cantos da parede, Dharta percebe que os aliados recém-chegados estão sendo devastados, seu helicóptero já foi derrubado e há muitos corpos deles no chão. Seguindo seu coração, ele parte pro ataque aos soldados inimigos. Consegue matar vários deles e, conseqüentemente, salvar a vida de vários insurgentes.

No meio do tiroteio, tentando se proteger, Dharta avista um soldado inimigo com o rosto familiar. Enquanto o soldado atira nos invasores, Dharta fica hipnotizado com a semelhança do soldado com ele mesmo. De repente um tiro atinge esse soldado, que cai morto no chão. Dharta acorda de seu transe e decide abandonar o confronto e correr para o terraço. Durante a corrida, ao entrar numa porta, ele bate de frente com um inimigo. Os dois se agarram numa luta corporal,

e, quando Dharta se dá por si, lhe parece que está lutando contra o espelho, porque este soldado também tem o rosto idêntico ao seu. Distraído, Dharta é atingido pelo cano da arma na cabeça e cai meio grogue no chão.

Luená, após deixar Tereza dentro da aeronave com Talíria, volta e vê Dharta sendo arrastado por um grupo de soldados. Ela sabe que não tem mais nada que possa fazer. Volta para a aeronave, explica à Tereza a situação, e elas partem. O resgate de Talíria foi bem-sucedido, mas a perda de Dharta já está sendo sentida por Tereza. Resta pensar como vão contar essa história para Talíria quando ela recobrar a consciência.

Dharta sabe que está sendo levado como refém pelos soldados brasileiros. Ele consegue identificar mais dois deles com feições iguais às suas. Em choque, não consegue raciocinar direito e acredita que a pancada na cabeça está causando essa confusão. Uma rajada de metralhadora é disparada na direção de Dharta. Ele cai no chão e vê vários soldados inimigos caindo. Os que não morrem de imediato, Dharta completa o serviço. Um homem aproxima-se e limpa os ferimentos de Dharta com um pano molhado. Ele é negro, barbudo e tem o rosto amigável, apesar da pele aparentemente castigada pelo sol e pelo tempo. Ele olha para Dharta e diz:

– Não imaginei que te veria novamente. Estou muito orgulhoso do que você fez aqui hoje. Agora precisamos sair daqui, porque eu também quero voltar para casa e reunir nossa família.

Dayze Vidal

TRAVESSIA

realização

 **RESSONÂNCIA**
PRETA

apoio

Este projeto é apoiado pela Secretaria Estadual da Cultura, através do Fundo Estadual da Cultura, com recursos provenientes da Lei Federal n.º 14.017, de 29 de junho de 2020.

LEI
ALDIR
BLANC
GOVERNO DO
CEARÁ



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria de Cultura

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

 **PÁTRIA AMADA**
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

Ilustrações: Anabel Lessa

EQUIPE

Organização: Kinaya Black

Coordenação: Alan Avelino e Milena Sousa

Revisão do texto: Samuel Maciel

Ilustração: Anabel Lessa

Capa: Jason Felipe

TRAVESSIA

Dayze Vidal

"retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro".

Algum dia de Janeiro de 6021

Ayá no meio da mata olhava o céu e contemplava as estrelas que pareciam cobri-la como se fosse um manto. Ao fundo os sons se misturavam em uma sinfonia composta por cantos de pássaros, água dos riachos e cachoeiras e os barulhos das árvores que sussurravam umas para as outras. Aquela mata era sua casa, as terras e os rios nutriam cada pessoa que Ayá conhecia.

Em meio a mata que tanto gostava e vivendo em perfeita harmonia há muitos anos, mais anos do que podia lembrar, estavam as construções que ajudara a desenvolver, desde suas fantasias de jovem até as concepções mais concretas e as construções. Seu povo não estava mais desamparado. Séculos de escravização, discriminação e crueldade finalmente ficaram apenas como uma lembrança da história para que não se repetisse mais.

Aquele dia era de relembrar. De olhar para o passado como meio de compreender seu presente e construir o futuro. O portal já devia estar aberto, todos os anos desde a primeira abertura em 2021 se abria, sempre em janeiro. Aquela abertura permitia aos mais jovens uma viagem ao longo de sua história para que vissem o erro cometido por muito tempo e que ocasionou a prisão do corpo e da alma da população negra durante séculos.

A pandemia de 2021 ocasionou ainda mais o acirramento e mazelas sociais aos quais a população negra era submetida. O auto-ódio parecia cada vez mais tomar conta e destruir qualquer indício de construção de luta que viesse de fato a

combater o racismo. Não parecia existir solução para tamanhos abismos que se formaram entre os pretos e as pretas.

Até aquele longínquo dia, um grupo de pessoas pretas na chapada do Araripe procurando indícios da luta conjunta por sobrevivência entre negros e indígenas foram entrando mata adentro até perceberem que já tinham passado no mesmo ponto algumas vezes, umas touceiras de capim santo gigante. O cheiro era inebriante, tomava de conta do ar e trazia uma sensação de bem-estar e leveza. Ao se aproximarem, perceberam uma passagem entre uma touceira e outra do capim.

Benin, avó de Ayá, contara à neta muitas vezes sobre a travessia. O passeio guiado e sobre os vários portais abertos em todos os lugares do planeta. Em cada portal estariam ancestrais, responsáveis por guiar o povo no trajeto de construção de sua história.

Como resultado, todos os anos os portais se abriam e os jovens que deixavam a infância há pouco, eram guiados por seus ancestrais para que conhecessem o passado e o legado de seu povo. A travessia trouxera autonomia ao povo preto que consciente de tudo que alimentara o racismo durante séculos, decidiram construir seus espaços em detrimento da busca desenfreada por ocupação de espaços que nunca nos caberiam.

Com a tecnologia vivendo em harmonia com a natureza, ao longo dos séculos foi possível prorrogar a vida de forma saudável. Nenhuma pessoa preta viva em situação de rua ou passando fome e o auto-ódio já não existia mais há muito. Ayá chegou ao Baobá e encontrou um grupo de jovens que seguiria com ela na travessia.